

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES - LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDUARDO DA SILVA MOLL

**A CURA PELA PALAVRA: UM OLHAR BAKHTINIANO PARA A INTERAÇÃO DISCURSIVA NO
TRATAMENTO PSICANALÍTICO FREUDIANO**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

EDUARDO DA SILVA MOLL

A CURA PELA PALAVRA:

**UM OLHAR BAKHTINIANO PARA A INTERAÇÃO DISCURSIVA NO TRATAMENTO
PSICANALÍTICO FREUDIANO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de concentração: Linguística – Teorias e Uso da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti

Porto Alegre

2022

Ficha Catalográfica

M726c Moll, Eduardo da Silva

A cura pela palavra : um olhar bakhtiniano para a interação discursiva no tratamento psicanalítico freudiano / Eduardo da Silva Moll. – 2022.

160 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti.

1. Alteridade. 2. Consciência. 3. Dialogismo. 4. Subjetividade. 5. Tratamento psicanalítico freudiano. I. Di Fanti, Maria da Glória Corrêa. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Loiva Duarte Novak CRB-10/2079

EDUARDO DA SILVA MOLL

A CURA PELA PALAVRA:

**UM OLHAR BAKHTINIANO PARA A INTERAÇÃO DISCURSIVA NO TRATAMENTO
PSICANALÍTICO FREUDIANO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de concentração: Linguística – Teorias e Uso da Linguagem.

Aprovada em 24 de Fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Luciano Ponzio – Università del Salento – Lecce

Dr. Marcos Antonio Moura Vieira – Prefeitura Municipal de Recife

Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti – PPGL/PUCRS
(Orientadora)

Porto Alegre

2022

À minha *mater-matriz*, exemplo da amorosidade incondicional, que faz da rememoração a *existência outra* de cada ato.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Rosangela e Mozart Moll, eixos estruturantes do meu ser, que sempre encorajaram e apoiaram o desenvolvimento de meus estudos. Sem o cuidado de vocês, nada disso teria se concretizado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹, que, mesmo sob preocupantes cortes de verbas relativos ao período 2019-2021, me concedeu uma bolsa de estudos, sem a qual esta pesquisa, fruto de dedicação integral, não teria sido possível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL/PUCRS), que me acolheu como pesquisador em formação.

À Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti, que, me dando a chance de ser seu orientando, aceitou, de início, meu projeto de pesquisa, ajudando-me a lapidá-lo. Minha orientadora se tornou entusiasta de ideias *outras*, interlocutora engajada deste trabalho, coautora de artigos e voz ecoante em minha formação.

Ao Prof. Dr. Luciano Ponzio e ao Prof. Dr. Marcos Moura-Vieira, que aceitaram compor minha banca de qualificação, inspirando-me com seus escritos e lançando um olhar carinhoso e animador a esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Luiz Augusto Celes, que, com a receptividade na troca de e-mails, me indicou leituras *outras* que ajudaram a delinear a perspectiva psicanalítica aqui registrada.

Ao Prof. Dr. Daniel Omar Perez, que me endereçou palavras de encorajamento e me ofereceu imenso suporte.

Ao Prof. Dr. Valdemir Miotello, que, além de sua companhia, me ofereceu seu exemplo, ensinando-me a contemplar o tom amoroso do ato aberto, arriscado e transformador.

Aos docentes-pesquisadores do PPGL/PUCRS, em especial às professoras Ana Ibaños, Cláudia Brescancini, Cristina Perna e Glória Di Fanti, e aos professores Cláudio Delanoy, Pedro Theobald e Ricardo Timm de Souza, que, generosa e dialogicamente, construíram conhecimentos nas aulas ministradas durante minha estadia no Programa.

À Secretaria do PPGL/PUCRS, que, em meio às turbulências pandêmicas, solucionaram minhas dúvidas e percalços com cuidado e rapidez.

Aos meus colegas de instituição e de pesquisa, em especial ao *Grupo GenTe*, que, mesmo a distância, afetosamente dialogaram comigo na construção desta dissertação, contornando a solidão do isolamento social necessário.

¹ Processo 130711/2020-9

À minha amiga e professora Dra. Kelli Machado da Rosa, que me apresentou à pesquisa e à PUCRS, me acompanhando em importantes trajetos. Obrigado por contribuir dialogicamente com as ideias registradas nesta Dissertação.

Às minhas amigas e professoras Rubelise da Cunha, Luciana Coronel, Raquel Rolando Souza e Cláudia Mentz, que me apresentaram a prosa e a poesia como fontes de cura e de (trans)formação.

Às minhas amigas Flávia Ribeiro, Patrícia da Rocha, Patrícia de Azevedo, Verônica Seidel, Luciane Alves Branco, Giselle Fetter, aos meus amigos Gael Rodrigues, Asafe Cortina e Cristiano Sandim Paschoal, e às minhas professoras Ana Paula Alba Wildt e Josiane Borges de Moraes, que, além de me presentarem com sua companhia, ouviram minhas ideias e prestaram a elas uma contrapalavra.

Por fim, ao psiquiatra Arthur Vier e ao psicólogo Eduardo de Bem, profissionais exemplares da saúde mental, que não só me acompanharam nesse difícil período pandêmico, mas também contribuíram à gestação deste texto.

*A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica.
A consciência individual não é a arquiteta da superestrutura ideológica, mas apenas sua
inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos.*

(VOLÓCHINOV, 2018, p. 98).

*O terceiro e mais sensível insulto, no entanto, a mania de grandeza humana deve sofrer da
pesquisa psicológica atual, que busca provar ao Eu que ele não é nem mesmo senhor de sua
própria casa, mas tem de satisfazer-se com parcas notícias do que se passa
inconscientemente na sua psique.*

(FREUD, 2014, p. 381).

*Em Dostoiévski o [sujeito] é representado sempre no limiar, ou, em outros termos,
em estado de crise.*

(BAKHTIN, 2018a, p. 328).

RESUMO

O tenso diálogo entre o dialogismo e a psicanálise, mais conhecido pela obra *O freudismo: um esboço crítico*, de 1927, caracteriza-se pelas contundentes críticas que Volóchinov destinou ao discurso psicanalítico. Entretanto, o sucesso prático do tratamento freudiano não fora desabonado por Volóchinov, o que anima a hipótese desta pesquisa de que se poderia compreender a cura pela fala por um viés sociológico, discursivo e alteritário, calcado nas propostas de Bakhtin e o Círculo. Então, esta pesquisa, de cunho teórico, parte de três perguntas norteadoras: i) De que forma as críticas à psicanálise, registradas na obra *O freudismo*, reiteram uma perspectiva de sujeito alinhada ao ideário de Bakhtin e do Círculo?; ii) Que elementos especificam o gênero discursivo sessão de psicanálise, tendo em vista os possíveis processos alteritários e discursivos implicados na terapia freudiana?; e, por fim, iii) Quais as condições e as dinâmicas discursivas e alteritárias engendradoras da assunção da experiência psicanalítica como válida e própria ao sujeito que visa à cura? Com esses questionamentos, foi proposto o objetivo geral de perscrutar, a partir do ideário bakhtiniano, possíveis inteligibilidades teóricas acerca de dinâmicas alteritárias, dialógicas e discursivas atinentes ao tratamento psicanalítico freudiano. Tal objetivo desdobra-se em três objetivos específicos, a saber: i) Investigar a concepção de sujeito que subjaz à contrapalavra de Volóchinov a Freud; ii) Prospectar processos alteritários e discursivos envolvidos na cura pela fala freudiana, considerando a sessão de psicanálise como gênero do discurso; e iii) Discutir as possíveis condições e os possíveis processos engendradores da assunção da experiência como transformadora pelo sujeito que visa à cura, tendo em vista os entrecosques entre a palavra minha e a palavra do outro. Em termos metodológicos, a pesquisa realiza uma discussão teórica, qualitativa e bibliográfica, cotejando os textos de Bakhtin e o Círculo com os textos de Freud no intuito de oferecer leituras alternativas, sociológicas, discursivas e alteritárias, ao processo de tratamento psicanalítico. Entendendo o tratamento como processo calcado na fala rememorativa e na escuta clínica responsiva, prospectamos uma visada possível ao acontecimento psicanalítico enquanto gênero do discurso, em que a “cura pela palavra” se dá no circuito de responsabilidade nele travado, assim como na dialogização de vozes heterodiscursivas constitutivas do par analítico. Questões sobre *setting* (enquadre) e transferência, além da interpretação, permitiram-nos entender a elaboração em análise enquanto coenunciação elaborativa dialogizada. Também, estudamos as condições pelas quais a experiência analítica poderia ser assumida/assinada pelo sujeito como própria e efetiva. Aspectos como a tensão entre *pravda* e *istina*, as condições cronotópicas da memória e os movimentos alteritários entre eu e outro ancoraram-nos na perscrutação da “palavra que (me) cura”. Entendemos que o sucesso do tratamento se daria no entrecosque semanticamente aberto entre a palavra do analista e a palavra do analisando. Ao conceito freudiano de construção na análise, oferecemos a ideia de excedente de visão do analista, no sentido de acabamento relativo à história de vida relatada, para que, então, o analisando possa responder a tal interpretação ampliada, dando novo acabamento a si mesmo através do outro. Nesse sentido, compreendemos a construção em análise como coenunciação dialogizada criativa, em que o par analítico enuncia um passado elaborado conjuntamente. Com a presente pesquisa, entendemos que a coenunciação terapêutica é inscrita no diálogo travado na sessão de psicanálise, o qual é parte do diálogo infindo e inconcluso. Este marca a presença do outro no eu, do social na consciência individual, seja na esfera clínica, seja em outras esferas da vida, acenando à infinda (trans)formação subjetiva na e pela linguagem.

Palavras-chave: Alteridade; Consciência; Dialogismo; Subjetividade; Tratamento psicanalítico freudiano.

ABSTRACT

The tense dialogue between dialogism and psychoanalysis, registered in the work *Freudianism: a critical sketch* (1927), is characterized by Volóchinov's strong criticisms towards Freudian psychoanalytic discourse. However, the psychoanalytic treatment's practical success did not suffer reprimands. Such fact fostered this research's hypothesis that one could understand Freudian's talking cure by a sociological, discursive and alteritary approach, based on Bakhtin and his Circle's ideas. Thus, our theoretical investigation formulates three research questions: a) How do the critics towards psychoanalysis, registered in the book *Freudianism*, ground a subject perspective that is aligned to the ideas of Bakhtin and his Circle?; b) What elements specify the speech genre psychoanalytic session, acknowledging plausible alteritary and discursive processes related to Freudian therapy?, and c) What are the alteritary and discursive conditions and dynamics that forge the assumption of psychoanalysis experience as valuable and valid to the subject whose aim is to be cured? As a general objective, this research aims at scrutinizing plausible theoretical intelligibilities regarding alteritary, dialogical and discursive dynamics related to the psychoanalytic treatment. Following this general objective, this research formulates three specific objectives: i) To investigate the conception of subject that could be underlined from Volochinov's counterword to Freud; ii) To prospect alteritary and discursive processes involved in Freud's talking cure, considering the psychoanalytic session as a speech genre, and iii) To discuss the possible conditions and processes that foster the assumption of psychoanalytic experience as valuable and valid for the subject whose aim is to be cured, focusing on the intertwining of the self and other's discourse. In terms of methodological approaches, this research propels a theoretical, qualitative and bibliographic discussion, comparing texts of Bakhtin and his Circle and texts of Freud, aiming at offering sociological, discursive and alteritary alternative views to the psychoanalytic treatment. Conceiving such treatment as a process based on a discourse that recollects one's life story, as well as on responsive clinical listening, we prospect an alternative view to psychoanalytic event as a speech genre, in which the "cure by discourse" is held within a specific responsivity circuit, and also in heterodiscursive voices' dialogization. Notes on setting and transfer, along with analytical interpretation, allowed us to conceive analytical elaboration as dialogized co-uttering. Adding to relatively stable aspects of the speech genre, we studied the conditions upon which analytic experience could be assumed as valid, fostering effective cure as an answer that subjects give to oneself and to others. Aspects such as the tensioning between *pravda* and *istina*, the chronotopical characteristics of memory, and the alteritary movements between the self and the other allowed us to scrutinize "the discourse that cures (me)". We understand that therapeutic success would be held due to the semantically open intertwining between the therapist's discourse and the client's one. We responded to the Freudian concept of construction with the construct of analyst's surplus of view, responsible for giving relative finishing to one's life story, so that the client, once responding to the analyst's surplus of view, could give authorial finishing to oneself based on the discourse of the other. Thus, we propose construction in analysis as creative and dialogized co-uttering, in which the analytical pair utters a past that is dialogically constructed. With our research, we understand that therapeutic co-uttering is subscribed to the dialogue held in the psychoanalytic session, which is part of the unfinished dialogue. The latter guarantees the constitutive presence of the other in the self, of the social in the individual, either in the clinical sphere and in many others, pointing out to the ongoing subjective (trans)formation in and by language.

Key-words: Alterity; Consciousness; Dialogism; Subjectivity; Freudian psychoanalytic treatment.

SUMÁRIO

PARA COMEÇO DE DIÁLOGO.....	12
1 O SUJEITO QUE FALA NA ANÁLISE: CAMINHOS TEÓRICOS DE PESQUISA	24
1.1 APONTAMENTOS SOBRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE.....	27
1.2 ASPECTOS SOBRE LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA E SUBJETIVIDADE.....	35
1.3 NOTAS SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO E SUA RELAÇÃO COM A CONSCIÊNCIA.....	45
2 “CURA PELA PALAVRA” E “PALAVRA QUE (ME) CURA”: UM OLHAR METODOLÓGICO RESPONSIVO AO OBJETO.....	55
2.1 A CURA E A FALA EM FREUD: ASPECTOS DA TEORIA PSICANALÍTICA NO ENFOQUE AO TRATAMENTO.....	57
2.2 A CURA PELA FALA: DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	68
3 O GÊNERO DISCURSIVO SESSÃO DE PSICANÁLISE: ESPECIFICAÇÕES DA “CURA PELA PALAVRA”.....	79
3.1 O COMEÇO DE ANÁLISE: <i>SETTING</i> , DISPOSIÇÕES ARQUITETÔNICAS E TRANSFERÊNCIA.....	82
3.2 INTERPRETAÇÃO NA ANÁLISE: RESPONSABILIDADE E COENUNCIÇÃO.....	90
3.3 COENUNCIÇÃO DIALOGIZADA: ENTRECruzAMENTO DE VOZES E DE ESFERAS NA PALAVRA EM ELABORAÇÃO.....	96
4 “PALAVRA QUE (ME) CURA”: A ASSUNÇÃO DA EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA NO ENTRECHOQUE ENTRE A PALAVRA MINHA E A PALAVRA DO OUTRO.....	102
4.1 CONSTRUÇÕES NA ANÁLISE E ENTRECHOQUE DE VOZES: AUTORIDADE OU ALTERIDADE?.....	104
4.2 REMEMORAÇÃO, EMPATIA E EXOTOPIA: PALAVRA DO ANALISTA COMO EXCEDENTE DE VISÃO.....	115
4.3 ALTERIDADE, DIÁLOGO E TERAPIA: “PALAVRA QUE (ME) CURA” E INCONCLUSIVIDADE.....	125
DIÁLOGOS <i>TERMINÁVEIS</i> E <i>INTERMINÁVEIS</i>: CONSIDERAÇÕES PARA A CONTINUIDADE.....	133
REFERÊNCIAS.....	149

PARA COMEÇO DE DIÁLOGO

As pesquisas na área dos estudos bakhtinianos tendem a traçar diálogos com a psicanálise por um viés crítico ao discurso freudiano, alinhado ao que lemos em *Do outro lado do social: sobre o freudismo*, artigo de 1925, e em *O freudismo: um esboço crítico*, de 1927. Nesses dois escritos de Volóchinov (2017²; 2019a), o discurso psicanalítico é avaliado como contrário ao materialismo histórico e dialético; é, por isso, tido como subjetivista, psicologizante e alheio ao social. Como agravante, Volóchinov (2017) identifica no discurso freudiano uma visão de mundo burguesa e decadente, que estaria se espalhando para além da esfera de atuação clínico-psiquiátrica. Então, o pesquisador e a pesquisadora que, atualmente, visem a investigar tal diálogo, contemplam e respondem a entraves filosóficos, teóricos e metodológicos atinentes às proposições do Círculo de Bakhtin³, da psicanálise e da tensão instalada no campo dos estudos bakhtinianos.

Tracemos, então, uma breve contextualização da referida tensão. Metodologicamente, Volóchinov (2017, p. 20) aplica o “enfoque sociológico e dialético na psicologia”, apontando, com isso, a falta de explicitação dos aspectos sociológicos e discursivos que, segundo o autor, melhor explicariam os fenômenos psíquicos decupados por Freud. Problematizando a alteridade em sentido amplo, alega-se que o sujeito freudiano estaria alijado do social: na teoria, não haveria “uma só palavra sobre qualquer um dos fundamentos sociais do caráter, alicerçados na constituição física do [sujeito]⁴, nem sobre as influências sócio-objetivas do ambiente” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 72). Problematizando a alteridade em um sentido mais imediato, alega-se que Freud não teria dado justa importância ao papel da interação discursiva e da ideologia na constituição da consciência, da subjetividade e dos conflitos psíquicos. Veremos,

² A pesquisa documental de Grillo e Américo (2019) nos arquivos de Volóchinov no Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV) traz indícios de que a obra *O freudismo*, por ser uma expansão do artigo *Do outro lado do social*, é de autoria de Volóchinov. Ao público brasileiro, está disponível, hoje em dia, a tradução de Paulo Bezerra, a qual afere a autoria de *O freudismo* a Bakhtin. Neste trabalho, valemo-nos da importante tradução de Bezerra, mas optamos por aferi-la a Volóchinov, nomeando o autor tanto nas citações textuais, quanto nas referências.

³ Entre os anos de 1919 e 1929, um grupo de intelectuais de diferentes formações reuniram-se em Nevel, Vitebski, São Petesburgo e Leningrado para discutir questões atinentes à arte, à biologia, à linguagem etc. Dentre os pesquisadores, constavam M. Bakhtin, V. Volóchinov e P. Medviédev, juntamente com M. Yundina, K. Vaguinov, I. Sollertinski, I. Kanaev, K. Vaguinov e L. Pumpianskii. Os trabalhos dos três primeiros pesquisadores norteiam o que hoje se denomina “estudos bakhtinianos” ou “pensamento bakhtiniano” (BRAIT; CAMPOS, 2016). Conforme ressaltam Barbosa e Di Fanti (2020), embora se reconheça que a produção de Bakhtin a partir dos anos 1930 não se circunscreva aos encontros do grupo, pode-se notar em seus escritos uma postura teórico-metodológica que acena àquela adotada nos trabalhos desenvolvidos em conjunto. Então, a designação “Círculo de Bakhtin”, assim como “pensamento/ideário bakhtiniano”, é utilizada por nós num sentido alargado que comporta tanto as características individuais dos autores, quanto o elo comum que caracteriza certa postura de grupo.

⁴ Nesta dissertação, optamos por substituir todas as ocorrências signílicas “homem” por “sujeito”.

nesta dissertação, como às críticas subjaz uma postura teórico-metodológica que reitera a concepção bakhtiniana de sujeito, privilegiando a relação de alteridade com o(s) outro(s), na e pela linguagem.

Tendo em vista esse cenário, indagamo-nos, inicialmente, sobre o papel da contrapalavra a Freud no empreendimento teórico de Bakhtin e do Círculo. A contrapalavra é um movimento típico de compreensão⁵ ativa e responsiva da palavra do outro, dialogicamente forjada: “Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232). A detida atenção do Círculo às teorias em voga no panorama acadêmico soviético da época – a linguística, a literatura, a sociologia, a psicologia, dentre outras – tomava-las como “outros”, avaliando seus conceitos com a trama teórica autoral construída em ímpeto respondente, conforme observa Souza (2002, p. 58). Consequentemente, a contrapalavra à psicanálise, circunscrita ao diálogo com as ideias psicológicas que circulavam na Rússia soviética dos anos 1920, *não é menos importante* do que os diálogos filológico-linguísticos, filosóficos e sociológicos que animam as proposições de Bakhtin e o Círculo (MOURA-VIEIRA, 2016; GRILLO, 2017).

Em *O freudismo*, a contrapalavra ao inconsciente freudiano tece um modelo de psiquismo dependente da resposta aos sentidos ideológicos compartilhados no horizonte social dos sujeitos (ZANDWAIS, 2013). Nessa tessitura, entende-se que tanto os motivos mais vagos da consciência, quanto as obras mais estruturadas da cultura, são parte de uma cadeia discursiva ininterrupta, ideologicamente estruturada nas e pelas dinâmicas históricas de interação verbal, nas quais incidem aspectos políticos e econômicos típicos da estratificação societária (VOLÓCHINOV, 2017).

Na construção argumentativa do integrante do Círculo de Bakhtin, construtos como *ideologia do cotidiano*, *trocas verbalizadas* e *palavra* como “meio objetivo em que nos é dado o conteúdo do psiquismo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 84) surgem como respostas alternativas

⁵ Nesta dissertação, não faremos distinções entre os termos “compreensão” e “interpretação”, embora a leitura atenta das obras de Bakhtin e o Círculo possa levantar tênues diferenças entre ambos. Compreendemos a contiguidade conceitual entre os movimentos de compreender e de interpretar em contraste com o movimento de reconhecer, dado que este se daria a nível linguístico-estrutural, enquanto que aquele se dá entre enunciados concretos: “Uma forma linguística não será compreendida como tal enquanto ela for apenas um sinal para aquele que a compreende” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 179). Então, compreender e interpretar implicam a resposta ao enunciado alheio, a seus matizes axiológicos e às visões de mundo nele encarnadas, a partir de um lugar único no qual se instaura a reação-resposta à palavra alheia: “Na vida real do discurso, toda interpretação concreta é ativa: familiariza o interpretável com *seu* horizonte concreto-expressivo e está indissolivelmente fundida com a resposta, com a objeção-aceitação motivada (ainda que implícita)” (BAKHTIN, 2015, p. 55). Entretanto, esta dissertação também utiliza o termo “interpretação” para se referir à intervenção do psicanalista em relação a seu analisando: “durante o tratamento é preciso tentar apreender, um após o outro, ora esse, ora aquele fragmento de significação do sintoma, até podermos juntá-los todos” (FREUD, 2010f, p. 127). Iremos nos esforçar para deixar claro, a cada ocorrência, o alinhamento teórico a partir do qual empregamos esses termos.

às lentes teóricas promulgadas pelo pai da psicanálise (GRILLO, 2017). Dado que esses conceitos serão essenciais na proposição de uma filosofia da linguagem calcada no signo ideológico, em 1929, podemos conjecturar que o projeto de analisar responsivamente o discurso psicanalítico fazem dos textos de Volóchinov (2017; 2019a) um ponto nodal das teorizações de Bakhtin e o Círculo, e não textos à margem do projeto grupal (MOURA-VIEIRA, 2016).

Consentânea ao argumento acima exposto é a hipótese “continuísta” de Morson e Emerson (2008), para os quais a contrapalavra ao freudismo seria um aspecto incidente e permanente no desenvolvimento teórico do Círculo. Para os autores, Bakhtin, a partir dos anos 1930, aproveitaria as discussões de Volóchinov acerca dos conflitos ideológicos no interior do psiquismo para propor uma visão de subjetividade marcada pela luta e pela inter-iluminação de vozes sociais, seja na vida, seja no romance. Na dinâmica de inter-iluminação, a consciência tensa, povoada por vozes, complexifica a ideia de sujeito intencional, “dono” dos sentidos. Atando os nós, Morson e Emerson (2008, p. 221) propõem a instigante pergunta: “Que é que Volóchinov acrescentou à obra inicial de Bakhtin sobre a psique, e que é que, mais tarde, o próprio Bakhtin aceitou e incorporou criativamente de Volóchinov?”.

Para que possamos nos debruçar sobre tal hipótese “continuísta”, é necessário determos na concepção filosófica que anima os escritos do Círculo. Desde *Arte e responsabilidade* (1919), Bakhtin (2011a) critica a filosofia da época, que, almejando a unidade de sentido, unia, mecanicamente, elementos distintos. Esses, uma vez justapostos, criariam uma ideia de unidade que, organicamente, não se sustentaria. Para o filósofo russo, a “unidade da responsabilidade” seria o único caminho metodológico para a contemplação responsiva do sentido dos objetos. Posto diferentemente, somente a responsabilidade afirmada daria unidade à diversidade concreta, materializada na tensão constitutiva entre vida e cultura (BAKHTIN, 2011a).

Em *O freudismo* (VOLÓCHINOV, 2017), há a manutenção de uma postura metodológica contrária a reducionismos, especialmente ao reducionismo do sujeito em seu aspecto puramente psíquico ou puramente biológico (CLARK; HOLQUIST, 1998). Privilegia-se um sujeito integral, responsável pelo singular enfrentamento aos distintos níveis de alteridade que o constituem: a relação eu-outro, a linguagem, a ideologia e caracterização social dos grupos formam, em tensão, a consciência do sujeito. O ser humano e seu outro são co-criadores responsáveis de sentidos, respondendo, de maneira infinda, à alteridade na qual o ser se descobre um dentre muitos (BUBNOVA, 2011; 2013).

A crítica a uma concepção de sujeito reduzida ao psiquismo (o inconsciente) ou ao pragmatismo (o biologicismo) é igualmente percebida em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1922). Nesse texto bakhtiniano, indica-se que, ao atuar, o sujeito torna-se

partícipe não-indiferente aos valores culturais, entrelaçando vida e cultura: “Um pensamento participativo é precisamente a compreensão emotivo-volitiva do existir como evento na sua singularidade concreta, sob a base do não-álibi no existir” (BAKHTIN, 2017a, p. 102). Procedendo a reduções ora generalizantes, ora pragmático-objetivas, não seria possível compreender o tom emotivo-volitivo como aspecto que correlaciona os sentidos materializados e o sujeito que os concretiza. Por isso, Clark e Holquist (1998, p. 205) percebem em *O freudismo* a reiteração de uma postura metodológica, registrada na filosofia primeira bakhtiniana, segundo a qual o estatuto do ser deve ser concebido como “interação dual entre um mundo que já está aí sempre (*uze stavsee bytie*) e uma mente que é conjuntada (*priobscen*) a este mundo através da atividade (*postupok*) de valores interpretantes”.

Com efeito, antevemos que, para Volóchinov, o conceito de inconsciente não só mitiga o peso da *atuação responsável* do sujeito, mas, além disso, dela o descentra; é um entrave metodológico à real compreensão do sujeito culturalmente produtivo e criativo. Como nota Di Fanti (2003), pensar o sujeito bakhtiniano implica fazer referência ao princípio dialógico e alteritário que enfatiza o *outro no eu*. Somente centrado em sua responsabilidade poderia o sujeito encontrar o outro – a linguagem, a história, o interlocutor – e a ele responder, como condição de assim se constituir. Por conseguinte, em *O freudismo*, a principal crítica de Volóchinov (2017) parece ser a não-explicação do papel do *outro no eu*, assim como das dinâmicas discursivas que derivam de tal postura filosófica. Nisso, inscreve-se a questão da palavra alheia e do enunciado concreto⁶ enquanto materialidade alteritária, ponte entre sujeitos (PONZIO, A., 2020).

⁶ Para Souza (2002), o eixo unificador das contribuições do Círculo de Bakhtin é a Teoria do Enunciado Concreto. Nessa formulação, entende-se “enunciado” como “um acontecimento na existência, um acontecimento social”, cuja objetivação reúne, como as duas faces de uma moeda, tanto a materialidade (produto interno e externo/dialógico) quanto o sentido (processo cooperativo) (SOUZA, 2002, p. 14). Essa visão é discutida por Brait e Melo (2020), sob a designação unificadora “enunciado/ enunciado concreto/ enunciação”. As autoras defendem a improdutividade de diferenciar produto (enunciado) e processo (enunciação) no fenômeno dialógico, “justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (BRAIT; MELO, 2020, p. 65). Entretanto, como também observam as pesquisadoras, a opção pela aproximação conceitual referida não é consensual. No Brasil, por exemplo, a tradução do francês da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014) emprega, com alguma frequência, o termo “enunciação”: “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 127, grifo original). Já na tradução do russo de Sheila Grillo e de Ekaterina Vólkova Américo, a opção preponderante é por “enunciado”: “*A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados*” (VOLÓCHINOV, 2018, pp. 218-219, grifo original). Nesta dissertação, compartilhamos do entendimento de Souza (2002) e de Brait e Melo (2020), assim como empregamos a tradução de Grillo e Américo (2018); por isso,

Na articulação entre a crítica à psicanálise e a filosofia do ato ético, responsivo e responsável, retornamos a Morson e Emerson (2008), Moura-Vieira (2016) e Grillo (2017), que enfatizam: a interlocução com a ideia de inconsciente está para além do interesse de Volóchinov, unicamente. Uma leitura atenta de obras posteriores, assinadas por Bakhtin, revela alusões ou referências explícitas a esse conceito. Na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (1968), lemos: “A consciência é muito mais terrível que quaisquer complexos inconscientes” (BAKHTIN, 2018a, p. 324). Em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (1959-1961), notacionamos: “Os lapsos e omissões segundo Freud (expressão do inconsciente)” (BAKHTIN, 2016b, p. 73). Em *Por uma metodologia nas ciências humanas* (1974), observamos: “O subconsciente pode vir a ser um fator criativo apenas no limiar da consciência e da palavra (a consciência semiverbalizada – semissígnica)” (BAKHTIN, 2017b, p. 69). Por fim, em *Fragmentos dos anos 1970-1971* (1970-1971), enfocamos o trecho abaixo, que, na menção avaliativa ao conceito de inconsciente, presentifica uma postura metodológica que preza pelo caráter objetivo, verbalizado e socialmente organizado da expressão humana e de sua formação cultural:

A tentativa de compreender a interação com a palavra do outro por meio da psicanálise e do ‘inconsciente coletivo’. Aquilo que os psicólogos (predominantemente os psiquiatras) descobrem existiu algum dia; não se manteve no inconsciente (ainda que no coletivo), mas se consolidou na memória das línguas, dos gêneros, dos rituais; daí ele penetra nos discursos e nos sonhos (narrados, conscientemente lembrados) dos [sujeitos] (dotados de determinada constituição psíquica e situados em um determinado estado) (BAKHTIN, 2017c, p. 39).

A passagem acima destacada insinua os modos de apropriação do inconsciente freudiano pelo viés bakhtiniano. Freud é mencionado quando se teoriza o aspecto semântico-semiótico incidente na constituição humana e na memória cultural de um dado povo. Desse aspecto não podemos ter completa ciência (*awareness*), tendo em vista a inscrição histórica das práticas de produção de sentido (MORSON; EMERSON, 2008). Todavia, assevera-se: dada sua ubiquidade, os sentidos não se tornariam menos sociais ou menos objetivos por que não estaríamos cientes da ampla cadeia ideológica que os sustenta. Pelo contrário, é por conta da ubiquidade histórica, social e objetiva dos sentidos que nos engajamos na infinda e inconclusa instauração e renovação responsiva das formas de ser e de estar na linguagem, processo do qual não podemos ter pleno controle. Como nota Miotello (2018a), apropriar-se da linguagem

o termo **enunciado** será empregado para designar o produto e o processo de produção de sentidos concretos e compartilhados.

implica tornar-se sujeito no e pelo diálogo com os muitos *outros habitantes das palavras próprias*, a quem respondemos. A palavra, nesse sentido, é “uma materialidade que já teve em si uma segunda materialidade – que são **os olhares de todo mundo**, do outro, que já preencheram aquela materialidade com significâncias” (MIOTELLO, 2018, p. 27, grifo nosso). Conseqüentemente, os *habitantes outros* da palavra não seriam aspectos *inconscientes* da produção de sentido, mas a consequência semiótica, ideológica e histórico-social da constituição do ser dialógico.

Com a apreensão dessa ampla visada metodológica, poderíamos arriscar um caráter programático a *O freudismo*, visto que essa obra explicita um dos pressupostos para a explicação de fenômenos decorrentes da participação ativa, responsiva e responsável na cultura, sejam eles mais ou menos conscientes: o caráter central dos sistemas semióticos – da palavra entonada –, a inscrição dos sentidos numa grande temporalidade e a complexa e inconclusa manifestação dessa cadeia ideológica tanto na consciência, quanto em atos enunciativos singulares, como também nos gêneros do discurso.

A relação entre dialogismo e psicanálise parece, portanto, adicionar às discussões sobre subjetividade, alteridade, consciência e linguagem, caras aos estudos bakhtinianos; entretanto, há, em solo brasileiro, pouca bibliografia sobre tal relação. As fontes impressas em livros, tais como o prefácio de Bezerra (2017) a *O freudismo* e o artigo de Moura-Vieira (2016), contextualizam a crítica a Freud à luz das demais obras bakhtinianas. Para Bezerra (2017), *O freudismo* é o germe da filosofia da linguagem proposta por Volóchinov em 1929. Entretanto, não é uma obra que iluminaria a psicanálise freudiana, haja vista os reducionismos teóricos e os vieses marxistas à descoberta do inconsciente. Moura-Vieira (2016) inscreve o interesse de Volóchinov pela psicanálise como parte de “momentos fundadores” do pensamento de grupo. Segundo Moura-Vieira (2016), Bakhtin teria, desde 1913, se interessado por Kant e pela psicologia objetiva. A partir dos encontros do Círculo, em 1919, Kanaev teria se interessado pelo vitalismo na biologia e Volóchinov teria criticado as visões ora imanentistas, ora subjetivistas na arte e na psicologia. Então, o debate sobre o caráter mais ou menos objetivo da consciência em sua relação com os objetos de pesquisa e com o outro se apresentam como foco de investigação permanente de Bakhtin e do Círculo.

Uma pesquisa bibliográfica no Portal de Periódicos da CAPES, na *Revista Bakhtiniana* e no site *Google Scholar* revela, também, o enfoque do campo à contextualização das críticas de Volóchinov à psicanálise. Lima e Perini (2009) traçam aproximações e distanciamentos entre Bakhtin e Freud, reiterando que as críticas de Volóchinov servem para delinear o sujeito bakhtiniano, mas não para ter uma visão aprofundada das ideias de Freud, visto o enviesamento

e o redutivismo das críticas. O trabalho de Grillo (2017) realiza um cotejo crítico dos autores em diálogo, inscrevendo o interesse de Volóchinov ao contexto ideológico marxista e soviético dos anos 1920. Dialogando com autores como Marcuse, Fridman, Althusser e Bykhóvski, a pesquisadora aponta questões econômicas, sociais e políticas presentes no pensamento freudiano, as quais não puderam ter sido contempladas em *O freudismo*. Em sua visão, as críticas à psicanálise “parecem condicionadas pelo dogmatismo institucional da segunda metade dos anos 1920 na União Soviética, em que o marxismo soviético tinha se tornado hegemônico e uma verdade inquestionável nas instituições universitárias e de pesquisa (ILIAZV)” (GRILLO, 2017, p. 72).

O estudo de Pinheiro, Aguiar e Carvalho (2019) perfaz semelhante cotejo, mas entre Bakhtin e Lacan, por um viés mais conciliatório. Inspiradas por Wittgenstein, as autoras contemplam *O freudismo* como pano de fundo para uma investigação que sonda as semelhanças de família entre dialogismo e psicanálise. Dentre outras aproximações registradas, salientamos duas: “a gênese alteritária da subjetividade” e o “lugar da inexorável implicação da singularidade do sujeito em sua relação com o mundo e a esfera das escolhas – seja pela ética do desejo ou pelo lugar do não-álibi-no-ser” (PINHEIRO; AGUIAR; CARVALHO, 2019, p. 272). Por semelhanças de família, o estudo contribui para trabalhos interfáticos, propondo “uma dimensão dialógica para a psicanálise e uma face analítica para a concepção de sujeito no dialogismo” (PINHEIRO; AGUIAR; CARVALHO, 2016, p. 272).

Há trabalhos que utilizam a tônica entre Volóchinov e a psicanálise como mola propulsora para investigações cujo enfoque não recai, unicamente, na ponderação sobre as críticas. Amorim (2009) estuda o modo de escrita e de teorização freudianas desde um olhar bakhtiniano. Nas palavras da autora, a psicanálise freudiana “é a primeira disciplina a colocar em prática e a sistematizar o que viria a ser definido por Bakhtin como especificidade das ciências humanas, isto é, *o trabalho com e sobre o discurso*” (AMORIM, 2009, p. 11, grifo da autora). Moura-Vieira (2009) investiga o diálogo entre Dostoiévski, Bakhtin e Freud, enfocando o parricídio nas narrativas do primeiro e problematizando o viés introspectivo-subjetivista e psicanalítico de análise literária. Uma das contribuições dessa pesquisa é o olhar de um pesquisador bakhtiniano para as divergências epistemológicas entre dialogismo e psicanálise, as quais referendaremos no decorrer deste trabalho.

Por fim, há trabalhos que se inspiram na crítica à psicanálise para observar a prática clínica. O estudo de Lima (2018) enfoca *O freudismo* como arcabouço teórico-metodológico para a análise da relação médico-paciente em contexto clínico psicanalítico. De maneira breve, o autor salienta que, na consulta, “as relações dialógicas e de troca de informações se realizam

por meio de movimento hierárquicos na escala social” entre o médico, enquanto voz de autoridade, e o paciente, “em condição de espera por um diagnóstico” (LIMA, 2018, p. 15). Algo semelhante é feito por Pimentel e Amarante (2020, p. 18) ao proporem bases para “pensar um cuidado ‘ético-dialógico’ em saúde mental”, focalizando a área do atendimento psicossocial. Os autores não se detêm apenas em *O freudismo*, mas analisam o discurso corrente sobre saúde mental reiterando a tônica metodológica da referida obra. Criticam, por exemplo, a reificação do viés biológico-medicamentoso em psiquiatria, para propor, em contrapartida, uma ética humanitária dialógica.

Entendemos que os dois trabalhos anteriormente citados enfoquem, de maneira singular, um aspecto pouco explorado dos textos sobre o freudismo: o reconhecimento, por parte de Volóchinov, do “sucesso prático no campo de tratamento das neuroses”, dos “êxitos terapêuticos” advindos da nova “hipótese de trabalho” freudiana (VOLÓCHINOV, 2019a, p. 81). Ou seja, embora o autor critique o discurso freudiano e seus conceitos, não nega que a atividade psicanalítica possa ser eficaz para aqueles que buscam terapia. Embora, Volóchinov (2017, p. 31) indique que se debruçar sobre o tratamento psicanalítico excedesse seus objetivos, delinea, de maneira breve, o estatuto da sessão de psicanálise enquanto “pequeno acontecimento social”, nutrido pela troca de enunciados entre médico e paciente. Para o autor, a eficácia da sessão relaciona-se à oportunização contextual da “expressão verbalizada” e do “desfecho verbalizado” ao conteúdo reprimido e isolado no psiquismo individual (VOLÓCHINOV, 2017, p. 31). Como os trabalhos de nossa área embasam tal visada?

Quanto à noção de sessão de psicanálise como “pequeno acontecimento social”, Grillo (2017, pp. 64, 65) a entende como “pequeno ato social produtor de enunciados e signos ideológicos que só podem ser compreendidos na relação com os participantes sociais mais próximos, a situação social mais próxima e o horizonte social amplo”. Vislumbramos, a partir disso, a questão da *atividade* psicanalítica, inscrita nos gêneros do discurso, assim como a questão dos *movimentos alteritários* que, de alguma forma, engajam o par nessa atividade.

Em relação ao “desfecho verbalizado”, emerge a questão da verbalização e de sua relação com os conteúdos da consciência. Como defendem Lima e Perini (2009, p. 87), trata-se da “cura pela palavra falada, verbalizada, que envolve um conteúdo que geralmente não está explícito na fala, mas subjacente a esta”. Na compreensão dos autores citados, essa ideia indica que “por meio da fala o indivíduo se organiza e se revela, fala-se” (LIMA; PERINI, 2009, p. 99). Com isso, podemos vislumbrar o *entrechoque de palavras minhas* (do analisando) e *palavras do outro* (do analista) que, na relação psicanalítica, tensionam-se na zona dialogante da experiência de análise, passando pela verbalização. Quando em material discursivo, o

tensionamento de vozes oportuniza a assunção, a reelaboração e a reacentuação do sintoma, orientado à “palavra que (me) cura” – um processo de compreensão responsiva atinente às dinâmicas de gêneros discursivos, conforme lemos em Bakhtin (2016a).

Contemplando nossos apontamentos iniciais, um caminho produtivo de pesquisa seria investigar as especificidades das dinâmicas de interação discursiva travadas entre analista e analisando numa sessão de psicanálise, visando à terapia. Quanto ao pequeno acontecimento social psicanalítico, é possível investigar os aspectos que especificam o gênero discursivo sessão de psicanálise em sua função terapêutica. Quanto à eficácia do tratamento, é possível investigar as dinâmicas alteritárias entre analista e analisando, as quais engendram a possibilidade de assumibilidade/apropriação dos sentidos e da experiência de/em análise pelo sujeito sequioso de cura. Esta dissertação, avaliando tais possibilidades e contrapondo-as à exequibilidade científica e filosófica de nossos esforços, lança um olhar **teórico** a questões atinentes à terapêutica freudiana. Em alguma medida, nossas ponderações sobre *terapia* pode relacionar-se, em amplitude, com outras *psicoterapias da palavra*, métodos de tratamento calcados na “comunicação verbal” e na interação terapeuta-paciente, “com a finalidade de obter alívio para um sofrimento de natureza psíquica” por parte do paciente (CORDIOLI; GREVET, n.p.⁷. [posição 66], 2019).

Esta dissertação parte dos textos de Volóchinov sobre o freudismo, notabiliza o registrado sucesso prático do tratamento psicanalítico e formula o seguinte **problema de pesquisa**: De que forma o diálogo entre os ideários bakhtiniano e o freudiano possibilita perscrutar inteligibilidades teóricas sobre a cura pela palavra no tratamento psicanalítico? O problema de pesquisa formulado inspirou três **perguntas norteadoras**, que conduzirão esta pesquisa: i) De que forma as críticas à psicanálise, registradas na obra *O freudismo*, reiteram uma perspectiva de sujeito alinhada ao ideário de Bakhtin e do Círculo?; ii) Que elementos especificam o gênero discursivo sessão de psicanálise, tendo em vista os possíveis processos alteritários e discursivos implicados na terapia freudiana?; e, por fim, iii) Quais as condições e as dinâmicas discursivas e alteritárias engendradoras da assunção da experiência psicanalítica como válida e própria ao sujeito que visa à cura?

⁷ *Epub* do livro *Psicoterapias: abordagens atuais* [recurso eletrônico], organizado por Aristides Cordioli e Eugenio Grevet (2019). Embora a citação a esse livro seja importante para a contextualização de nosso objeto, utilizaremos a obra em formato eletrônico e, portanto, não paginado, o que dificultaria a identificação dos excertos originais pelo leitor. Para contornar essa situação, indicaremos a posição das citações no arquivo eletrônico, conforme sua disposição em leitores de *Portable Document Format* (PDF), como *Adobe Acrobat* e *Xodo*, por exemplo, assim como indicaremos a referência completa ao final da Dissertação.

O problema de pesquisa, assim como as perguntas norteadoras elencadas, orientaram-nos a propor o seguinte **objetivo geral**: perscrutar, a partir do ideário bakhtiniano, possíveis inteligibilidades teóricas acerca de dinâmicas alteritárias, dialógicas e discursivas atinentes ao tratamento psicanalítico freudiano. Para conduzir a discussão, desenvolvemos os seguintes **objetivos específicos**: i) Investigar a concepção de sujeito que subjaz à contrapalavra de Volóchinov a Freud; ii) Prospectar processos alteritários e discursivos envolvidos na cura pela fala freudiana, considerando a sessão de psicanálise como gênero do discurso e iii) Discutir as possíveis condições e os possíveis processos engendrados da assunção da experiência psicanalítica como transformadora pelo sujeito que visa à cura, tendo em vista os entrechoques entre a palavra minha e a palavra do outro.

Na tentativa de modesta resposta aos objetivos acima elencados, esta Dissertação de Mestrado se desenvolve no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Com a ênfase em Linguística, a linha de pesquisa Teorias e Uso da Linguagem ajudou-nos a delinear esta investigação teórica alinhada à área dos estudos bakhtinianos, subsidiando-nos com aulas, leituras e com a orientação da Professora Doutora Maria da Glória Corrêa di Fanti, interlocutora engajada desta dissertação. Além disso, esta pesquisa integra o projeto de pesquisa *Alteridade, dialogismo e dialética: a constitutiva e tensa relação com o outro* (CNPq), coordenado pela referida professora-pesquisadora, a qual também coordena o Grupo de Pesquisa Tessitura: Vozes em (Dis)curso (GenTe/CNPq), em cujas trocas dialógicas esta investigação foi sendo tecida. Tendo em vista as condições cronotópicas desta pesquisa em solo brasileiro, é vital destacar que o amparo institucional a esta investigação foi-nos proporcionado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a forma de bolsa integral de estudos.

Metodologicamente, nosso gesto de pesquisa será teórico, qualitativo e bibliográfico, ancorado no ideário bakhtiniano, como local de produção de conhecimento, e no diálogo com os textos freudianos e com os leitores qualificados de ambas as áreas, promovendo o cotejo contrapontístico a partir do qual geramos um excedente de visão entre as áreas (MIOTELLO, 2018b; PINHEIRO; AGUIAR; CARVALHO, 2019). Também, nossa pesquisa demandará diálogos pontuais com o olhar hermenêutico de Paul Ricoeur para a psicanálise, assim como com as concepções de Lev Vygotsky sobre linguagem, pensamento, interação social e consciência. Esses diálogos enriquecerão nossa bibliografia de base, visando a ampliar a compreensão de nosso objeto.

Em nossas discussões, observamos o movimento de contrapalavra de Volóchinov (2017; 2019a), que propunha “alternativas mais substanciais aos conceitos freudianos, por meio da

valorização da palavra ou linguagem” (GRILLO, 2017, p. 65), ou ampliava o ponto de vista freudiano “com críticas dialéticas e novas proposições avaliativas dialógicas” (MOURA-VIEIRA, 2016, p. 67). Então, também calcados nas orientações metodológicas de Volóchinov (2018) em *Marxismo e filosofia da linguagem*, propomos continuar o diálogo a respeito do sucesso prático do tratamento psicanalítico, oferecendo nossa leitura responsiva às ideias que Freud registrara em seus textos.

Escolhemos dois textos freudianos ao redor dos quais nosso debate se aprofundará: *Recordar, Repetir e Elaborar*, de 1913, contemporâneo aos textos avaliados por Volóchinov, e *Construções na análise*, de 1937, texto não avaliado⁸, que, a nosso ver, traz importantes considerações acerca do papel da alteridade e da palavra outra na (trans)formação subjetiva. Daremos especial ênfase aos textos metapsicológicos freudianos. Estes queriam operar a transposição dos eventos clínicos em material de divulgação e de sistematização do campo/movimento psicanalítico emergente. Embora ancorados no evento de tratamento concreto, os textos metapsicológicos nos legam, dele, apenas o *relato*. Cientes desse limite, esta pesquisa é **prospectiva** e, em certa medida, **criativa**: *arrisca* apontar algumas possibilidades de entendimento teórico sobre possíveis condições de cura pela palavra desde as lentes dialógicas.

No ensejo de desenvolver os objetivos gerais e específicos elencados nesta introdução, a Dissertação organiza-se da seguinte forma: o capítulo primeiro, intitulado *O sujeito que fala na análise: caminhos teóricos de pesquisa*, intenta responder à primeira pergunta norteadora, verificando de que maneira a contrapalavra de Volóchinov a Freud ampara-se em questões fulcrais à concepção de sujeito e de linguagem para Bakhtin e o Círculo. No capítulo segundo, intitulado “*Cura pela palavra*” e “*palavra que (me) cura*”: *um olhar metodológico responsivo ao objeto*, trataremos uma breve exposição de aspectos psicanalíticos freudianos que possam delinear o tratamento psicanalítico, sinalizando ao leitor nossa concepção de “cura” e de “fala”. No capítulo terceiro, intitulado *O gênero discursivo sessão de psicanálise: especificações da “cura pela palavra”*, respondemos à nossa segunda questão norteadora, trazendo elementos para pensar, prospectivamente, o tratamento freudiano desde as lentes dos gêneros do discurso. O capítulo quarto, intitulado “*Palavra que (me) cura: a assunção da experiência psicanalítica no entrelaço entre a palavra minha e a palavra do outro*”, responde à terceira questão norteadora, discutindo, em nível teórico, condições para o sucesso do tratamento pela perspectiva do sujeito que elabora, reacentua e assume a experiência de análise – engendrada

⁸ Volóchinov falecera em 1936, motivo pelo qual seria impossível avaliar o texto freudiano citado.

na interação discursiva com o analista – como sua. Por fim, em “*Diálogos termináveis e intermináveis*”, registramos nossas palavras inconclusas, as quais recapitulam e resumizam aspectos tratados na dissertação, ao passo em que também propõem novos questionamentos. Para começo e continuidade de diálogo, passemos aos capítulos subsequentes desta pesquisa.

1 O SUJEITO QUE FALA NA ANÁLISE: CAMINHOS TEÓRICOS DE PESQUISA

*Ia e vinha
E a cada coisa perguntava
Que nome tinha*

(ANDRESEN, 2018, p. 81)

A fundamentação teórica desta pesquisa ancora-se na proposição de que os textos de Volóchinov sobre o freudismo são uma contrapalavra ao discurso psicanalítico freudiano. Entendemos que o esboço crítico realizado em *O freudismo* revela uma orientação avaliativa à palavra freudiana, a qual é citada e reelaborada com o *interesse* de problematizar uma concepção de consciência individual cindida, sendo o inconsciente a parte não-social e autogerida⁹ (VOLÓCHINOV, 2019a). Como veremos neste capítulo, a leitura atenta da obra citada, em correlação com outros escritos do Círculo, instaura uma perspectiva alteritária, discursiva e sociológica de sujeito – essa perspectiva ampara o que se critica em termos filosóficos (subjativismo) e metodológicos (psicologismo) relativamente à psicanálise¹⁰.

Para além da crítica de Volóchinov, a observação do cenário soviético do final dos anos 1920 e início dos anos 1930 revela que o interesse em Freud estava, também, na agenda dos estudos psicológicos (GRILLO, 2017). A escola vygotskiana, embora não fizesse parte do Círculo bakhtiniano, tratava com ele relações próximas – o que se explica, em grande parte, pelo contexto acadêmico-institucional partilhado pelos autores. Como afirma Brandist (2012, p. 93), a convergência de temas entre Volóchinov e Vygotsky acena ao fato histórico de que “ambos desenvolveram suas ideias enquanto trabalhavam em projetos de pesquisa coletivos dentro de instituições que aderiram a um programa de pesquisa comum”. Enquanto Volóchinov atuava no já mencionado ILIAZV, Vygotsky atuava no IEP (Instituto de Psicologia Experimental). “Essas instituições eram geridas pelo mesmo órgão administrativo: a Associação Russa de Institutos de Pesquisa Científica em Ciências Sociais”, conhecida como RANION (BRANDIST, 2012, p. 93). Então, se ambos os autores se debruçaram sob a relação

⁹ Trabalhos como os de Grillo (2017) e o de Lima e Perini (2009) revisitam as várias críticas ao inconsciente e indicam que a visão de Volóchinov (2017) é bastante reduzida e marcada no tempo e no espaço; ou seja, não cobre a visão geral do desenvolvimento psicanalítico. Esses trabalhos são de extrema importância ao estudo da relação entre o dialogismo e a psicanálise. Entretanto, como nosso foco é a contrapalavra, enfocaremos a psicanálise desde a perspectiva de Volóchinov, com o intuito de escrutinar a concepção de sujeito que está sendo defendida.

¹⁰ Este capítulo, em seu desenvolvimento, alarga discussões previamente registradas no artigo *Ideologia, autoria e responsabilidade: o sujeito na contrapalavra d'O freudismo*, de Ribeiro e Moll (2020).

entre linguagem e consciência, por exemplo, é porque havia um programa comum de pesquisa, de orientação histórica, objetiva e sociológica às ciências humanas e sociais.

Vygotsky (1987a, p. 112, tradução nossa), em *A mente, a consciência, o inconsciente*¹¹ (1930), indica três orientações metodológicas, vigentes à época, para o estudo psicológico: “a recusa em estudar a mente (reflexologia), o ‘estudo’ da mente pelo viés mental (psicologia descritiva) e o conhecimento sobre a mente pela via do inconsciente (Freud)”¹². Existia, por um lado, a reflexologia, que elegia como objeto de estudo os aspectos fisiológicos observáveis nas/pelas reações externo-objetivas dos sujeitos e, por outro, uma psicologia da consciência de cunho subjetivista, que isolava a explicação psicológica da relação sujeito - ambiente externo. O inconsciente freudiano parecia não se alinhar perfeitamente às concepções vigentes, colocando-se como *problema* às epistemologias mais consolidadas.

Também não se identificando com nenhuma das três vertentes em sua totalidade, Vygotsky (1987b; 2007; 2008) defende que a mente, no curso do desenvolvimento humano, torna-se uma unidade socialmente desenvolvida, integradora dos aspectos biológico-cognitivos primitivos numa curva simbólico-cognitiva espiralada. A espiral do desenvolvimento da mente humana se perfaz em pulos/avanços qualitativos, que abarcam o corpo biológico sob a forma de corpo sócio-cultural – a esse corpo pertence a psicologia dialética por ele proposta.

Por conta da nova totalidade mente/corpo, entrelaçada pelas funções psicológicas superiores (sociais), o próprio conceito de *psicologia* torna-se marco representativo do salto qualitativo no desenvolvimento da espécie, dos grupos humanos e dos sujeitos (filogênese, sociogênese e ontogênese, respectivamente). Haveria o cruzamento entre duas linhas: a do desenvolvimento biológico e a do desenvolvimento social. O ponto de inflexão desse cruzamento é a interiorização da linguagem (VYGOTSKY, 2008). Nessa senda, a psicologia dialética toma a mente como componente histórico, social e cultural, indissociavelmente ligado ao *comportamento* e à *linguagem*: “Os processos mentais são parte de um processo maior, mais orgânico e mais complexo, do qual os processos nervosos participam como parte orgânica”¹³ (VYGOTSKY, 1987a, p. 117 [tradução nossa]).

¹¹ *Mind, Consciousness, the Unconscious* (1930).

¹² No original: “Such are the three paths: the refusal to study the mind (reflexology), the ‘study’ of the mind through the mental (descriptive psychology), and the knowledge of mind through the unconscious (Freud)” (VYGOTSKY, 1987a, p. 112).

¹³ No original: “We should not ask under which conditions does the nervous process start being accompanied by the mental process, because the nervous processes are not at all accompanied by the mental ones. The mental ones form part of a more complex integral process in which the nervous process participates as its organic part” (VYGOTSKY, 1978a, p. 117).

No texto citado, Vygotsky (1987a, p. 118 [tradução nossa]) afirma que “Freud não resolve a questão básica, essencial e irresoluta relativa ao caráter mental do inconsciente”¹⁴. É válido retomar que, por “mental”, entende-se a unidade psicológica sociocultural da psicologia; ou seja, a inquietação de Vygotsky reflete a dúvida a respeito do caráter social do inconsciente. Se o inconsciente faz parte da mente, então ele faz parte da psicologia humana e é social. Caso essa proposição se demonstrasse verdadeira, a psicologia dialética não entraria em embate com o “inconsciente”, visto haver funções psicológicas “não conscientes”, das quais o sujeito não está *aware* (ciente):

Nós concordamos em conceber a mente como um processo complexo e composto [*compound*] que não é, de forma alguma, representado pela parte consciente e, portanto, a nós parece que, em psicologia, possa ser perfeitamente legítimo falar sobre o psicologicamente consciente e o psicologicamente inconsciente: o inconsciente é o potencialmente consciente¹⁵ (VYGOTSKY, 1987a, p. 119 [tradução nossa]).

De fato, argumento semelhante é empregado em 1934, na obra *Pensamento e Linguagem*: “Empregamos o termo *não consciente* para distinguir o que ainda não é consciente do ‘inconsciente’ freudiano, resultante da repressão, que é um desenvolvimento posterior, um efeito de uma diferenciação relativamente elevada da consciência” (VYGOTSKY, 2008, p. 114, grifo original). Não obstante, a qualidade “potencialmente consciente” cobre apenas parte do conceito freudiano de inconsciente, consoante notabiliza Volóchinov (2017) em avaliações críticas aos “apologistas” freudianos.

Desse pequeno panorama histórico, registramos movimentos convergentes de contrapalavra às ideias freudianas entre Volóchinov e Vygotsky. Isso demonstra que Freud fora, de fato, um importante interlocutor do contexto acadêmico-institucional soviético nas ciências humanas (GRILLO, 2017). Os textos citados expressam, principalmente, um *incômodo metodológico* com o conceito de inconsciente, entendido como algo apartado do social e, por isso, inconciliável com a perspectiva do materialismo dialético. Seria preciso, então, propor leituras alternativas ao inconsciente.

Veremos, neste capítulo, caminhos teóricos erigidos em tal empreitada. Com base em três eixos – (1) apontamentos sobre subjetividade e alteridade; (2) aspectos sobre linguagem, consciência e subjetividade e (3) notas sobre os gêneros do discurso e a sua relação com a

¹⁴ No original: “Freud does not solve the basic and essential unsolvable question as to whether the unconscious is mental or not” (VYGOTSKY, 1987a, p. 118).

¹⁵ No original: “We agreed to view the mind as a compound complex process which is not at all covered by its conscious part, and therefore it seems to us that in psychology it is entirely legitimate to speak about the psychologically unconscious: the unconscious is the potentially conscious” (VYGOTSKY, 1987a, p. 119).

consciência – delinearemos condições para pensar o sujeito bakhtiniano no tratamento psicanalítico, tema de nossos próximos capítulos.

1.1 APONTAMENTOS SOBRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE

Em avaliação prévia às ideias de Freud, Volóchinov (2017) defende:

O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social. O [sujeito] não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. Ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa localização social e história do [sujeito] o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura (VOLÓCHINOV, 2017, p. 11, grifo do autor).

Uma compreensão primeira do excerto revela a presença do marxismo científico, hegemonicamente produtivo no contexto ideológico universitário soviético dos anos 1920, como nota Grillo (2017). Isso se verifica na utilização dos signos ideológicos “fazendeiro”, “burguês”, “proletário”, assim como na ênfase à “determinação” social e econômica da criatividade humana na e pela classe social. Esses signos refletem o alinhamento de Volóchinov ao axioma da “pertença a uma classe como fator determinante das formas de pensar e agir” (BEZERRA, 2017, p. XI), revelando o ponto de vista histórico e materialista a partir do qual ele tecerá as críticas ao freudismo.

Uma segunda compreensão do excerto permite-nos focar os signos ideológicos acima destacados pelo viés da *participação* no mundo cultural por meio do “segundo nascimento social” do sujeito. Esse nascimento situaria socialmente o sujeito no mundo dos sentidos coletivizados – valores compartilhados, linguagem e vozes sociais etc. – para que, então, ele “entre para a história” e “crie(-se)” na cultura, dela se apropriando (VOLÓCHINOV, 2017). Há nesse excerto indícios de que a inscrição na alteridade ampla, em nível social, dá os primeiros contornos à subjetividade.

Vygotsky (1987b, p. 68 [tradução nossa], grifos do autor), em *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925)¹⁶, defende algo semelhante ao segundo nascimento social do sujeito ao indicar três facetas da experiência humana. Primeiramente, há uma faceta *histórica* da experiência. Sob esse aspecto, toda a nossa vida, trabalho e

¹⁶ *Consciousness as a Problem for the Psychology of Behavior* (1925).

comportamento são baseados “no largo uso da experiência de outras gerações¹⁷”. Também, há uma faceta *social*, dado que nosso comportamento se desenvolve a partir de uma “multiplicidade de conexões estabelecidas com a experiência de outras pessoas¹⁸”. Por fim, há a faceta da “*doubled experience*”, experiência duplicada. De forma sumária, a experiência duplicada indica a mediação do comportamento pela linguagem, internalizada ativamente pelo sujeito em sua atividade social.

Para Augusto Ponzio (2016b), a experiência duplicada acena à especificidade psicológica humana em Vygotsky. Na internalização da linguagem, “o ser humano ‘significa’ o comportamento, confere-lhe um senso, organiza-o segundo um modelo, orienta-o segundo determinados fins e valores¹⁹” (PONZIO, A., 2016b, p. 1543 [tradução nossa]). Duplicar a atividade segundo um modelo sociocultural prévio à ação é o que caracteriza o conceito de comportamento em Vygotsky, índice da agentividade humana situada na história e na cultura. Logo, se para Vygotsky (2007) a consciência é uma função metacognitiva (a consciência de estar consciente), esta só surge quando a mente se entrecruza ao símbolo/linguagem. Prospectamos, nisso, uma espécie de segundo nascimento social instaurado no momento histórico de correlação entre desenvolvimento social (linguagem) e desenvolvimento cognitivo (mente). Sobre esse processo, as palavras do autor:

Podem-se distinguir, *dentro* de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, [de] origem sociocultural. *A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas* (VYGOTSKY, 2007, p. 42, grifo do autor).

Tanto para Volóchinov, quanto para Vygotsky, observamos que a participação no universo social – o enfrentamento à alteridade – reveste a experiência humana de novos contornos qualitativos. Ora, a participação no existir é uma tônica de *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1922). Nesse escrito, defende-se que o agir humano só pode ser pensado

¹⁷ No original: “Our whole life, work and behavior is based on the tremendously broad use of the experience of previous generations, which is not transmitted from father to son through birth. Let us provisionally call it historical experience” (VYGOTSKY, 1987b, p. 68).

¹⁸ No original: “I do not only have available the connections formed in my personal experience between various unconditional reflexes and various elements of the environment, but also a multitude of connections established in the experience of other people. [...] Let us call this the social component of our behavior” (VYGOTSKY, 1987b, p. 68).

¹⁹ No original: “Questi stimoli mezz-artificiali non sono altro che i segni specifici del linguaggio umano. Introducendo stimoli artificiali, condizionati storicamente e socialmente, l’essere umano ‘significa’ il comportamento, gli conferisce un senso, lo organizza secondo modelli, l’orienta secondo fini e valori” (PONZIO, A., 2016b, p. 1543).

como ato responsável (e não como simples reação biológica), o qual se perfaz na e pela alteridade. Bakhtin (2017a) observa que, à sua época, as correntes filosóficas tendiam a reduzir o evento observado ora para o *conteúdo*, o qual remete a temas, valores culturais e proposições válidas por si próprias, ora para a *ação* no mundo, a qual remete à vida, ao pragmatismo objetivo. Bakhtin (2017a), então, contrapõe-se à “tentativa de incluir o mundo da cognição teórica no existir único, assumindo-o como entidade psíquica” (p. 56) – o psicologismo – e também às “tentativas de fundar biologicamente o dever” (p. 73) – o biologicismo – propondo o *pensamento participativo* como balizador da razão teórica e da razão prática, como nota Sobral (2019).

Propõe-se que o ato “dev[a] encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir” (BAKHTIN, 2017a, p. 43). Como afirma Sobral (2019, p. 160), o ato atualiza todos os componentes do ser-evento sem operar reduções, “sem tomar um destes (teórico, estético, prático, psíquico...) como essa unidade do ponto de vista de um centro de valor”. Responsavelmente, o sujeito ator²⁰ deixa sua marca na assunção do ato como próprio, processo deflagrado no tom-emotivo volitivo (SOBRAL, 2019). Assim, podemos ponderar que a valoração do ato como próprio seja uma resposta constante e infinda ao outro, o que insinua o aparecimento de uma consciência que se pensa em “*doubled experience*”: eu-para-mim e eu-para-o-outro (BAKHTIN, 2017a).

Por isso, a alteridade é, para Bubnova (2013), uma “vantagem ontológica”: ao mesmo tempo que precede e abarca o sujeito, ela *o torna* sujeito. Nas palavras de Miotello (2018b, p. 68), a subjetividade é dádiva da alteridade: “A humanização não vem por mim, não sou eu que me constituo, e sim o outro. O eu é um presente do outro [...], é uma doação”. Há uma alteridade constitutiva no “coração da identidade”, a tal ponto que o encontro com o outro entrelaça, qualitativamente, corpo/linguagem/consciência em ser-evento (PONZIO, A., 2018). Em suma, não se pode pensar o sujeito bakhtiniano sem levar em conta o social dele constitutivo, o contexto cultural em que ele participa e a totalidade do ato, avaliada em tons emotivo-volitivos concretizados na relação de alteridade.

Voltando ao excerto de Volóchinov (2017, p. 11) citado na abertura desta seção, verificamos um alinhamento metodológico entre os construtos de pensamento participativo, ato responsivo e responsável e segundo nascimento social. Entendendo que o sujeito freudiano é ora reificado em seu psiquismo, ora em seu biologicismo pulsional – o que, para Lima e Perini

²⁰ Utilizamos “sujeito ator” como forma de designar “sujeito que age na vida por meio de atos”, “sujeito que atua de forma ética, responsiva e responsável”, e não como “ator dramático”, “teatral” ou qualquer outro sentido relacionado às artes cênicas e dramáticas.

(2009), constitui uma contradição argumentativa –, Volóchinov (2017) parece reiterar a negação à generalidade abstrata do psíquico ou do pragmatismo biológico, defendendo a concepção de sujeito nascido socialmente. Daí a importância das respostas verbalizadas trocadas entre analista e analisando, ou a importância do pequeno acontecimento social engendrador desses enunciados: somente no encontro eu-outro, inscrito em diversos feixes alteritários, poderíamos compreender o sujeito, sua consciência e seus enunciados como elos entre ele, seu outro e o contexto em que ambos *estão sendo*, de modo evêntico.

Para Bakhtin (2017a, p. 98), a singularidade e a responsabilidade são aspectos do ato intrincados à alteridade. O sujeito é singular e responsável, não coincidindo nem com o outro, nem consigo mesmo; o sujeito vem a ser na eventicidade de se constituir em resposta ao(s) outro(s), de maneira ética e responsável. Nesse sentido, a relação de *encontro* com o outro caracteriza a própria noção de ato singular. Como nota Bubnova (2011, p. 272), o acontecimento do ato – em russo, *sobytie bytia* – traz o sentido de “aconteSer”, de “ser juntos no ser”. Bubnova (2013, p. 10) reforça que “ser juntos no ser” não implica fusão de subjetividades, mas *enriquecimento* subjetivo fornecido pelo encontro: “a alteridade absoluta do outro implica uma profunda personalização das posições dos sujeitos em interação”. Em outras palavras, o ato – e, conseqüentemente, a subjetividade – só pode ser compreendido como *enriquecimento* infindo advindo do encontro eu-outro, nunca como mesmificação ou duplicação de si no/pelo outro.

Ainda, Bakhtin (2017a) indica que cada ato, por ser singular e responsável, possui um *dever ser* singular, um dever concreto, o qual, por sua vez, é também relacional. O autor destaca que o *dever ser* é uma orientação axiológica da consciência em relação a si mesmo e ao outro, é um juízo de valor que acompanha o próprio ato como encontro de sujeitos. É o que lemos sob a figura do “não-álibi”: “Este fato do *meu não-álibi* no existir [moë ne-alibi v bytii], que está na base do dever concreto e singular do ato, não é algo que eu aprendo e do qual tenho conhecimento, mas algo que eu *reconheço e afirmo de um modo singular e único*” (BAKHTIN, 2017a, p. 96, grifos do autor). Ao modo de Luciano Ponzio (2019, p. 36), o dever é explicado sob a imagem da firma-reconhecimento, que é a assinatura singular do ato pelo ator: somente “em relação à minha decisão de assumir a obrigação, somente em relação ao ato da firma-reconhecimento, o conteúdo daquilo que subscrevo se torna uma obrigação para mim”.

A resposta ao outro, na qual se justifica o *dever ser*, é um princípio da arquetônica real do ato: “O princípio arquetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquetonicamente válida, entre o eu e o outro” (BAKHTIN, 2017a, p. 142). Em *Adendo 2 a Problemas da poética de Dostoiévski*, o pensador russo defende, em potente sùmula, que “Ser

significa *conviver*” (BAKHTIN, 2018a, p. 322, grifo do autor). Logo, um centro de valor *deve ser* singular e responsável porque, ontologicamente, contrapõe-se a outro centro valorativo, na mais profunda convivência. Nesse princípio arquitetônico alteritário, Luciano Ponzio (2019) percebe os primeiros rascunhos filosóficos para o amadurecimento da noção de diálogo, entendida para além da interação face a face:

O diálogo, como emaranhado com os outros e com o mundo que explica a situação de responsabilidade sem álibi descrita por Bakhtin em ‘Per uma filosofia dell’atto’ tem a ver com o fato de que cada um, enquanto ser no mundo, ocupa com o próprio corpo uma posição não intercambiável, mas única.

É a voz com a sua encarnação, é o corpo, impedindo que o diálogo se torne uma dialética na qual a síntese seja sempre assegurada (PONZIO, L., 2019, p. 47).

O diálogo acima referido difere, por exemplo, da interação dialogal conforme estudada por Jakubinskij (2015). Nesses estudos, a naturalidade da fala fora analisada, metodologicamente, segundo a pragmática da troca de turnos, conforme lemos: “O diálogo tem como principal característica o *fenômeno das réplicas*: a tomada de turno [*govornie*] de um interlocutor alterna com a de um ou vários outros interlocutores” (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 81, grifo do autor). Um exemplo da perspectiva ampliada de diálogo, adotada pelo Círculo, encontra-se em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Volóchinov (2018) defende, nesse texto, que a interação face a face é apenas uma das formas de manifestação discursiva da dialogicidade. Toda interação discursiva é dialógica, dado que nossa consciência e de nossos enunciados sempre se orientam à “percepção ativa” do outro, ao reconhecimento inevitável dos “discursos anteriores” e a uma “espécie de discussão ideológica em grande escala”, que não conhece começo nem fim (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219). O diálogo em sua acepção ampla é, portanto, condição de possibilidade para a interação de subjetividades no diálogo face a face, visto constituir a consciência e o sentido do enunciado concreto, ressaltando o papel estruturante do outro no eu. Esse conceito revela o *princípio alteritário* da teoria bakhtiniana, a qual prevê a relação eu-outro em todos os seus construtos (DI FANTI, 2003).

Foi o enfoque ao papel determinante do *outro no eu* que fez Bakhtin (2018a, p. 108) observar, no romance dostoievskiano, o caráter “bilateral” e “dialógico” da ideia, do pensamento e da consciência: “os dois lados [o eu e o outro] não podem separar-se um do outro nem na abstração”. Ou, ainda, a premissa de que, em Dostoiévski, “Tudo é meio, o diálogo é o fim” (BAKHTIN, 2018a, p. 293). Segundo Bakhtin (2018a, p. 205), o sujeito “nunca encontrará sua plenitude apenas em si mesmo”. Ou seja, a totalidade de uma ideia se dá inteiramente no encontro com o outro, em resposta ao outro, no diálogo, visto ser esse o único movimento

alteritário que permite gestar o *dever ser* dessa ideia, dessa posição subjetiva no mundo discursivo.

Ademais, como nota Luciano Ponzio (2019), a própria concepção de corpo em Bakhtin é intercorpórea, sob a figura do o *corpo grotesco*, conforme registrado na tese bakhtiniana sobre Rabelais. Para Ponzio (2019, p. 93), o corpo, nessa acepção, “é visto nas situações em que a dependência intercorpórea e do mundo, as suas necessidades e a sua precariedade são mais evidentes”. Então, a definição de sujeito, desde sua corporeidade até seu psiquismo, é dialógica e social – no conceito de diálogo figura a alteridade constitutiva.

À vista disso, Petrilli (2019) entende que a alteridade faz do diálogo a condição inexorável de constituição do sujeito, de sua visão sobre si mesmo, sobre o outro e sobre os atos dialogicamente referidos:

[...] o diálogo alude ao fato de que se fechar para o outro, expurgar o outro de uma vez por todas é impossível, ao fato de que o outro não pode ser ignorado, de que o envolvimento com o outro não pode ser evitado de modo algum. Não obstante as tentativas, por parte do eu, de se retrair, de se fechar, de construir muros e defesas, a implicação com o outro é inevitável (PETRILLI, 2019, p. 74).

Resta-nos constatar que o mais íntimo de si mesmo somente produz sentidos no encontro discursivo; é, por natureza, encontro alteritário. O sentido implica a firma-reconhecimento da validade, da verdade, da justeza desse sentido. Para Bakhtin (2017a), o encontro alteritário gera uma *verdade* distinta das verdades gerais ou das verdades íntimas e fortuitas. Trata-se da *pravda*, aquela que justifica o *dever ser*, instaurando os matizes emotivo-volitivos do ato-assinatura. Segundo Sobral (2019), *pravda* e *istina* não podem ser pensadas separadamente, tendo em vista a unicidade e a historicidade tensionadas no sentido de cada ato. Na passagem abaixo, há uma longa exemplificação relativa à tensão entre verdade evêntica (*pravda*) e verdades gerais (*istina*) para o sujeito que compreende seu próprio ato:

O evento no seu realizar-se pode ser claro e evidente, a cada momento, para aquele que participa de seu ato. Acaso isso significa que ele o compreende logicamente? [...] Não, ele vê claramente seja as pessoas individuais, únicas, que ele ama, seja o céu e a terra, e estas árvores <nove palavras ilegíveis> e o tempo; e simultaneamente lhe é dado o valor, concreta e realmente afirmado, destas pessoas, destes objetos, do qual intui a sua vida íntima e os seus desejos; e fica-lhe claro também o sentido real e o **sentido que merece consideração por conta das relações recíprocas entre eles**, estas pessoas e estes objetos, - a verdade (*pravda*) de um determinado estado de coisas – e seu dever inerente ao ato, não a uma lei abstrata do ato, mas sim o dever real, concreto, condicionado pelo lugar que somente ele ocupa no contexto dado do evento (BAKHTIN, 2017a, pp. 82-83, grifo nosso).

A *pravda* é por nós compreendida como o sentido relacional que ancora o ato na história e em sua arquitetônica, erigindo-se nas fronteiras entre eu-outro, entre centros axiológicos e “*deveres ser*” distintos. “A verdade (*pravda*) do evento não é, em seu conteúdo, identicamente igual a si mesma (*istina*); é, ao contrário, a única posição justa de cada participante, a verdade (*pravda*) do seu real dever concreto” (BAKHTIN, 2017a, p. 104). Surge, no ato, uma verdade *da e na relação de encontro*, que se forja de *sentidos situados*, manifestos no entrechoque entre a palavra minha e a palavra do outro. Ao final, o encontro de *pravdas*, tensionadas com *istinas*, dá contorno às ideias, aos corpos, às subjetividades, sob o tom axiológico dos sentidos situados, inscritos nas longas cadeias da história.

Entendemos que sentidos situados se constituem nas relações dialógicas, estabelecidas entre enunciados concretos que encarnam, contrapontisticamente, posturas singulares e responsivamente referidas. A noção de contraponto, *punctum contra punctum*, é uma das definições possíveis para o entendimento das relações dialógicas. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2018a, p. 49), ao analisar a linguagem musical em diálogo com os romances de Dostoiévski, observa que, para o romancista, “tudo na vida é diálogo, ou seja, contraposição dialógica”. Na música, a contraposição de vozes que cantam o mesmo tema serve de analogia para o funcionamento dos romances polifônicos, caracterizando a diversidade altissonante do universo criado. No discurso, poderíamos compreender que a convergência de enunciados distintos que enfocam um mesmo tema gera as relações dialógicas, contrapontísticas por natureza.

O caminho que Bakhtin (2018a, p. 207) toma ao estudar a “vida concreta” do discurso compreendido como “língua em sua integridade concreta e viva”, e não como abstração de elementos puramente linguísticos, privilegia as relações dialógicas. Estas se concretizam no “momento dialógico”, que insere a língua em contato com a vida e com a comunicação mais ou menos imediata entre interlocutores. Nesse momento, as relações lógicas e concreto-semânticas (estruturalmente linguísticas) devem *personificar-se*, “tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas” (BAKHTIN, 2018a, p. 209). Ou seja, o ato-enunciado é totalmente revestido pelas relações dialógicas que este traça com outros atos, consubstanciando, em todos os seus elementos constituintes, a resposta ao outro. É desse ato enunciativo que a consciência se alimenta, como veremos mais adiante.

Em *O texto na filologia, na linguística e em outras ciências humanas*, Bakhtin (2016b) defende que as relações dialógicas preenchem todos os enunciados por dentro, vinculando-os a campos temáticos e ideológicos específicos, dando-lhes o tom semântico da posição autoral

responsiva. Ainda, o autor assevera bastar que pelo menos dois enunciados voltem-se para o mesmo tema ou pensamento para que entre eles surjam relações dialógicas: “Eles se tocam no território comum do tema comum, do pensamento comum” (BAKHTIN, 2016b, p. 88). Ou seja, a relação dialógica observa, no “momento dialógico”, o encontro de atos singulares que, mesmo da maneira mais remota, possuem entre si relações semânticas especiais, que as vinculam a uma dada situacionalidade cultural.

Então, o sentido situado, a *pravda* do momento de encontro, encarna no discurso a contraposição concreta entre centros axiológicos e cosmovisões como aspecto constitutivo dos enunciados. Sendo relações *personalistas* (BAKHTIN, 2017c), as relações dialógicas encarnam subjetividades que se encontram no ato enunciativo. Sob o olhar de Luciano Ponzio (2019), o teor personalista acena às relações intercorpóreas tipicamente dialógicas, espraiadas à linguagem. São dois sujeitos que se encontram no ato e no enunciado e, nesse contexto, o eu coloca-se frente ao outro “não segundo uma relação indiferente com o outro genérico, não com o [sujeito] em geral, mas enquanto envolvimento concreto com o passado, o presente e o futuro de pessoas reais” (PONZIO, L., 2019, p. 37). Como sempre assevera Miotello (2018^a), esse entendimento traz ao conceito de responsividade uma concretude vivificadora, a qual sempre correlaciona o que vem do outro (os objetos, as ideias, o outro concreto) a um centro *humano*: “É um ser humano este centro, e tudo neste mundo adquire significado, sentido e valor somente em correlação com um ser humano, somente enquanto tornado desse modo um mundo humano” (BAKHTIN, 2017a, p. 124). Disso decorre que os aspectos contextuais e cronotópicos do ato enunciativo não são extrínsecos, mas intrínsecos ao sentido: o contexto é esse espaço de relações intercorpóreas e dialógicas, personalistas.

Por isso, a análise de Volóchinov (2017) que prefacia esta seção ressalta a necessária atenção aos tempos e aos espaços constitutivos dos enunciados e das consciências; os *contextos* da interação são peça-chave para a instauração de subjetividades produtoras de sentido, porque contrapostas em relação responsivo-vincular situada. A cena analítica não só historiciza relações espaciais e temporais, como também ancora a arquitetônica dos sujeitos em diálogo. Isso porque, como afirma Bakhtin (2017a), todo e qualquer ato se dá nos *momentos* alteritários inter-relacionados:

Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes

momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro e eu-para-o-outro (BAKHTIN, 2017a, pp. 114-115).

Volóchinov (2017, p. 79) propõe olhares alternativos à psicanálise com base no “clima social complexo e singular” que constrói “aquelas enunciações verbalizadas – narrações e réplicas do paciente na sua entrevista com o médico – que Freud toma como base de sua teoria”. Somente num dado contexto, em dadas condições cronotópicas, podem os momentos concretos do ato instaurar a dialogicidade do sentido e da expressividade nas relações eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro-para-mim. A ênfase à responsividade engendradora dos enunciados reitera um olhar metodológico à *pravda* contextual, tonalizante da *palavra analítica*, a qual é um mesmo momento de interiorização e de exteriorização concreta da linguagem (do discurso interior e exterior) do, no e pelo pequeno acontecimento social psicanalítico.

Então, o sujeito que fala na análise, em termos bakhtinianos, tem a figura do outro e os tons contextuais como co-presenças ativas dos atos-enunciados concretizados. Ao falar, age com a totalidade do seu ser em resposta ao analista, à multiplicidade de vozes sociais que o constitui – múltiplas figuras de “outros” encarnados em enunciados assimilados, reelaborados e reacentuados – e às cronotopias em que atua. O que diz, como diz e por que diz são aspectos da emergência de uma subjetividade encarnada na linguagem. Por isso, o evento psicanalítico é um acontecimento que enriquece, em termos subjetivos, a potência de *ser ao responder*. Nesse cenário, a linguagem torna-se um importante componente da contrapalavra sociológica e discursiva de Volóchinov (2017) a Freud, como veremos na seção que segue.

1.2 ASPECTOS SOBRE LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA E SUBJETIVIDADE²¹

Em sua filosofia primeira, Bakhtin (2017a, p. 84) defende que, historicamente, “a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato”. Então, contemplar o sujeito constituído na e pela participação ética, responsiva e responsável no mundo implica contemplar sua relação com a linguagem. Já vimos que, em *O freudismo*, Volóchinov (2017) critica a psicanálise por ela ser subjetivista e psicologizante, sendo o inconsciente o conceito mais representativo daquilo que o autor considera um reino autogerido, à parte do mundo social descoberto por Freud. Essas considerações foram, em parte, também compartilhadas por Vygotsky (1987a; 1987b). Então, iniciamos esta seção com um extenso, embora elucidativo

²¹ Esta seção se ancora em algumas reflexões registradas no artigo *O encontro de subjetividades no enunciado: apontamentos sobre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin*, de Moll e Di Fanti (2021).

excerto, que julgamos exemplificar o trajeto de contrapalavra ao inconsciente freudiano, tentando compreender as relações entre linguagem e consciência:

Outro problema que se nos coloca com igual agudeza quando empreendemos a análise crítica do freudismo tem estreita relação com o primeiro [o subjetivismo de seu método]: estamos falando das respostas verbalizadas. Esta questão diz respeito ao ‘conteúdo do psiquismo’: o conteúdo dos pensamentos, desejos, sonhos etc. *Esse conteúdo do psiquismo é totalmente ideológico: da ideia confusa e do desejo vago e ainda indefinido ao sistema filosófico e à complexa instituição política temos uma série contínua de fenômenos ideológicos e, conseqüentemente, sociológicos.* Nenhum integrante dessa série, do primeiro ao último, é produto apenas da criação orgânica individual. A ideia mais vaga, uma vez não enunciada, e um complexo movimento filosófico pressupõem igualmente um convívio organizado entre os indivíduos (é verdade que são diferentes as formas e graus de organização desse convívio). Por outro lado, Freud faz toda a série ideológica, do primeiro ao último integrante, desenvolver-se a partir dos elementos mais simples do psiquismo individual, como se estivesse em uma atmosfera socialmente vazia (VOLÓCHINOV, 2017, p. 21, grifos do autor).

Uma leitura desse excerto revela que a contrapalavra ao inconsciente mobiliza três eixos conceituais: (i) o enunciado e a verbalização; (ii) a consciência e sua relação com a “resposta verbalizada” e (iii) a interação discursiva organizada sob as regras do convívio social dos sujeitos. Ainda, ressalta-se que a presença de aspectos mais vagos e menos claros na consciência – entendemos que o autor tente contemplar o inconsciente freudiano – não são estranhos à perspectiva materialista histórica, dado que tais aspectos também teriam laço com o social, estando igualmente inscritos em uma cadeia ideológica ampla. Então, a consciência nascida socialmente *participa por inteiro* do contexto que a recebe e na qual atua. Para que isso se demonstre, conceitos como ideologia, linguagem e interação discursiva se tornam essenciais.

Em *O freudismo*, a discussão sobre o enunciado e sobre a troca enunciativa, nas quais se inscrevem as “respostas verbalizadas” entre médico e paciente na sessão de psicanálise, surge como construção alternativa ao inconsciente freudiano, assim como sustentáculo do acontecimento psicanalítico por um viés sociológico e discursivo²². Ao invés de revelar o inconsciente, a fala do paciente e a interpretação do médico inscreveriam os motivos da consciência do primeiro, dos mais vagos aos mais estruturados, num circuito de trocas verbalizadas, das quais ambos participam. “O discurso interior é tanto produto e expressão do convívio social quanto o discurso exterior” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 80), sendo a sessão de

²² De fato, o ensaio *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926), publicado um ano após *Do outro lado do social* (1925), é o primeiro escrito de Volóchinov em que o construto de enunciado aparece de forma sistematizada. Conceitos como contexto extraverbal do enunciado, subentendido e horizonte espacial e avaliativo comum se tornam imprescindíveis para a compreensão da troca enunciativa. Entretanto, é em *O freudismo* que o enunciado é focado em relação à consciência, processo que se desenvolve na contrapalavra ao conceito freudiano de inconsciente.

psicanálise mais um desses convívios sociais nos quais os sujeitos poderiam se expressar e serem afetados uns pelos outros. Veremos, então, como linguagem, ideologia e consciência se articulam em Volóchinov, Bakhtin e Medviédev, prospectando uma noção discursiva e dialógica de subjetividade.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov equipara signo à ideologia. Nessa equiparação, o signo é entendido como signo ideológico: “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação signica*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93, grifos do autor). Com isso, embasa-se a assertiva de que a ideologia existe de forma concreta, encarnada em alguma materialidade. Essa, por sua vez, é semiótica – sendo *signica*, existe de forma socializada, trazendo em si não só o reflexo, mas também a refração do mundo por quem o enuncia.

O ideológico, tendo seu lugar privilegiado na materialidade *signica*, serve à comunicação não apenas como campo refletivo do mundo, mas como campo refratante, pulverizando ênfases sociais da subjetividade num feixe de sentidos múltiplos e em disputa numa dada comunidade. O que especifica a ideologia, então, é a possibilidade de semantizar – refletir e refratar – um “território interindividual” organizado socialmente que, por sua vez, valora a realidade, tematizando-a diferentemente nas formas de interação discursiva: “Esse processo de inserção da realidade na ideologia, da geração do tema e da forma, pode ser mais bem observado no material da palavra” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112). Entendendo *tema* como ênfase social e entendendo *forma* como organização *signica* responsiva às demandas interacionais, compreendemos que o signo engendra uma tensa atmosfera axiológica que reúne distintas valorações, tanto as individuais, quanto as sociais, ocasionando “um embate incessante de ênfases [sociais] em cada elemento semântico da existência” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 238).

As ênfases circundantes à forma e ao tema do enunciado fazem da ideologia uma esfera mais além do que o senso comum entenderia como “partidarismo”. É ideológico aquilo que faz sentido, porque o sentido é social, móvel, intercorpóreo e comprometido. O sentido se engendra sob *interesses de fazer sentido*, que não são subjetivos ou fortuitos, mas perpassados por marcas individuais e sociais. Por isso, o signo, tanto quanto a individualidade, é, ao mesmo tempo, social e individual (VOLÓCHINOV, 2018). A crítica feita em *O freudismo* indica que, na sessão de psicanálise, há pontos de vista sociais e entonações expressivas particulares que se socializam em um espaço tenso. A “duplicidade de sentidos”, a “resistência à figura do médico”, a “censura” seriam fenômenos sociais que revelariam a maneira como esse indivíduo

tende a responder ao outro, trazendo em seu comportamento mais imediato algumas características responsivas mantidas, também, fora do consultório (VOLÓCHINOV, 2017).

No excerto citado ao início desta seção, lemos que as ideias vagas e confusas são ideológicas. Para o autor, elas fazem parte da ideologia do cotidiano: “Chamamos de discurso interior e exterior a ‘ideologia do cotidiano’ que penetra integralmente o nosso comportamento” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 88). Caracterizada por ser “mais sensível, compreensiva, nervosa e móvel que a ideologia enformada, ‘oficial’”, a ideologia do cotidiano, na visão de Volóchinov (2017, p. 88), acumula contradições sociais, assim como abarca toda sorte de problemas na passagem do discurso interior ao discurso exterior. Por isso, o inconsciente poderia ser uma “ideologia não oficial”, aquela que, por ser menos socialmente estruturada ideológica e enunciativamente, é menos propícia a socializar-se sem maiores constrangimentos temáticos ou propriamente verbais (o “como dizer o que se quer dizer”)²³. No interior de si mesmo e no exterior, há tanto “embriões verbais”, quanto ideologias estruturadas, ambos essencialmente sociais.

Para Faraco (2009), a ideologia pode ser entendida como o universo nos quais os sentidos, tanto individuais como coletivos, podem ser concretizados em uma realidade material (sínica), participando de esferas ideológicas (inserindo-se nas áreas da atividade humana) e expressando posições avaliativas. Augusto Ponzio (2016a, p. 179), de maneira consentânea, afirma que a ideologia é a “expressão das relações materiais dos [sujeitos], onde ‘expressão’ não significa somente interpretação ou re-presentação, mas também organização e regulamentação dessas relações”. Por isso, a materialidade sínica, como nota Zandwais (2013, p. 57), engloba língua e mundo, “inscreve o social e o ideológico em seu interior”, acompanhando a organização histórica e social das coletividades na e pela atividade social organizada. O conteúdo da consciência é, para Volóchinov (2017), a ideologia que, encarnada signicamente, passa a compor nosso discurso interior.

Se o conceito de ideologia já figurava contiguamente às ideias sobre consciência em *O freudismo*, nos textos subsequentes isso se explicita ainda mais. Em *O que é língua/linguagem* (1930), Volóchinov (2019b, p. 264) argumenta que a consciência é fruto das interações prenes de ideologia do cotidiano, aquela camada mais flexível das trocas verbais que funciona como seiva ininterrupta entre as trocas verbais mais cotidianas e as ideologias constituídas, enformadas. A ideologia do cotidiano “atribui sentido a cada um dos nossos atos, ações e

²³ Para Miotello (2018a, p. 32), o conceito de ideologia não oficial acena ao fato de que, embora haja constrangimentos/constrições sociais, o sujeito sempre acha uma “brecha”, uma “fresta”, uma “possibilidade” para pensar algo diferente do estatuído.

estados ‘conscientes’”²⁴ (VOLÓCHINOV, 2019b, p. 260). Por isso, como afirmam Morson e Emerson (2008, p. 2017), a vida psíquica é entendida por Volóchinov como um “fenômeno fronteiro”: as relações discursivas e ideológicas com os outros indivíduos, corporificadas em enunciados concretos, fazem do discurso interior uma fronteira zona sígnica e ideológica entre o social e o subjetivo, a ponto do psiquismo se constituir responsivamente à existência, engendrando uma consciência que nela participa, porque com seu material semiótico se formou.

Em *O discurso no romance*, Bakhtin (2015) aloca o ideológico no mesmo espaço em que se desenvolve o heterodiscurso. Nesse texto, a relação entre materialidade sígnica e ideologia é ainda mais evidente. Entendendo a estratificação de línguas como reflexo da estratificação das sociedades, os distintos pontos de vista ideológicos passam a compor o universo heterodiscursivo do e no qual cada consciência individual irrompe. A concretude discursiva é o local onde distintas posições no mundo se manifestam: “todas as línguas do heterodiscurso [...] são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes concreto-semânticos axiológicos específicos” (BAKHTIN, 2015, p. 67). O discurso, entendido como vida real da linguagem, abarca a multiplicidade de vozes, pontos de vista e posturas ideológicas de uma sociedade, as quais são ou foram encarnadas, historicamente, por sujeitos sociohistoricamente situados.

O dialogismo está presente no discurso porque este “surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto [do sentido]” (BAKHTIN, 2015, p. 52). Ao falarmos sobre algo, contemplamos o outro, nosso interlocutor, assim como todas as outras vozes e línguas sociais que permeiam nosso objeto. Mais além, o dialogismo está presente no discurso haja vista sua matricial “orientação dialógica”, uma “dialogicidade interna do discurso (tanto na réplica como na enunciação monológica) que penetra toda a sua estrutura, todas as camadas dos seus sentidos e de sua expressão” (BAKHTIN, 2015, p. 52). Então, o discurso interior e exterior é dialógico por natureza, e a consciência se define por sua dialogicidade. Volóchinov (2018, p. 136, grifo do autor) assevera que o conteúdo do discurso interior lembra, acima de tudo, “as *réplicas de um diálogo*”, ou as “*impressões totais dos enunciados*”. Esse entendimento é robustecido pelo conceito bakhtiniano de microdiálogo.

²⁴ Indagamo-nos sobre a presença de aspas no termo “consciente” como provável interlocução do autor com as ideias freudianas.

Bakhtin (2018a), ao discorrer sobre o conceito de microdiálogo²⁵ nos personagens dostoievskianos, dá-nos mais bases para compreender a dialogicidade da consciência. O microdiálogo acena ao caráter bivocal que a palavra assume já na consciência individual; ao analisar Raskólnikov²⁶, diz o autor: “nele, todas as palavras são bivocais, em cada uma delas há vozes em discussão” (BAKHTIN, 2018a, p. 85). Trata-se do diálogo que “penetrou no âmago de cada palavra [interior], provocando nela luta e dissonância de vozes” (BAKHTIN, 2018a, p. 85). Em tal caso, revelam-se dois aspectos da subjetividade: (i) a consciência apropria-se dos diálogos e das formas discursivas próprias da ideologia do cotidiano, estruturando-se à sua semelhança em discurso exterior e (ii) o próprio discurso interior é “nervoso”, tenso, povoado por vozes heterodiscursivas em discussão, em microdiálogo. Os *outros do eu* do discurso exterior alimentam os *outros no eu* do discurso interior.

Todas essas considerações fazem da consciência uma zona de tensão entre múltiplas vozes. Dado que a consciência é uma formação responsiva ao heterodiscurso, a psique é tensa e contraditória, uma vez que as línguas começam a se interiluminar, a se contradizer e a disputar espaços no sujeito, desde o nível do microdiálogo. Como afirmam Morson e Emerson (2008, p. 232), Bakhtin “imagina o eu como uma conversação, não raro como uma luta de vozes discrepantes, vozes (e palavras) que falam de diferentes posições e estão investidas de diferentes graus e tipos de *autoridade*”.

As vozes discursivas, prenes de entonações dos outros, pertencem à memória discursiva, instaurando múltiplas assunções de posturas responsivas à existência concretizadas em línguas sociais, passando a compor nossa consciência como memória das posições e dos valores dos outros. Certo espaço para a memória discursiva, que garante os sentidos históricos construídos pelas coletividades, é também demarcado por Medviédev (2012). Em *O método formal nos estudos literários*, o autor revela a intrincada relação entre comunicação discursiva, criação humana e ideologia: “a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo de comunicação social” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 49). Com isso, os distintos “ideologemas”, entendidos como produtos ideológicos²⁷, agregam em si a história dos sentidos

²⁵ A discussão bakhtiniana sobre microdiálogo assemelha-se à discussão de Volóchinov (2018) sobre discurso interior e exterior: “Visto assim, o diálogo exterior composicionalmente expresso é inseparável do diálogo interior, ou seja, do microdiálogo, e em certo sentido neste se baseia. E ambos são igualmente inseparáveis do grande diálogo do romance no seu todo, que os engloba” (BAKHTIN, 2018, p. 310).

²⁶ Rodion Románovitch Raskólnikov é o nome dado ao protagonista de *Crime e Castigo*, romance dostoievskiano de 1866.

²⁷ Em Medviédev (2012), o ideologema é definido como produto ideológico, como material ideológico enformado disponível na cultura. Veremos como em Volóchinov (2017; 2018; 2019c) esse conceito apresenta matizes diferentes, sendo entendido como material ideológico em processo de enformamento. Por isso, a consciência pode

sociais, das ênfases multidirecionadas pelas coletividades a determinados aspectos da existência. Tudo isso ocorre num terreno interindividual concreto, “entre nós” e, portanto, ideológico, concretizado na ampla comunicação social.

Em termos de subjetividade, Medviédév (2012, p. 56) postula que a consciência se perfaz no conteúdo ideológico e na coletividade: “O meio ideológico é o meio da consciência”, entendendo-se “meio ideológico” como “a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa”. A língua, então, possui a mesma materialidade do signo, da palavra (*slovo*, também discurso) e do enunciado: por ser socializada, é material enformante das ideologias, objetiva ideologemas, além de preencher “por dentro” a consciência do sujeito (discurso interior, gêneros interiores). O meio ideológico, portanto, é o meio da consciência, porque é o meio da linguagem e da avaliação social; a consciência “não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56). Portanto, assim como Volóchinov (2018) e Bakhtin (2015), Medviédév (2012) compreende que há um aspecto social amplo que faz da consciência uma força da existência, assim como essa pode modificar a existência na comunicação discursiva, criando ideologemas.

Em *Apontamentos dos anos 1970-1971*, Bakhtin (2017c) apresenta um posicionamento acerca da relação entre linguagem e consciência bastante semelhante ao de Volóchinov (2018). Para o autor, o desenvolvimento da autoconsciência é um fenômeno histórico “ligado ao desenvolvimento dos recursos semióticos da expressão (acima de tudo da língua” (BAKHTIN, 2017c, p. 43). Ou seja, é preciso que se incorporem os materiais semióticos, ideológicos e expressivos do meio para que, então, desponte a possibilidade de ter consciência de si mesmo. É na língua, entendida para além de sua estrutura, que o eu encontra o outro e se constitui. As ideias de Bakhtin e de Volóchinov por nós registradas, explicam, em textos subsequentes, a crítica ao inconsciente: “O ‘inconsciente’, ou seja, a parte de nós mesmos fora de nosso controle e ciência [*awareness*], é melhor compreendido como, simplesmente, aquela parte da consciência ainda desarticulada²⁸” (EMERSON, 1983, p. 251 [tradução nossa]). O caráter “ainda não articulado” do inconsciente releva a necessária relação entre consciência, signicidade e verbalização, tanto para o Círculo, quanto para Vygotsky.

ser habitada por ideologemas vagos, os quais ganham enformamento no processo de objetivação enunciativa. Em nossos capítulos de discussão, referimo-nos à ideologema à maneira de Volóchinov.

²⁸ No original: “The ‘unconscious’, that is, the part of ourselves that is outside our control and awareness, is best comprehended as merely that portion of the conscious not yet articulate - an ‘unofficial conscious’, if you will, or perhaps a struggle among various motives and voices within the conscious (*Fr*, pp. 76, 85)” (EMERSON, 1983, p. 251).

Com alguma cautela, podemos arriscar uma leitura da alteridade como peça-chave do funcionamento psicológico também em Vygotsky. “Nós tomamos consciência de nós mesmos porque estamos conscientes dos outros, pelo mesmo método a partir do qual tomamos consciência dos outros, porque nós somos conosco mesmos da mesma forma que os outros o são²⁹” (VYGOTSKY, 1987b, p. 77 [tradução nossa]). O outro me dá o conhecimento de mim mesmo na forma da palavra internalizada que se cruza com o pensamento, passando a cumprir uma função meta-cognitiva na regulação de nosso comportamento. A lógica da (auto)consciência é a lógica da interação social, e a maneira como os outros se comportam correlativamente ao eu indica o espaço social de formação/desenvolvimento da subjetividade.

No retorno a Volóchinov, podemos melhor compreender que, se a palavra forma a consciência como resposta à existência e se a palavra é ideológica, a alteridade está presente no sujeito sob a égide da ideologia e da linguagem. Volóchinov (2018, p. 205, grifos do autor) entende a palavra como um “ato bilateral”, determinada “tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige”. Por isso, a palavra “é uma ponte que liga o eu ao outro” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205), enlaçando a inter-constituição da consciência de sujeitos em interação. Dado que a palavra também é “a base, o esqueleto da vida interior” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 121), a materialidade da palavra, do signo e do enunciado enlaçam: (i) o eu ao outro; (ii) o eu aos sentidos coletivizados, ao universo valorativamente saturado e (iii) a consciência do eu à realidade semiótica externa, refratada, a qual passa a compor o discurso interior.

A múltipla corporeidade da palavra (ao mesmo tempo interna e externa; própria e alheia etc.) é entendida por Augusto Ponzio (2020a) em termos de materialidade sígnica alteritária. Para o autor, no ideário bakhtiniano, “*O caráter material da língua é essa alteridade da palavra*” (PONZIO, A., 2020a, p. 9, grifo do autor). Percebemos tal alteridade em dois sentidos: (i) em sentido amplo, a materialidade sígnica é sócio-objetiva; contém em si a inscrição dos usos organizados da linguagem na história dos grupos sociais; (ii) em sentido imediato, a materialidade sígnica reúne, em encontro, falante e interlocutor, assim como as vozes sociais que os constituem. Dado que a constituição do sujeito é sócio-ideológica, a materialidade sígnica torna-se um *elo* entre evento e história, assim como entre o interno-subjetivo e externo-objetivo.

Todos esses apontamentos respaldam a concepção de consciência como discurso interior orientado à exteriorização (discurso exterior), amplamente utilizada por Volóchinov

²⁹ No original: “We are conscious of ourselves because we are conscious of others and by the same method as we are conscious of others, because we are the same vis-à-vis ourselves as others are vis-à-vis us” (VYGOTSKY, 1987a, p. 77).

tanto na crítica ao freudismo, quanto em escritos posteriores. Para o autor, existe uma dialética entre discurso interior e exterior, que estabelece um *continuum* entre a esfera psíquica individual e as esferas ideológicas constituídas, entre a palavra minha e a palavra do outro, e não uma mudança de qualidade ou de princípio entre elas: “De certo modo, entre o psiquismo e a ideologia existe uma relação dialética indissolúvel: *o psiquismo desaparece, anula-se, ao tornar-se ideologia, assim como a ideologia se exclui ao tornar-se psiquismo*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 138, grifo do autor). Embora a asserção pareça taxativa – e, inclusive, crítica do conceito de “psicologia social” vastamente utilizado pelos marxistas da época – o autor a amplia ao entender que o discurso interior, ao se objetivar, “deve se livrar de sua obsessão pelo contexto psíquico (biobiográfico), deixar de ser uma vivência subjetiva”, ao passo em que o discurso exterior e as ideologias constituídas devem “obter tonalidades subjetivas, para não se transformar em uma relíquia de museu que é respeitada mas incompreendida” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 138).

Se por um lado as esferas ideológicas constituídas são menos permeáveis ao fator individual-biográfico, elas também não se manteriam estáveis sem o engajamento dos múltiplos sujeitos. Por outro lado, se o discurso interior é prenhe de tons emotivo-volitivos bastante particulares, nem por isso tal discurso seria “individualista”, visto que até a individualidade é um fenômeno social. Em que isso pesa na crítica à sessão de psicanálise? Trata-se, justamente, de reiterar a postura teórico-metodológica que percebe o sujeito como microcosmo do social. Seus temas, chistes, repressões seriam a refração no discurso de sua relação com o contexto ideológico que o circunda. Na visão de Augusto Ponzio (2016a, p. 169), o esforço de Volóchinov fora indicar que os conflitos psíquicos só podem ser explicados quando, para além do discurso interior, passa-se “à esfera das relações sociais materiais e das condições objetivas entre as quais [os sujeitos] operam e produzem discursos e representações”. Nessa esfera ampla, o “biobiográfico” e o ideológico se imbricariam, indicando o lugar do sujeito em relação a si mesmo e aos outros – tudo isso feito na e pela materialidade (hetero)discursiva, alteritária, ponte entre interior e exterior.

Desse modo, é na relação com o analista que o analisando pode dar “uma *expressão verbalizada e um desfecho verbalizado* àquilo que fora reprimido e isolado em seu psiquismo, agravando-o” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 31). Responder ao analista constituiria, desde já, um fenômeno terapêutico compreendido como concretização (objetivação) mais ou menos estruturada do discurso interior em discurso exterior. O microdiálogo tornar-se-ia diálogo face a face via enunciado endereçado ao outro. O outro concreto, por sua vez, situa o enunciado do analisando no contexto ideológico da sessão de psicanálise, vinculando enunciado e consciência

em um contexto ideológico estruturado. Ademais, o outro concreto está onde o enunciado verbalizado também está, como seu constituinte refrangido. A resposta ao analista, conseqüentemente, é reflexo de engajamento social do sujeito, de participação ativa e responsiva no existir-evento.

Uma visão consentânea à registrada por Volóchinov (2017) é a do filósofo Paul Ricoeur (2010, p. 44), que defende que, em psicanálise, qualquer conflito psíquico pode ser entendido como “perturbações na comunicação, modos de excomunhão, devidos à privatização dos símbolos desconectados”. Para o filósofo, um problema psíquico é um problema na narrativização de si, ou seja, nas formas de expressar-se ao outro. Em tal caso, enfrentar a falta de palavras para dizer-se implica enfrentar o sintoma psíquico “em função da tarefa positiva de trabalhar no reconhecimento de si mesmo através do reconhecimento do outro e por meio da extensão do processo simbólico na esfera pública de comunicação” (RICOEUR, 2010, p. 44). Relacionando ambos os autores, poderíamos pensar que, na relação com o analista, o analisando pode tecer narrativas-enunciados inteligíveis-estruturados para o outro e, com isso, para si mesmo, haja vista *a influência inversa de expressão (do enunciado) na vivência (e no psiquismo)*. Sobre esse processo, Volóchinov (2018) indica que, por não haver limites qualitativos entre o discurso interior e o exterior, a objetivação representa um *ganho* à consciência:

Por essa razão, do ponto de vista do conteúdo não há uma fronteira essencial entre o psiquismo e a ideologia, apenas uma diferença de **grau no estágio de desenvolvimento interior**, um ideograma não encarnado em um material ideológico é um ideograma vago; só no processo de encarnação ideológica ele é capaz de se tornar claro, se diferenciar e se fixar (VOLÓCHINOV, 2018, p. 128, grifo nosso).

Como, então, se daria tal ganho? Para o referido autor, os conteúdos do psiquismo são, mesmo em sua forma mais desestruturada, “embriões de orientações sociais, inaptos à vida” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 215). “Não é a vivência que organiza a expressão, mas, ao contrário, a expressão organiza a vivência, dando-lhe sua primeira forma e definindo sua direção” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 204); portanto, “a expressão realizada exerce uma potente influência inversa sobre a vivência: ela começa a penetrar na vida interior, dando-lhe uma expressão mais estável e definida” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 212). Então, pensando na sessão de psicanálise, os movimentos discursivos e alteritários próprios da interação com o outro conduzem a uma maior e melhor maneira de dizer de si.

Pires e Sobral (2013), na esteira do que fora acima exposto, entendem que o sujeito bakhtiniano pode ser pensado segundo uma infinda e inconclusível dinâmica de apropriação (tomar para si) e de objetivação (exteriorizar). Os autores indicam que “a apropriação é a forma

peçoal de o sujeito ser social, enquanto a objetivação é a forma social de o sujeito ser pessoal” (PIRES; SOBRAL, 2013, p. 209). Concebemos que a perspectiva de sujeito preconizada por Volóchinov (2017) na contrapalavra à psicanálise tenha intentado defender que a “cura pela fala” é um tenso processo de apropriação e objetivação de conteúdos ideológicos forjados no evento de interação com o analista, e não resultado das leis do inconsciente reveladas pelo analista.

Em suma, na cena psicanalítica, há um evento de interação objetivamente estruturado na troca de enunciados. Qualquer enunciado “forma-se na relação entre o *eu* e o *outro*, numa concorrência de discursos, vozes em circulação que, num jogo de tons emotivo-volitivos, dá vida à palavra e revela um sujeito relacional e inacabado” (DI FANTI, 2020, p. 10). Então, pensar o sujeito que fala na análise pela perspectiva de sua constituição socioideológica e heterodiscursiva implica asseverar a relação de alteridade sem a qual o sujeito e sua transformação precisam ser pensados à luz da linguagem. Por isso, a sessão de psicanálise é um “pequeno acontecimento social”, uma forma típica de interação discursiva que, por si só, influencia as formas típicas de verbalização – sobre isso se debruça a próxima seção.

1.3 NOTAS SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO E SUA RELAÇÃO COM A CONSCIÊNCIA

Para discorrer sobre o conceito de gêneros do discurso, ressaltamos primeiro o sentido etimológico de *ato* ético, responsivo e responsável. Como nota Augusto Ponzio (2017), o ato é “como dar um passo”: em russo, *postupok*, palavra que designa ato, “contém a raiz ‘*stup*’ que significa ‘passo’, ato como passo, como iniciativa, movimento, ação arriscada, tomada de posição” (PONZIO, A., 2017, pp. 9-10). Atuar é, então, movimentar-se em direção ao outro via engajamento interessado e afirmado. A ideia do segundo nascimento social do sujeito e o desenvolvimento de um discurso interior orientado à exteriorização parecem reiterar o estatuto de todo e qualquer enunciado concreto como ato de encontro e de interação com o outro. Nesse sentido, observaremos, de maneira breve e sistemática, o construto de gênero do discurso para Bakhtin e seu Círculo, visando a melhor compreender os feixes de alteridade inscritos nesse conceito, conjugando atividade, relação eu-outro e linguagem.

Como lemos em *A construção do enunciado* (1930), a consciência do sujeito possui certa “sociologicidade” engendrada no engajamento do sujeito em sua coletividade, prenhe de sentidos ideológicos. Cada indivíduo possui um “ouvinte interior”, que é o representante autorizado dessa coletividade; o “desprendimento” do sujeito em relação a seu meio ideológico,

“*pode, no final das contas, resultar até em uma completa decomposição da consciência, loucura ou idiotismo*” (VOLÓCHINOV, 2019c, p. 277, grifo do autor). “Uma experiência puramente privada, não-verbalizada e isolada [...] é essencialmente impossível *como experiência*. Ela só pode ser compreendida como algo errático, nos limites do patológico³⁰” (EMERSON, 1983, p. 250 [tradução nossa], grifo do autor). Então, agir, enunciar e pensar são elementos produtores de sentido *porque* engajam o sujeito numa dada atividade social.

Com essas considerações, observemos a compreensão de Volóchinov (2017) a respeito da sessão de psicanálise. O autor evidencia o evento sociológico matricial do acontecimento psicanalítico pela visada às trocas enunciativas entre médico e paciente:

Como a maioria das construções da psicologia subjetiva, a teoria de Freud é uma projeção de certas relações objetivas do mundo exterior para o psiquismo. Nela se expressam, acima de tudo, *as relações de reciprocidade muito complexas do paciente com o médico*.

Em que consistem essas relações?

O paciente deseja esconder do médico algumas experiências emocionais e acontecimentos de sua vida, procura impor ao médico seu ponto de vista sobre as causas da doença e o caráter das suas experiências emocionais. O médico, por sua vez, procura preservar sua autoridade de médico, visa a conseguir revelações do paciente, empenha-se em fazê-lo aceitar o ponto de vista correto sobre a doença e seus sintomas. Com tudo isso cruzam-se outros elementos: entre o médico e o paciente pode haver diferenças de campo, de idade, de posição social e, por último, diferença de profissão. Tudo isso complexifica as relações mútuas e a luta entre eles (VOLÓCHINOV, 2017, pp. 78-79, grifos do autor).

A partir do excerto, entendemos que, na interação psicanalítica, sujeitos distintos se orientam, de maneiras também distintas, a um tema comum: as “experiências emocionais”, as “doenças e seus sintomas”. A orientação a esse tema engendra “relações de reciprocidade” mútuas, complexas e, principalmente, tensas, marcadas por papéis discursivos distintos. Os movimentos alteritários de aproximação e de distanciamento entre o eu e o outro, objetivados nos papéis de fala e de escuta, põem em tensão “pontos de vista” distintos, os quais escondem e revelam sentidos em disputa nos enunciados concretos. Essa orientação temática abarca a vida e os distintos “campos”, “idades”, “profissões” que constituem os sujeitos em interação. O sentido decupado pela (psic)análise dos enunciados deveria, portanto, acenar à sociologicidade dos sentidos, dos enunciados e da atividade.

³⁰ “Purely private, speechless, isolated experience – the realm of the mystical, the visionary – is essentially impossible as *experience*. It can only be seen as something erratic, as something bordering the pathological” (EMERSON, 1983, p. 250). É válido ressaltar que, segundo o autor, essa visão acerca da experiência é um ponto de divergência entre o pensamento do Círculo e Vygotsky. Em seus escritos, Vygotsky contempla pensamento sem linguagem, em termos de inteligência prática, mas privilegia a união entre pensamento e linguagem no enfoque ao desenvolvimento de conceitos, uma marca das funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 2007).

Em nosso ponto de vista, esse excerto fornece as bases para pensar o acontecimento do enunciado na sessão de psicanálise como um fenômeno da atividade entendida como “dar um passo”: aproximando-se e distanciando-se do outro segundo maneiras de falar, pensar e atuar mais ou menos estáveis, ou seja, como gênero do discurso³¹. Dito diferentemente, o discurso travado na sessão de psicanálise instaura na atividade analítica o ponto objetivo em relação ao qual convergem as consciências dialogicamente referidas. O ato como movimento entre consciências vai organizando a arquitetura do gênero. Pensar o acontecimento psicanalítico pelo viés dos gêneros do discurso, entretanto, será tarefa complexa. Teses, dissertações e artigos dedicam-se inteiramente a esse assunto, comprovando a necessária articulação entre diversos textos de Bakhtin e o Círculo para o entendimento do construto de gênero.

Barbosa e Di Fantí (2020), a partir de um extenso estudo das obras de Bakhtin e o Círculo, afirmam a indissociável relação entre enunciado concreto, ideologia e campo/esfera da atividade humana para a compreensão dos gêneros do discurso. Esse conceito, asseveram as autoras, põe em cena o *ser humano* e as *complexas relações alteritárias* travadas por ele com outros seres humanos ao longo da história. Tal afirmação implica asseverar que: (i) “havendo enunciado, há gênero”; (ii) “havendo gênero, há esfera” da atividade humana e (iii) todos esses aspectos são constituídos pelas ideologias (BARBOSA; DI FANTI, 2020, p. 199). Essas discussões podem ser exemplificadas pelo conhecido excerto abaixo, registrado no ensaio *Os gêneros do discurso* (1952-1953):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados [*viskázivanie*] (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016a, pp. 11-12, grifos do autor).

Da citação acima, ressaltamos a relação indissociável entre enunciado concreto e atividade humana – ato-enunciado, no e pelo qual o sujeito participa do mundo objetivamente refratado. O gênero, em sua *totalidade*, organiza as maneiras pelas quais torna-se possível “dar passos” em direção ao outro num determinado campo, em termos de estilo, tema e estrutura

³¹ Apontamentos sobre o conceito de “gênero da atividade” são mais bem desenvolvidos em capítulos vindouros desta dissertação.

composicional. Segundo Bakhtin (2016a, p. 20), os gêneros discursivos “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”, trazendo em sua totalidade a tensão entre o repetível e o irrepitível no mundo dos sentidos concretos. Logo, todos os três componentes do gênero são afetados por inteiro pelos destinos históricos e coletivos das atividades humanas e das condições sócio-ideológicas das sociedades: a própria atividade reúne a memória histórica de outras posições subjetivas nela instauradas numa dada cultura, representando um ponto de reatualização do heterodiscurso.

É em *O discurso no romance* que Bakhtin (2015) traz uma definição de gênero relacionada com as línguas sociais. O filósofo russo indica que os gêneros estão dispostos de maneira estratificada nas sociedades, assim como as vozes heterodiscursivas e as linguagens sociotípicas. A “estratificação de gêneros da linguagem” está relacionada tanto com os sistemas acentuais das distintas línguas sociais, quanto com os sistemas acentuais específicos dos gêneros (BAKHTIN, 2015, p. 63). Essa dinâmica influencia na objetivação dos enunciados: “Esses ou aqueles elementos da língua (lexicológicos, semânticos, sintáticos, etc.) agregam-se estreitamente à diretriz intencional e ao sistema geral de acento desses ou daqueles gêneros” (BAKHTIN, 2015, p. 63).

Também, em *A construção do enunciado*, há outra produtiva definição de gênero. Para Volóchinov (2019c), cada tipo de comunicação social “organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, sua *estrutura típica*”, também concebida como gênero do discurso (VOLÓCHINOV, 2019c, p. 269, grifos do autor). A palavra falada é palavra-atividade, entendida como movimento alteritário, ligada a uma esfera da atividade e às formas típicas de dizê-la. Esses enunciados possuem determinado *acabamento de gênero*, uma finalização específica que os põem em diálogo com esferas da comunicação ideológica. Acabamento e finalização, nesse sentido, não implicam exauribilidade, mas enformamento: dialética entre vontade e possibilidade de dizer, entre o dito e a atividade que a ele subjaz, a qual se concretiza na forma – acabada, enformada, finalizada – de construção de conjunto desses enunciados.

O enformamento do enunciado no interior de determinados gêneros tem natureza dialógica, visto que as formas e tipos de relação com o outro determinam as formas e tipos do enunciado. Os diversos gêneros cotidianos, consoante Volóchinov (2018, p. 221), possuem um acabamento que “é determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia”. A “organização do auditório social” de um enunciado, as maneiras “que sejam ao menos um pouco mais estáveis, fixadas pelo cotidiano e pelas

circunstâncias” vão incidindo nas atividades desempenhadas e engendrando o acabamento do gênero (VOLÓCHINOV, 2018, p. 222).

O acabamento de gênero, relacionado à totalidade semântica dos enunciados-ação, reflete-se em tema, em estilo e em estrutura composicional. Ao olhar de Bakhtin (2016a, p. 18), a forma composicional materializa “formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto”, as quais dão acabamento à natureza da interação com o outro. Não se trata, apenas do “arranjo material” de um enunciado, mas é antes a expressão formal da funcionalidade desse ato-enunciado. Ainda, a forma total do gênero guia a própria expressão, assim como os limites valorativos exprimíveis pelo sujeito. A forma construcional “contagia essa palavra [própria] com a expressão do conjunto” (BAKHTIN, 2016b, p. 51). Isso nos leva a uma discussão a respeito da atividade valorativa, dos centros de valores, da forma arquitetônica e da forma composicional, conforme exposto em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*.

Nessa obra, um dos pontos de interesse de Bakhtin (1988) é a investigação estética concernente aos modos pelos quais o *material* de uma obra (a “parte técnica”) pode vir a se relacionar axiologicamente com o *conteúdo* (a parte não-reiterável). A forma “é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo” (BAKHTIN, 1988, p. 59). Com a forma composicional, pode o autor *enformar* sua posição valorativa na e pela palavra, exercendo seu ativismo axiológico em relação ao conteúdo e ao seu outro projetado (o leitor). Conseqüentemente, a forma composicional está para além do material; é a organização valorada desse material pelo autor criador. Junto a ela, na objetivação estética, atua a forma arquitetônica: a maneira pela qual os centros de valores entre autor-criador e mundo criado se relacionam e conduzem ao projeto estético da obra.

Em termos não-estéticos, podemos entender que a forma composicional não é o mesmo do que a forma arquitetônica, mas a ela não se opõe. Enquanto a primeira estaria mais relacionada ao arranjo do gênero, às formas nele disponíveis à objetivação relativamente estável, a segunda garante os espaços singulares e não-reiteráveis, ocupáveis pelos centros axiológicos dos sujeitos, ensejando distintos projetos de dizer. Entre essas formas, instaura-se uma relação orgânica, visto que a forma composicional de um gênero “está ligada a uma forma arquitetônica que dá contornos específicos aos enunciados” (RIBEIRO, K., 2017, p. 192). Por isso, a forma composicional “realiza uma forma arquitetônica, na organização do material semiótico (verbal, visual, sonoro, etc.) em um todo, do qual cada uma das partes dirige-se a um fim” (GRILLO, 2012, p. 243). Com o acabamento enunciativo e com a orientação semântico-

axiológica, podem os sujeitos se encontrarem e disporem seus polos axiológicos de maneiras específicas, organizando no tempo e no espaço a arquitetura do gênero, do enunciado.

Então, pensando nas distintas possibilidades arquitetônicas do mundo discursivo concreto, podemos compreender que “os gêneros do discurso atuam como formas concretas das diversas possibilidades arquitetônicas” que organizam os sentidos no todo dos enunciados (QUEIROZ, 2017, pp. 637-638). Ou, ainda, que “encontramos na estrutura arquitetônica do enunciado o abrigo para diferentes tipos da atividade humana, ou seja, de comunicação social” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 78). O enunciado, assim como o gênero, em conformidade com Morson e Emerson (2008), está sempre *animado* por vozes e valores que remetem às distintas posições arquitetônicas atualizáveis pelos sujeitos. Essa perspectiva parece estar alinhada à investigação de Bakhtin (1988) a respeito da relação axiológica do escritor com o conteúdo a partir da forma composicional.

A forma arquitetônica dos enunciados criam delimitações semânticas típicas e relativamente estáveis da orientação de cada gênero na realidade. Essa orientação é ponto fulcral da definição dos gêneros por Medviédev (2012). O autor ressalta que cada gênero “é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos tipos de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 196). Então, a *especificidade* das distintas atividades está conectada com o grau e o tipo de orientação dos gêneros no mundo. Dito de outra forma, dependendo da especificidade orientacional na realidade, haverá concretizações temáticas e estilísticas distintas em cada gênero.

O primeiro elemento analisado pelo autor anteriormente referendado é o tema. Todo gênero possui uma dupla orientação: ele se orienta tanto “para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção”, quanto para “a vida, como se diz, de dentro, por meio do seu conteúdo temático” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195). Nesse sentido, a necessidade comunicativa dos sujeitos parte dos temas sociais, organizando distintos graus de apreensão temática da realidade por meio dos gêneros. Disso decorre que os temas podem ser comentados, vivificados e modificados de distintas formas por meio dos gêneros, que se voltam a eles e à realidade material de maneira específica.

A unidade temática do gênero é justamente um ponto de crítica de Volóchinov (2017) a Freud. Os elementos do discurso interior são também entendidos como *motivos* sociais: “Para a introspecção, todos os produtos do inconsciente assumem a forma de desejo ou motivo, encontram expressão *verbalizada* e já nessa forma, isto é, em forma de *motivo*, o [sujeito] toma

consciência deles” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 77, grifos do autor). Podemos compreender “motivo” como tema. Os temas encarnados em enunciados-resposta são concretos, objetivos, ora altamente socializados, ora mais escusos, mas sempre sociais, e isso engendraria o pequeno acontecimento social psicanalítico. Volóchinov (2018, p. 229, grifos do autor) entende que o tema “é *uma reação da consciência em constituição à formação da existência*”. Único, irrepetível, singular e histórico a cada enunciado, o tema é um elo entre a existência compartilhada e a consciência individual, ambas em devir dialético. Se qualquer atividade tem sentido social e individual, é porque ela responde e atualiza temas sociais presentes na existência, assim como na consciência, o que se aplica à atividade da psicanálise.

Bakhtin (2016b) destaca a especificidade temática dos diferentes gêneros a depender da esfera: “a exauribilidade semântico-objetiva do tema do enunciado difere profundamente nos diversos campos da comunicação discursiva” (p. 36), sendo que a própria escolha dos gêneros “é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal de seus participantes, etc.” (p. 38). As esferas são por nós compreendidas como a memória discursiva, a historicidade praxiológica e valorativa que permeia os enunciados já ditos e não ditos. Então, a esfera jornalística, a científica, a acadêmica e a da saúde mental, por exemplo, indexadas a seus respectivos gêneros, irão condicionar certa orientação temática na realidade, assim como o caráter mais ou menos conclusivo, mais ou menos profundo, do tema no enunciado.

Faraco (2009, p. 126) defende que o estudo das atividades humanas demanda o estudo “dos tipos de dizer (dos gêneros do discurso) que emergem, se estabilizam e evoluem no interior daquela atividade, porque eles constituem parte intrínseca da mesma”. Barbosa e Di Fanti (2020, p. 193) expandem essa perspectiva ao indicar que os *sentidos* de qualquer atividade não podem ser pensados fora das esferas ideológicas nas quais se inscrevem: “os fenômenos da realidade são interpretados pelos sujeitos a partir das demandas que são próprias de cada uma das esferas sociais que lhes cercam”. As autoras esclarecem que a *função social* do dizer estabiliza-se nos gêneros e se espalha tanto ao *projeto enunciativo* dos locutores, quanto ao *endereçamento* do enunciado.

O projeto enunciativo, projeto de dizer ou vontade discursiva, é um traço constitutivo do enunciado que satisfaz tanto a vontade do sujeito, quanto as possibilidades enunciativas dos gêneros: “Essa intenção determina tanto a própria escolha do objeto [...] quanto os seus limites e a exauribilidade semântico-objetiva [o grau de apreensão semântica do objeto]”, assim como “determina a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado” (BAKHTIN,

2016a, p. 37). Já o endereçamento acena ao fato de que todo enunciado responde a algo/alguém e dirige-se a algo/alguém, estando tal dinâmica já prevista nas organizações semânticas das esferas da comunicação discursiva: “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2016a, p. 63). Então, como pontuam as autoras citadas anteriormente,

Um trabalho com os gêneros do discurso, sob esse enfoque, considera, entre outros tópicos, que os gêneros se organizam via construção de enunciados que se produzem e circulam em determinada esfera da atividade humana, por meio de um dado projeto de dizer do autor (locutor), endereçado a alguém (interlocutores reais ou presumidos), por meio de certas valorações ideológicas, com vistas a cumprir uma dada função social (BARBOSA; DI FANTI, 2020, p. 187).

A citação acima destacada nos ajuda a compreender que os intuitos de produzir sentido, assim como o(s) interlocutor(es) concreto(s) a quem o enunciado pode se endereçar, são fatores que incidem no enformamento dos enunciados. O endereçamento ao outro e as formas complexas de inter-relações mútuas entre os falantes são entendidos por Machado (2020, p. 157) segundo um circuito de responsabilidade, no qual “falante e ouvinte não são papéis fixados *a priori*, mas ações resultantes da própria mobilização discursiva no processo geral da enunciação”. Então, de acordo com o outro concreto, pode o sujeito falante enformar sua vontade de produzir sentido de determinadas formas, e não de outras, adequando-se ao gênero e individualizando-o ao ensejo da interação situada.

O enformamento do enunciado relaciona-se dialogicamente com os valores, as vozes e a atmosfera social das esferas de atuação. Kelli Ribeiro³² (2017, pp. 193-194) entende que a esfera discursiva “traduz uma atmosfera social de atividade, podendo se engendrar em diferentes contextos de interação verbal”. Logo, distintas atividades forjam o acontecimento do enunciado, impregnando-lhe de um contexto e de uma situação axiológica, temporal e espacial única, a qual se inscreve na história das atividades humanas, contendo elementos relativamente estáveis. A maneira de relação com o outro, os circuitos de endereçamento, vão delimitando, dialogicamente, a extensão temática do evento discursivo e vão, assim, organizando as disposições axiológicas no interior do gênero e promovendo seu acabamento.

Na maneira da relação interacional, na avaliação do objeto de sentido e no tipo de atividade desempenhada encontram-se elementos que orientam os estilos possíveis dos enunciados. Para Bakhtin (2016b, p. 21), “Onde há estilo, há gênero”. O estilo do enunciado é

³² À época, a referida autora assinava seus escritos como Kelli da Rosa Ribeiro. Atualmente, seus textos podem ser encontrados pelo nome Kelli Machado da Rosa.

uma propriedade que satisfaz tanto ao gênero, quanto ao indivíduo que nele age. O autor ressalta que um dos aspectos mais importantes do estilo é a forma como o enunciado objetiva certa *posição expressiva* do falante frente ao seu interlocutor, assim como frente ao objeto de dizer: “A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2016b, p. 47).

Em *O discurso no romance*, o autor ressalta que os movimentos de alteridade são fatores da objetivação estilística do enunciado: “A política interna do estilo (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro). É como se a palavra vivesse na fronteira do meu contexto e do contexto do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 57). Com isso, poderíamos pensar que tanto o *estilo da dinâmica enunciativa* quanto o *estilo do enunciado* estão intimamente conectados: (i) com a relação expressiva dos sujeitos com seus objetos do dizer, vinculados a tematizações específicas e (ii) com os limites impostos para cada gênero à vontade de produzir sentido, a qual sempre é vontade de produzir sentidos *com o outro*. Como pensar todas essas questões de maneira articulada à consciência?

Se os gêneros se estratificam nas distintas línguas sociais, se essas vozes heterodiscursivas constituem nossa consciência e se cada enunciado, sendo ato-atividade, retoma acentos e temas das esferas ideológicas, os gêneros são também constitutivos de nossa consciência. Por isso, Medviédev (2012, p. 198) ressalta: “É possível dizer que a consciência humana possui uma série de gêneros interiores, que servem para ver e compreender a realidade. Dependendo do meio ideológico, uma consciência é mais rica em gêneros, enquanto a outra é mais pobre”. Esse aspecto é profundamente relevante à nossa discussão, visto indicar que a sessão de psicanálise pode ser entendida como um gênero interior a partir de sua apropriação.

O movimento de apropriação é entendido por Vygotsky (2007) em termos de *internalização*. Para o pensador, há uma série de transformações, organicamente relacionadas, que partem do exterior ao interior, promotoras da internalização. Essas transformações são regidas pelas seguintes leis sociológicas e culturais do desenvolvimento: “a) *Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa e reconstruída e começa a ocorrer internamente*”; “b) *Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal*” e, finalmente, “c) *A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento*” (VYGOTSKY, 2007, pp. 57-58, grifos do autor). Há uma relação entre a apropriação dos signos e dos gêneros preconizada pelo Círculo e a perspectiva vygotskiana de internalização, visto que ambas reiteram o ativismo e a singularidade do sujeito que, à sua maneira, transforma o material

externo-objetivo em esqueleto do mundo interno-objetivo como condição de estruturação da consciência e de (trans)formação da subjetividade. Com isso, é possível observar a participação dos sujeitos nos gêneros do discurso *pari passu* suas dinâmicas de apropriação/internalização como formas específicas de vir a ser no mundo, em diálogo com o outro.

Então, pensando na tríplice conjunção entre ideologia, enunciado e esfera da atividade (BARBOSA; DI FANTI, 2020), entendemos que Volóchinov (2017) dê um direcionamento à explicação sociológica e discursiva do tratamento psicanalítico calcado nos seguintes parâmetros: (i) o analista, enquanto representante típico da psicanálise, atualiza o meio ideológico da esfera da atividade psicanalítica, no qual o analisando possa se engajar; (ii) o enunciado, investido da dupla materialidade interior/exterior; subjetiva/social, vincula e serve de elo entre analista e analisando e realiza, em seu processo de objetivação, a expressão da vivência e o vivenciamento da expressão, dando a primeira orientação ideológica aos conteúdos vagos da psique; e (iii) o entrecruzamento de esferas da atividade na psicanálise permite a dupla orientação do gênero tanto ao próprio acontecimento psicanalítico, quanto a outras áreas da vida do analisando.

Para concluir nosso capítulo teórico, destacamos o seguinte princípio metodológico por nós depreendido: o social-objetivo engendra o individual-subjetivo, ao passo em que é por ele modificado, no sentido de que: (i) qualquer aspecto subjetivo *é forjado* no social – inclusive a individualidade, constituída pela ideologia e pelo discurso e (ii) qualquer aspecto subjetivo *engrandece-se* ao se orientar ao social, objetivando-se. Na objetivação, a subjetividade se materializa em enunciado concreto pertencente a um determinado gênero do discurso, nele participando, modificando a realidade ideológica externa. Na objetivação, também, ocorre a diferenciação e o contorno objetivo, ideológico e discursivo dos temas/motivos interiores aparentemente vagos, direcionando-os pela primeira vez ao enformamento reconhecível pelo(s) outro(s). Esse princípio metodológico presentifica a perspectiva filosófica da alteridade nas teorizações sobre a linguagem e demonstra as relações dialógicas travadas entre a crítica ao freudismo e o desenvolvimento ulterior do pensamento dialógico. Por isso, os aspectos alteritários e discursivos guiam nosso olhar à contapalavra de Volóchinov (2017) a Freud e organizam a metodologia desta pesquisa, assim como nossas discussões, como veremos nos próximos capítulos.

2 “CURA PELA PALAVRA” E “PALAVRA QUE (ME) CURA”: UM OLHAR METODOLÓGICO RESPONSIVO AO OBJETO

No capítulo anterior, esforçamo-nos em respaldar a contrapalavra de Volóchinov a Freud a partir dos escritos de Bakhtin e Círculo, relacionando alguns conceitos relevantes de *O freudismo* com aspectos da filosofia primeira bakhtiniana, da filosofia da linguagem calcada no signo ideológico e do discurso. Vimos que a materialidade sígnico-enunciativa e o enunciado concreto funcionam como enlace entre a consciência e o social, o qual, por sua vez, é ideológico e discursivamente organizado. Nesse sentido, o “segundo nascimento social” do sujeito preconizado por Volóchinov (2017) na contrapalavra a Freud acena à apropriação da linguagem e da ideologia como condição de participação responsiva num mundo saturado de valores, vozes heterodiscursivas e atos-enunciados.

Em nossa introdução, indicamos que um aspecto pouco estudado da polêmica instaurada no diálogo com a psicanálise é a salvaguarda da eficácia terapêutica desta. Em *Do outro lado do social*, Volóchinov (2019a, p. 81) constata que, em se tratando dos fenômenos psicopatológicos, a psicanálise mostra-se um “método psicoterapêutico produtivo” e uma “hipótese de trabalho sustentada pelo sucesso prático no campo de tratamento das neuroses”. Sustenta-se esse posicionamento em *O freudismo* quando Volóchinov (2017, p. 5) indica que a atração das massas e do campo científico pela psicanálise “não reside no interesse prático pelos êxitos do método terapêutico”; pelo contrário, os admiradores de Freud não eram somente os “pacientes de clínicas de psiquiatria sequiosos de cura”, mas a cultura que, à época, estaria abonando o discurso freudista sem criticidade. Era seu objetivo, então, desvelar a ideologia burguesa decadente subjacente ao sucesso prático do freudismo, e não as condições para tal sucesso.

Embora Volóchinov (2017) não verticalize sua análise sociológica e discursiva do tratamento psicanalítico, o autor destaca o papel da linguagem, da interação discursiva e do enunciado concreto na resolução dos conflitos psíquicos. Os conflitos individuais teriam lugar no acontecimento sociológico, discursivo e alteritário da sessão de psicanálise. Entendendo que o enunciado concreto advém de um acontecimento social imediato, refletindo e refratando condições sociais, econômicas e ideológicas mais amplas, Volóchinov (2017, p. 86) argumenta: “a ‘dinâmica’ de Freud reflete a sessão de psicanálise com sua luta e suas peripécias, aquele acontecimento social que deu origem à enunciação verbalizada do paciente”.

Entendemos que, em sua metodologia de escrita, Volóchinov (2017; 2019a) teria: (a) lido os escritos freudianos; (b) prospectado certas condições subjacentes à dinâmica discursiva

prevista a uma sessão psicanalítica concreta, e, (c) via contrapalavra, oferecido uma leitura crítica e responsiva aos conceitos freudianos pelo viés da ideologia e da interação discursiva. Na citação anteriormente destacada, verificamos que a sessão de psicanálise, enquanto acontecimento discursivo, seria o *lócus* animador dos enunciados trocados entre analista e analisando, constituindo o vetor da cura terapêutica. Então, abre-se caminho para o peso do gênero discursivo sessão de psicanálise no sucesso prático do tratamento, assim como para o estudo das relações alteritárias recíprocas entre analista e analisando, as quais se concretizam em enunciados forjados no diálogo analítico.

Neste capítulo, construiremos o ângulo metodológico que nos permitirá lançar um olhar bakhtiniano à “cura pela fala”, famosa expressão que designa o tratamento psicanalítico freudiano. Nosso olhar visa a contemplar e criar inteligibilidades ao funcionamento discursivo prospectado ao sucesso prático psicanalítico, propondo uma visão discursiva e alteritária deste. Nesse ensejo, encontramos-nos num terreno tenso: por um lado, o sucesso prático da psicanálise é um fenômeno concreto, forjado na atividade concreta entre analista e analisando; por outro, nosso material de análise é *teórico*, constituído pelos textos de Bakhtin, do Círculo e de Freud. Na resposta a tal tensão de pesquisa, tornaremos claras, na segunda seção deste capítulo, o delineamento metodológico possível à prospecção dos aspectos que, no diálogo entre pensamento bakhtiniano e o freudiano, permitiriam compreender o funcionamento discursivo atinente ao sucesso de uma sessão de psicanálise.

De maneira global, o empreendimento desta pesquisa se desenvolve em alinhamento às orientações metodológicas de Volóchinov (2018; 2017) registradas em *Marxismo e filosofia da linguagem*, seguindo a ordem investigativa da totalidade ideológica, das formas e tipos da comunicação discursiva (os gêneros discursivos) e dos enunciados. Então, a “lupa” de nosso debate empreende um movimento dialético que vai do macro ao micro do acontecimento. Nessa senda, nossa prospecção deve contemplar as condições mais amplas e mais imediatas da interação discursiva, inter-relacionando ideologia, gênero do discurso e enunciado, como defendem Barbosa e Di Fanti (2020).

Além de explicitar o desenho metodológico desta pesquisa, devemos circunscrever nosso objeto possível de investigação: que faceta da “cura pela fala” nos é exequível debater nos limites desta dissertação? Na contextualização de nosso objeto, precisamos responder: seria a “cura pela fala” um viés da atividade clínica em saúde mental cuja paternidade pertence aos psicanalistas freudianos, apenas? Como justificar nosso olhar à psicanálise freudiana, tendo em vista os inúmeros trabalhos atuais que lançam olhares críticos seja a Freud, seja à própria prática psicanalítica em relação às demais atuações da clínica *psi*? No gesto de resposta às perguntas

acima colocadas, este capítulo se divide em duas partes: num primeiro momento, faremos uma breve exposição dos conceitos freudianos fundamentais à nossa pesquisa, amparados pelos leitores da área psicanalítica. Num segundo momento, apresentaremos o desenho metodológico desta dissertação, tornando explícitos: (i) a postura dialógica que orienta as discussões analíticas por nós empreendidas; (ii) as questões que norteiam nosso trabalho e (iii) o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa.

2.1 A CURA E A FALA EM FREUD: ASPECTOS DA TEORIA PSICANALÍTICA NO ENFOQUE AO TRATAMENTO

Pôr duas áreas distintas em diálogo não é tarefa simples. Também, a exequibilidade de um diálogo profícuo e vertical entre a psicanálise freudiana e o dialogismo bakhtiniano demandaria o escrutínio das especificidades epistemológicas de ambas as áreas, empreendimento que não caberia no espaço e no tempo desta dissertação³³. Então, iremos nos valer dos conhecimentos teóricos da Psicanálise, registrados nos escritos freudianos, assim como das pesquisas de leitores e pesquisadores da área, para prospectar certa dinâmica discursiva à terapêutica de uma sessão psicanalítica. Nossa investigação, portanto, não analisa uma sessão concreta, mas se vale da produção científica de psicanalistas, a qual, como veremos, toma a clínica como *locus* de tratamento e de produção de conhecimento. É sob essa ótica que contemplaremos tais textos como registros que nos autorizam a realizar um *exercício de criação de inteligibilidades* acerca de condições da cura pela palavra pelo viés bakhtiniano.

Antes de começarmos uma sistematização não-extensiva dos conceitos freudianos fundamentais a esta pesquisa, precisamos relativizar a cura freudiana enquanto *única* técnica ou *único* método de tratamento possível às mazelas psíquicas. Caso pensemos no cenário brasileiro, a constituição da clínica *psi* – grande área das psicologias clínicas – está em constante desenvolvimento e pulverização. Portanto, embora a paternidade freudiana da psicanálise contribua aos dados históricos de constituição de um campo clínico, esta não esgota as

³³ Para citarmos pelo menos um dos estudos que observam as divergências epistemológicas entre a psicanálise e o dialogismo, registramos as palavras de Moura-Vieira (2004a, p. 14): “a interpretação freudiana do sentido, como resultado de associações livres baseadas no mundo interno do indivíduo, diverge da postura dialógica bakhtiniana, que busca o sentido no estudo das relações discursivas que tecem a rede dialógica de um sujeito aplicado a vivas as esferas da atividade, estas, por sua vez, indissociáveis dos gêneros dos discursos sociais”. No corpo da dissertação, traremos também as contribuições de Jobim e Souza (2012), que propõe uma aproximação entre as áreas no campo das ciências humanas. Nesta pesquisa, firmamo-nos em solo bakhtiniano observamos uma possível dinâmica discursiva que pode ser prospectada a partir da leitura dos textos freudianos, motivo pelo qual não entramos em embates epistemológicos entre áreas.

psicanálises e/ou as vertentes psicoterapêuticas a que, hoje, um terapeuta ou um psicanalista têm acesso em sua formação.

Em *Psicoterapias: abordagens atuais*, manual organizado por Aristides Volpato Cordioli e por Eugenio Horacio Grevet (2019, n.p. [posição 33]), diz-se que a psicanálise fora a “primeira forma de psicoterapia estruturada que, de forma consistente, pode ser considerada o fato histórico que dá origem à profissão” dos terapeutas. Para os autores, embora a profissionalização dos terapeutas tenha origem no século XIX, as origens filosóficas daquilo que, em sentido amplo, pode ser entendido como “psicoterapia” remonta à Grécia Antiga. Como um dos exemplos, os pesquisadores citam a *maiêutica socrática*, ato de “dar luz” à verdade via perguntas e respostas:

Efetivamente, para Sócrates, uma vida que não é sujeita a exame é uma vida que não está sendo plenamente vivida, que se petrificou e que ficou prisioneira de noções sem **sentido**, diríamos, hoje, alienadas da realidade. Assim, esse método de exame faz os concidadãos de Sócrates tornarem-se mais virtuosos, pois só a **consciência da sua ignorância** permitirá retomar o movimento de busca de um sentido para o seu estar vivo, **um sentido que se descobre sempre dialogicamente** (CORDIOLI; GREVET, 2019, n.p. [posição 35-36], 2019, grifos nossos).

Do excerto acima, destacamos a relação entre a maiêutica e a busca por um sentido na e pela relação pergunta-resposta, visto que somente nesse contexto – em nossa visão, dialógico – pode uma consciência descobrir-se inconclusa, vindo a modificar-se na relação com o outro. Juntamente aos autores, compreendemos, portanto, que Freud fora uma figura importante ao movimento psicanalítico e à sua institucionalização; todavia, “terapia”, entendida como (trans)formação subjetiva na e pela linguagem, tem suas bases desde os tempos em que os sujeitos começaram a indagar-se sobre si mesmos na correlação com os outros sujeitos e com o mundo.

Também, o movimento psicanalítico, embora centrado na figura de Sigmund Freud, contou com uma ampla pré-história teórico-filosófica, o que pode ser verificado pelo desenvolvimento do conceito de inconsciente. Como pontua Perez (2017, p. 53-59), o rastreio desse conceito ao longo da história da filosofia faz emergir construtos como o de “não consciente”, o de “ideias confusas” em autores como Malebranche (1638-1677), Leibniz (1646-1716), Rousseau (1712-1778) e Hume (1711-1776). Mais especificamente, Perez (2017, p. 56-57) enfoca Ernst Platner (1744-1881), que teria utilizado o termo “inconsciente” para defender a presença de ideias inconscientes na alma humana; Herbat (1776-1841), que teria proposto a ideia de “limiar da consciência” e, por fim, Fechner (1801-1887), que teria proposto a imagem do *iceberg* para a compreensão do espírito humano. Esse panorama, em nada exaustivo, serve

para indicar que a novidade freudiana teria sido o manejo *clínico* do conceito de inconsciente ao tratamento das neuroses. Então, entendemos que a revolução freudiana não é fruto de um adão mítico, mas da evolução de um amplo horizonte ideológico que, pouco a pouco, deslocava a identificação positivista entre humano e racional (*logos*), permitindo conceber *razões e causalidades outras*, seja no tratamento clínico das neuroses, seja na pesquisa sobre a psique/a subjetividade.

Nesse mesmo raciocínio, se Freud robusteceu a psicanálise como um movimento clínico, tanto a psicanálise, quanto a área *psi* foram se robustecendo como um campo tendo em vista maiores ou menores dissidências teórico-filosóficas com Freud. Para termos notícia da complexidade do campo, Cordioli e Grevet (2019, n.p. [posição 55]) agrupam as psicoterapias em seis grandes grupos, a partir de suas especificidades teóricas: (1) modelo *psicanalítico*, inspirado em Freud; (2) modelo *comportamental*, inspirado em Pavlov, Watson, Skinner, Wolpe e Bandura; (3) modelo *cognitivo*, inspirado em Ellis e Aaron Beck; (4) modelo *existencial/humanista/centrado na pessoa*, inspirado em Carl Rogers e Viktor Frankl; (5) modelo dos *fatores comuns ou não específicos*, inspirado em Jerome Frank e, por fim, (6) modelo dos *fatores biopsicossociais*, inspirado em George Engel. Então, compreendemos que os avanços na clínica *psi* impedem-nos de dizer que a cura pela fala é exclusiva da psicanálise de vertente freudiana.

Na própria área psicanalítica, o desenvolvimento da pesquisa e da clínica foi revelando divergências em relação à fundação freudiana. Consoante a esquematização de Zimerman (1998, pp. 41-62), há sete escolas clássicas de psicanálise: (1) escola *freudiana*, com as especificações de Anna Freud, Karl Abraham, Sandor Ferenczi e Wilheml Reich; (2) escola das *relações objetais*, com as inovações de Melanie Klein; (3) escola da *Psicologia do Ego*, com as contribuições de Heinz Hartman e Margareth Mahler; (4) escola da *Psicologia do Self*, com os escritos de Heinz Kohut; (5) escola *francesa* de psicanálise, ao redor do ensino de Jacques Lacan; (6) a escola *winnicottiana*, inspirada em Donald Winnicott e, por fim, (7) a escola *bioniana*, inspirada em Wilfred Bion. Com seus escritos singulares, todos os autores, partindo de Freud, realizaram críticas à psicopatologia por ele registrada, as quais propiciaram novos posicionamentos metodológicos e, em alguns casos, importantes divergências teóricas.

Um exemplo não citado por Zimerman (1999) foram as fortes críticas registradas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na interface entre psicanálise e ciências humanas, propondo inclusive um anti-édipo (JOBIM E SOUZA, 2012; PONZIO, 2012b). Um movimento pendular, ora mais inclinado ao que Volóchinov (2018) chama de subjetivismo, ora ao objetivismo, pode ser encontrado nas distintas estruturações da e críticas à psicanálise. Então, por que faremos

esta pesquisa em diálogo com Freud? Primeiramente, tomamos como fato objetivo o registro do interesse de Volóchinov (2017) por Freud – o qual, como bakhtinianos, entendemos não ter sido fortuito. Também, por questões de tempo e de distintos lugares de formação, não conseguiremos contemplar a atualização do paradigma psicanalítico para além de Freud. Por fim, entendemos que, mesmo não ignorando a contrapalavra de Volóchinov (2017) à teoria freudiana – atualizada, nesta pesquisa, por um pesquisador *em formação* na área da Linguística e das ciências humanas – é possível encetar diálogos que, contemplando as divergências, arrisquem um caminho de enriquecimento mútuo para as áreas, desde um viés alteritário, sociológico e discursivo. Procedamos, então, à caracterização da psicanálise.

A psicanálise freudiana é filha de um tempo de poucas oportunidades de tratamento aos considerados “loucos”. Essa situação convocou o médico vienense Sigmund Freud a uma resposta, dada, primeiramente, aos casos de histeria, diagnóstico cinzento aferido a sujeitos (tornados) inaptos à atuação social por conta dos “sintomas conversivos”: manifestações corporais debilitantes cuja etiologia biológica-neurológica-psiquiátrica permanecia desconhecida. Tallaferro (2016) insere a revolução clínica freudiana no amplo desenvolvimento epistemológico-conceitual da histeria como (psico)patologia: (i) a relação histeria – ginecologia, com a aposta de que o deslocamento do útero causaria mudanças de humor e sintomas corporais; (ii) a relação histeria – teologia, com a crença de que as histéricas estariam “possuídas” por forças demoníacas; (iii) a relação histeria – nervos, com os estudos do médico francês Charles Lepois, o primeiro a constatar sintomas histéricos em homens; (iv) a relação histeria – psiquiatria, com os estudos de Charcot e Breuer, ambos professores de Freud. Nessa última fase, hipotetizava-se que a “doença de nervos” seria associada a acontecimentos traumáticos passados que não poderiam ser lembrados, sendo o manejo clínico do inconsciente um ponto de ruptura com a semiologia psiquiátrica clássica.

Em *Cinco lições da psicanálise* (1910), por exemplo, lemos sob a pena do próprio Freud (2013a) a relação entre a designação “cura pela fala” e o tratamento da sintomatologia histérica. Para Freud, em seus estudos clínicos com Breuer, o percurso etiológico da histeria revelaria não patologias biológicas, mas a precariedade da memória em sustentar acontecimentos traumáticos que, no presente, retornariam em forma de sintoma: “*Nossos histéricos sofrem de reminiscências*. Seus sintomas são resíduos e símbolos mnêmicos de certas vivências (traumáticas)” (FREUD, 2013a, p. 231, grifos do autor). Nesse sentido, o passado irresoluto do paciente, o sentido inconsciente do sintoma/trauma e a fala estão intricados no surgimento da psicanálise.

Como indica Garcia Roza (2020), as descobertas freudianas com as históricas demonstravam que o “trauma” a que a psicanálise se propunha tratar não eram, essencialmente, de ordem biológica. Tratava-se da fala sobre um acontecimento cujo componente *afetivo* causava tamanha disrupção, que não poderia ser integrado à consciência sem efeitos corporais. Então, entre a representação de um afeto e a consciência surgia o corpo como receptáculo da insustentabilidade de registro do trauma na consciência. Ficava clara “a necessidade de o paciente narrar sua história pessoal para que o médico [pudesse] localizar o momento traumático responsável pela histeria” (GARCIA-ROZA, 2020, p. 34). Somente essa fala indicaria a causação psíquica – o *sentido* psíquico – do fenômeno sintomático.

Num primeiro momento, a hipnose, a sugestão e a verbalização intensiva da memória ficaram conhecidas, na pré-história psicanalítica, como *método catártico*, técnica gestada na parceria entre Freud e Breuer. Nas palavras de Freud (2016, p. 322), tal método “se baseava na ampliação da consciência que sucede na hipnose” e objetivava eliminar os sintomas patológicos pela via de “retornar ao estado psíquico em que o sintoma surgira primeiramente”. Ao entrar em contato mais uma vez com a cena enquadrante do sintoma, era possível “desfazer” os passos que o geraram pela *exteriorização dos afetos* que a eles estavam relacionados, embora reprimidos. A eficácia do método, portanto, residia na “descarga do afeto até então ‘estrangulado’, que ficou ligado às ações psíquicas reprimidas” (FREUD, 2016, pp. 322-323).

Garcia-Roza (2020, p. 36) esclarece que “catarse” vem do grego *kátharsis*, significando purgação. À época Freud-Breuer, “o que ocorria no tratamento era uma ‘purgação’ ou uma descarga do afeto que originalmente estava ligado à experiência traumática”. Dois aspectos do tratamento começaram a ficar claros: (1) os sintomas advinham de dinâmicas psíquicas, as quais punham em jogo afetos e seus representantes, e não somente aspectos biológicos ou histórico-concretos do trauma, e (2) a fala se tornava objeto e meio de tratar os afetos e seus representantes reprimidos. Continuando os estudos acerca dos sintomas histéricos, Freud compreendeu que o estado hipnótico, ao promover o afastamento do estado de vigília, encobria a reação habitual que o analisando teria em relação a seu sintoma. “A objeção que fazemos à hipnose é que ela encobre a resistência e, desse modo, interdita ao médico a visão do jogo das forças psíquicas” (FREUD, 2016, p. 327). Dito de outro modo, *resistia-se* ao sofrimento de narrar o trauma, e elaborar as resistências tornava-se uma terapêutica mais eficaz: ao invés de *falar da* memória faltosa/dolorosa em hipnose, *falava-se a despeito* da ausência da memória, enfrentando-a no trabalho de análise.

Alternativamente à hipnose e à sugestão, robustecia-se um método de tratamento que valorizava o discurso consciente do paciente, o único capaz de revelar as resistências sobre as

quais o sintoma encobria seu sentido. O contexto clínico era tão essencial às descobertas da psicanálise que, numa das sessões, o relato de uma paciente a respeito do *efeito de falar ao médico* impulsionou os primeiros passos rumo ao método psicanalítico. Na perspectiva da paciente, havia um bem estar promovido pela “limpeza psíquica”; em suas palavras, o tratamento parecia uma cura pela conversa (*talking cure*, ou também cura pela fala):

A própria paciente, que, curiosamente, falava e compreendia apenas o inglês nesse período da doença, deu a esse novo tipo de tratamento o nome de *talking cure* [cura pela fala], e também referiu-se a ele, de maneira jocosa, como *chimney sweeping* [limpeza de chaminé] (FREUD, 2013a, p. 226).

O relato clínico da paciente despertara em Freud um interesse pela relação entre psique, discurso/fala consciente em livre associação e tratamento. Para Mezan (2003, p. 61), a livre associação e a interpretação do analista “introduzem um novo regime no discurso, liberam-no da sua significação imediata, convidam à suspensão do raciocínio lógico e do esforço de dar a cada termo um sentido unívoco”. Nesse regime, é licenciado o aparecimento de material psíquico “normalmente negligenciado”, porque seria visto como “vergonhoso”, “penoso” ou “irrevelante” pelo falante (FREUD, 2016, p. 325). A expansão semântica do discurso deveria contemplar aquilo que resiste ao sentido em vias de ser falado. O que resiste ao livre falar, ao ser elaborado conjuntamente à interpretação do analista, poderia, lentamente, ter seus “diques” dissipados, permitindo que parte da lembrança retornasse e, sobre ela, a fala: “a questão é tornar o inconsciente acessível à consciência, o que sucede pela superação das resistências” (FREUD, 2016, p. 327).

Em *Algumas observações sobre o conceito de inconsciente* (1912), Freud (2010b) dá-nos uma elucidativa explicação do processo de resistência e de defesa, como lemos no excerto abaixo:

Para o produto do inconsciente eficaz não é de maneira nenhuma impossível penetrar na consciência, mas isso requer um certo esforço. Ao tentar fazê-lo em nós mesmos, temos a nítida sensação de uma *defesa* [*Abwehr*] que deve ser superada, e, ao provocar isso num paciente, obtemos inequívocos sinais do que chamamos de *resistência* contra isso. Desse modo vemos que o pensamento inconsciente é excluído da consciência por forças vivas, que se opõem a sua acolhida, enquanto nada obstam a outros pensamentos, pré-conscientes (FREUD, 2010b, pp. 263-264, grifos do autor).

Do excerto acima, ressaltamos a constante força de “expulsão” do conteúdo inconsciente e de outros elementos ideativos a ele associados pela consciência. Recalca-se o

inconsciente por meio da repressão³⁴, mantendo-o afastado da consciência. Entretanto, o afeto indexado (*catexiado*) ao material recalçado não cessa de atuar no inconsciente. Como defende Freud (2010c, p. 90) em *A repressão* (1915): “É lícito imaginar que o reprimido exerce uma contínua pressão na direção do consciente, a qual tem de ser compensada por uma ininterrupta contrapressão”. A “contrapressão” exercida pelo afeto censurado prenuncia o “retorno do recalçado”, conceito amplamente utilizado em termos finais do autor para caracterizar o sintoma. O sintoma, conforme pensa o médico vienense, retorna como *formação de compromisso* entre o representante afetivo recalçado e as exigências da consciência em face à realidade.

Em suma, na prática clínica, dar espaço ao aparecimento mascarado do inconsciente – em lapsos, atos falhos, sintomas conversivos, repetições – implicava dar espaço às resistências do paciente. Freud (2016, p. 344) indica que a psicoterapia psicanalítica tem como fundamento o “entendimento de que ideias inconscientes – ou melhor, a natureza inconsciente de determinados processos psíquicos – são a causa imediata dos sintomas patológicos”, e a aposta de cura residia na possibilidade de, em associação livre, ir verbalizando pensamentos no processo de lembrar o passado e, com isso, deparar-se com resistências. Com isso, seria possível poder elaborar essas resistências e, finalmente, *verbalizar* o inaudito: “Onde há um sintoma encontra-se também uma amnésia, uma lacuna na lembrança, e o preenchimento dessa lacuna implica a eliminação das condições que geraram o sintoma” (FREUD, 2013a, p. 236).

Precisamos, então, ressaltar o privilégio destinado pela psicanálise à *materialidade discursiva* da fala consciente que, na relação vincular com o analista – entendida como relação transferencial –, faria emergir indícios do inconsciente. Em *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917), Freud (2014) indica-nos a dinâmica prevista ao discurso livre-associado; observemos, no excerto, a relação entre forma (livre-associada) e conteúdo (o tom emotivo-volitivo que acompanha o dizer):

Fazemos com que o doente se ponha em um estado de tranquila-observação, sem refletir, e nos informe tudo o que então lhe ocorre de percepções interiores – sentimentos, pensamentos, lembranças –, na sequência mesmo em que vão surgindo nele. Nós o advertimos também, expressamente, para que não ceda a nenhum motivo que o leve a fazer uma escolha ou exclusão dentre suas associações, seja por se tratar de coisa *muito desagradável* ou *indiscreta* para ser expressa ou de algo *muito insignificante, não pertinente* ao assunto ou *absurdo*, que não seria necessário relatar. Recomendamos que siga apenas a superfície de sua consciência, que abra mão de toda e qualquer crítica ao que encontrar, e lhe confidenciamos que o sucesso do tratamento

³⁴ Tallaferró (2016) e García-Roza (2020) ressaltam as nuances de sentido metapsicológico dos conceitos de repressão, recalque e censura, embora alguns traços lhe sejam semelhantes. Dado que, neste estudo, enfocamos a dinâmica mais ampla entre analista e analisando, iremos tomar esses termos em estreita proximidade conceitual.

– e sobretudo sua duração – dependerá da escrupulosidade com que ele seguir essa regra fundamental da análise (FREUD, 2014, pp. 382-383, grifos do autor).

Do trecho acima, destacamos a previsão de Freud (2014) relativamente aos conteúdos “desagradáveis”, “insignificantes”, “absurdos” ou “indiscretos” que possam surgir na associação livre. Esses conteúdos são lastros do inconsciente. Em *O inconsciente*, artigo de 1915, esse construto é definido por Freud (2010g, p. 102) como uma “*suposição legítima e necessária*”, tendo em vista as comprovações objetivas das lacunas da consciência, os sonhos, os atos falhos... Então, seria “uma *pretensão insustentável* exigir que tudo o que sucede na psique teria de se tornar conhecido também para a consciência” (FREUD, 2010g, p. 102). Rompe-se a correlação psíquico-consciente, apresentando ao sujeito uma dolorosa ferida narcísica: ele não poderia compreender, controlar e logicizar tudo o que lhe constitui, conforme queriam os positivistas convictos. O sujeito, na famosa fórmula freudiana, não é senhor em sua morada (FREUD, 2014).

São conteúdos inconscientes “atos que são apenas latentes, temporariamente inconscientes”, assim como “processos como os reprimidos, que, caso se tornassem conscientes, contrastariam da maneira mais crua com os restantes conscientes” (FREUD, 2010g, p. 108). Existiriam características especiais ao sistema inconsciente, a saber: (i) ausência de contradição e prevalência de ambivalência, em que conteúdos contrários não são entendidos como tais, mas preservam suas forças em embate; (ii) ausência de temporalidade cronológica, haja vista o retorno de conteúdos passados com a mesma intensidade relativamente aos conteúdos contemporâneos; (iii) premência da realidade interior, psíquica, em detrimento da realidade exterior, entendida como princípio de realidade (FREUD, 2010g). Dada as características tão específicas dessa nova topologia psíquica humana, seria necessário um *tipo de relação especial*, calcada na prática clínica, que licenciasse, acompanhasse e interviesse na causa dos sintomas: a transferência.

Se o Barão de Munchausen conseguia levantar-se pelos próprios cabelos, o sujeito freudiano não consegue fazer o mesmo em relação à superação de suas resistências. O psicanalista é o outro concreto que ouve o que o analisando fala, de maneira tal que, à maneira de Celes (2005b), o falar do analisando é correspondente ao ouvir do analista. Nisso, o *manejo da transferência* torna-se uma prerrogativa do tratamento, visto que a relação transferencial seria *condição de possibilidade* de trabalho analítico. Em *A dinâmica da transferência*, artigo de 1912, Freud (2010h) enfoca aqueles pensamentos que, no contexto da terapia – no *setting*, como veremos – ligam-se ao médico. Isso ocorre quando o paciente “faz coincidir o objeto de

seus impulsos afetivos com o médico” (FREUD, 2010h, p. 141), fazendo emergir, na própria relação de fala e de escuta, padrões/estruturas inconscientes que caracterizam a forma como o paciente relaciona-se com o outro – sendo esse *outro* tanto o médico, quanto seu sintoma. Freud (2010h, p. 146) define a transferência como a manifestação do ensejo de “dar corpo” ao sintoma, de presentificá-lo de alguma forma, também – ou, primordialmente – na relação com o médico. Manejando a transferência, é possível que o analista aponte a presentificação do sintoma no contexto do tratamento, no ato da análise.

Volóchinov (2017) não fora o único a notar o papel da interação discursiva na sessão de psicanálise. Paul Ricoeur, em seus *Escritos e conferências em torno da psicanálise*, ajuda-nos a destacar o papel da linguagem³⁵ na cura. Em *Imagem e linguagem em psicanálise* (1978), Ricoeur (2010) compreende a psicanálise como um campo das incursões hermenêuticas. Numa direção semelhante, Jobim e Souza (2012), em diálogo com Hilton Japiassu, atenta para o fato de que, para a psicanálise encetar diálogos mais produtivos no ramo das ciências humanas, seria preciso buscar relações entre linguagem, sociedade, inconsciente e subjetividade. Para a pesquisadora, isso seria possível caso a psicanálise fosse pensada próxima à hermenêutica, à semiologia³⁶ e à história.

Para Ricoeur, em uma visada hermenêutica, a situação analítica como “relação de palavra”, dado que a psicanálise “só conhece o desejo do que pode ser *dito*” e indicando o modo de funcionamento psicanalítico como o acesso da linguagem ao inaudito: “a psicanálise estende a linguagem para além do plano lógico para as regiões alógicas da vida, que ela *faz falar* essa parte de nós mesmos que está menos muda do que constrangida ao silêncio” (RICOEUR, 2010, p. 83, grifos do autor). Mais do que fazer falar, a psicanálise faz falar ao *outro*, chave mestra da conquista verbalizada da história de si mesmo: “Proporcionando-lhes, pelo trabalho da palavra, um campo de referência em que se tornam apropriados, os sintomas se integram numa história que pode ser contada” (RICOEUR, 2010, p. 84). Então, ressalta-se o *sentido* que é (re)conquistado no enlace entre sintoma e discurso, via trabalho de palavra endereçada ao outro. Em Ricoeur (2010), esse sentido é narrativo³⁷; em Volóchinov (2017), esse sentido é ideológico

³⁵ Reconhecemos que a releitura freudiana empreendida por Lacan poderia nutrir um frutífero caminho de diálogo entre o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise. Entretanto, iremos nos ater a Freud e leitores tendo em vista a polêmica registrada por Volóchinov (2017), a qual indica o lugar privilegiado da psicanálise freudiana como interlocutora.

³⁶ Entendida como ciência dos signos, e não como semiologia médica.

³⁷ Vale destacar que caráter “narrativo” em Paul Ricoeur assume matizes característicos de sua teorização sobre tempo, narrativa e identidade. O autor, pensando em *ipseidade* (ipse - outro) e *mesmidade* (idem - mesmo), defende que o *self*, o *soi-même* (si-mesmo) não é um componente egóico, mas alteritário, *soi-même comme un autre*. O *self* constitui-se no entrelaçamento da história e da ficção (outro possível). Por isso, defende que a identidade é narrativa, ancorada, ao mesmo tempo, em um componente referencial, *idem* (“real”, o mesmo ao longo do tempo),

e discursivo e, em Celes (2005a; 2005b), o sentido da prática psicanalítica confunde-se com seu processo e com sua eficácia (seu sucesso prático) – componentes que, conforme vimos em Volóchinov (2017), podem ser lidos pelo viés objetivo e histórico da atividade humana.

O pesquisador Luiz Augusto Celes (2005a; 2005b), ao estudar o sentido originário da psicanálise enquanto tratamento, lega-nos uma maneira de entendê-la analogamente a Ricoeur (2010): em sua formulação, a psicanálise é um *trabalho de fazer falar... e fazer ouvir*. Sua proposição ancora-se na definição do tratamento psicanalítico registrada por Freud (2010a, p. 280) em *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919): “Chamamos a psicanálise o trabalho mediante o qual levamos à consciência do doente o material psíquico nele reprimido”, ressaltando o “trabalho” como processo de análise e a relação de fala-escuta como postura subjacente ao acolhimento da singularidade do indivíduo que sofre. Em conformidade com os apontamentos de Celes (2005a, p. 158), a “intencionalidade terapêutica da psicanálise não somente designa seu sentido primeiro, mas também seu motivo de existência e seu valor”, perfazendo-se como “trabalho de tratamento” psíquico.³⁸

Em Celes (2005a, p. 162), a expressão “trabalho” implica processo de psico-análise, o qual “encerra em si o “objeto” (ou “material”) do trabalho (*psique*), o “meio” no qual o trabalho se efetiva (o psíquico, também contido em *psique*) e o “método” do mesmo trabalho (*análise*)”. Esse trabalho, salienta o autor, reinventa-se a cada oportunidade e distingue-se das demais psicoterapias por utilizar-se da regra psicanalítica fundamental, ou regra de ouro: a *associação livre*. O correlato da associação livre é a interpretação do analista, a qual, por sua vez, implica “fazer falar o paciente e ouvir o analista têm o propósito de *fazer* o paciente *ouvir* o que ele fala mas não quer saber, *fazer* o paciente *ouvir* o que diz a sua própria fala” (CELES, 2005b, p. 37). A interpretação, segundo Celes (2005b, p. 36), é *postura de análise* desempenhada pelo analista: “tem o propósito de revelar a fala do paciente no sentido que lhe é próprio”. O dizer do sujeito é refratado pela lente analítica, *fazendo ouvir o que é dito* pelo ângulo da análise. A partir de Ricoeur (2010), podemos dizer que o desejo que fala na análise *fala do* sintoma do analisando porque *falando com a* interpretação do analista para, assim, *dizer com* a atividade

assim como em um componente ficcional, *ipse*. A identidade, nesse sentido, só pode ser conhecida via narrativa: “a compreensão que temos de nós mesmos é uma compreensão narrativa, isto é, não podemos apreender a nós mesmos fora do tempo e, portanto, fora da narrativa; há, portanto, uma equivalência entre o que eu sou e a história da minha vida” (RICOEUR, 2010, p. 213).

³⁸ Embora tenhamos ciência da importância das pesquisas desenvolvidas pela Clínica da Atividade (CLOT & FAÍTA, 2016; FAÍTA, 2005) e pela Ergologia (SCHWARTZ, 2016; SCHWARTZ, DI FANTI & BARBOSA, 2016), dentre outras vertentes, no que se refere ao estudo das atividades humanas em sua relação com a linguagem, não recorreremos a essas abordagens devido ao fato de extrapolarem o objetivo deste estudo. Nesta pesquisa, que propõe um diálogo teórico entre a perspectiva dialógica e a freudiana, seguimos as reflexões de Celes (2005a; 2005b) referentes ao aspecto “trabalhoso” (difícil) da *elaboração*, uma das metas da terapêutica freudiana, como veremos nos capítulos que seguem.

terapêutica, a qual revelará sentidos outros do dizer, perceberá brechas nas resistências e convidará à elaboração.

Em nossa pesquisa, entendemos, desde já, a associação livre e a interpretação não como movimentos subjetivistas, mas como dinâmicas discursivas que se instalam no ato analítico, fora do qual não poderiam ser compreendidas. Portanto, a “liberdade” da associação é condicionada à especificidade do endereçamento da fala ao analista-ouvinte, assim como a interpretação não é uma “resolução do sintoma” pelo analista, mas, antes, é a criação de um espaço de *escuta pelo outro*, assim como de *escuta de si*. Então, reforçamos a definição por nós adotada, que é defendida por Celes (2005b): a psicanálise é um *trabalho de fazer falar.... e fazer ouvir*.

O que designam as reticências na mencionada formulação? Para o pesquisador citado, designa o *tempo* e o *trabalho* de elaboração daquilo que é ouvido a partir do que é falado por si mesmo e ancorado na escuta do analista. O pesquisador insere no espaço das reticências as construções em análise³⁹ – aqueles elementos que, a partir da postura de interpretação, tentam (re)construir a lembrança, a narrativa esquecida do analisando – pelo tempo da própria análise e pelos recursos da interpretação. As reticências aludem à “mediação necessária para dar a ouvir”, assim como à “temporalidade implicada no processo analítico”, em seus tempos *de* sessão e *fora* da sessão, na vida prática (CELES, 2005b, p. 38).

Com todas as considerações aqui registradas, podemos fazer um delineamento de “cura” psicanalítica pelo enfoque à elaboração. Como afirma Girola (2004), o conceito de cura em psicanálise deve se apartar do senso comum, o qual, na visão do pesquisador, contempla: a) o discurso religioso, que entende a doença psíquica como castigo divino, resolvido pelas absolvições e confissões; b) o discurso cotidiano de tons moralistas, que convoca a adaptação do sujeito aos costumes vigentes, como se a cura fosse uma correção moral e c) o discurso médico clássico, que entende cura como remoção da doença e das queixas sintomáticas. Revisando Freud, Klein, Winnicott e Bion, Girola (2004) chega a variadas concepções de cura, uma das quais se refere ao processo de elaboração inscrito em relações de alteridade:

Desde o início, Freud menciona a atitude empática do analista como fator de cura fundamental. Com o passar dos anos, a teoria psicanalítica não somente confirma a importância desse fator, mas coloca a relação e o espaço intermediário que nela se criam como fatores determinantes do psiquismo. A cura, em termos psicanalíticos, dá-se numa relação, no encontro com Outro⁴⁰ (GIROLA, 2004, p. 179).

³⁹ Iremos nos deter na relação entre construções na análise, verdade analítica e cura em nosso quarto capítulo.

⁴⁰ Aqui, o conceito de Outro alude à teoria lacaniana, a qual contempla a esfera do simbólico na constituição psíquica (estruturada como uma linguagem), assim como na cura (demanda do Outro, desejo do Outro etc.).

Nesse sentido, não haveria cura – seja ela psicanalítica ou não – sem a *relação* que a promove (GIROLA, 2004). Cabas (2009) remete a noção de cura como elaboração à metáfora da *travessia*, que permite elaborar tanto a resistência, quanto a transferência no próprio *trajeto* de tratamento. “No fim, dizer que a cura é inseparável da experiência clínica equivale a dizer que a cura analítica é inseparável dessa travessia” (CABAS, 2009, p. 71). O autor sustenta que um dos fatores definidores da travessia-elaboração é a experiência de linguagem com o analista, perspectiva melhor explicitada por Coutinho Jorge (2005):

Para Freud, a *elaboração* é o modo pelo qual a experiência analítica permite fazer face às resistências mais vigorosas que se opõem à emergência dos componentes pulsionais recalçados. **Nesse sentido, a elaboração (*Verarbeitung*) confunde-se com o próprio trabalho analítico, na medida em que este visa essencialmente à simbolização** (JORGE, 2005, p. 60, grifos nossos).

O realce acima reflete nosso anseio em delimitar, ao propósito de nossa discussão, a sessão de psicanálise como um evento que permite, por dinâmicas de fazer falar e fazer ouvir, a elaboração terapêutica – a qual tem relação orgânica com a possibilidade de enunciar o material do psiquismo. Adotando a noção de cura como elaboração, licenciemo-nos ao enfrentamento investigativo de tal processo prospectado no e pelo discurso.

Num diálogo prévio com o ideário bakhtiniano, diríamos que a alteridade e o discurso são condições de possibilidade de cura, o que exploraremos em nossas discussões. Se dizemos que a fala escutada pelo analista é terapêutica, isso se dá porque tal escuta não é passiva, mas cria sentidos: tanto é espaço de ouvir-se dizer ao outro, quanto é endereçamento à interpretação do analista, que revela na fala do outro aquilo que ele poderá ouvir diferentemente (CELES, 2005a). Ao focar a terapia, interrogamos o trabalho com *sentidos*, no qual a dinâmica de troca enunciativa entre analista e analisando concretiza a elaboração como travessia experiencial, alteritária e discursiva de transformação subjetiva. Com esses registros, passemos ao desenho metodológico desta pesquisa.

2.2 A CURA PELA FALA: DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Antes de registrarmos nosso olhar metodológico possível a uma pesquisa que visa a perscrutar inteligibilidades teóricas para a dinâmica de cura pela palavra desde o olhar bakhtiniano, devemos ressaltar dois aspectos: a relação entre a psicanálise, nosso contexto atual

e a pesquisa em ciências humanas; e a problemática que se coloca entre a pesquisa *sobre* atividades clínicas e o ato clínico propriamente dito.

Relativamente à epistemologia das ciências humanas, Jobim e Souza (2012) ressalta a produtividade do diálogo entre as humanidades e a psicanálise; entretanto, isso deve ser feito a partir de um cuidadoso aparato metodológico que ressalte a maneira pela qual os conceitos psicanalíticos estão sendo apropriados pelo pesquisador. Essa prerrogativa se coloca porque o conceito de inconsciente, conforme visto em Volóchinov (2017) e Vygotsky (1987a), pode ser encarado como um impasse entre o subjetivismo e o objetivismo, ou entre o associal e o social. Igualmente, a própria prática da psicanálise, em seu contexto de atividade em nosso contexto neoliberal, convoca tanto psicanalistas quanto pesquisadores a assumirem posições políticas em relação ao real enquadre promotor da saúde mental: esse processo se daria *por conta* da corrente teórica escolhida pelo terapeuta, ou *por conta* da dinâmica de terapia?

A psicanalista e pesquisadora Radmila Zygouris (2011) enfrenta as questões acima arroladas a partir da discussão sobre as fronteiras entre a psicanálise e as psicoterapias. Seu escrito chama atenção ao fato de que, na contemporaneidade, as queixas e condições dos sujeitos que visam à “cura” trazem aspectos não previstos na psicopatologia clássica freudiana. Para Zygouris (2011, p. 8), a demanda pelos profissionais *psis* tem como subtexto a necessidade de escuta, independentemente da técnica que a ela possa ser oferecida: “‘Então, o que você quer?’ ‘Quero falar com um psi’, o que pode ser resumido por: ‘Eu quero me sentir melhor e acredito poder fazê-lo se tiver alguém que saiba me escutar’”. Trata-se de uma demanda por um outro, e não da demanda pelo psicanalista propriamente dito, em sua tecnicidade.

Nesse cenário, observamos, de um lado, o peso heurístico do inconsciente reverberando na psicopatologia freudiana e na clínica psicanalítica, e de outro lado, pesquisas em ciências humanas que aproveitam a psicanálise como recurso às suas discussões, averiguando esse conceito. Jobim e Souza (2012), por exemplo, argumenta que a psicanálise ajuda a compreender a multiplicidade do *humano*, mas, para isso, faz-se necessário revisitar o conceito de inconsciente, dado que nos primeiros escritos freudianos emerge um “causalismo determinista” que assinala o passado infantil como determinador do presente sintomático e do futuro do sujeito, assim como da cultura (JOBIM E SOUZA, 2012, p. 54). Sua proposta é empreender apropriações singulares e autorais da psicanálise em cada pesquisa:

A análise do inconsciente precisa renovar seus métodos, diversificar suas abordagens, enriquecer-se com outros campos de criação; ou, em outras palavras, encontrar caminhos de expressão que façam com que essa concepção, inegavelmente essencial, subsista, porém segundo modalidades que recuperem seu valor no âmbito de uma concepção crítica que exige uma complexidade maior de análise para dar conta das

constantes e aceleradas transformações do mundo moderno (JOBIM E SOUZA, 2012, p. 75).

Essa discussão tem peso decisivo em nossa dissertação, orientando-nos a eleger como foco de debate certa prospecção da sessão de psicanálise como evento discursivo. Volóchinov (2017) entende-a como pequeno acontecimento social e afere às complexidades desse acontecimento a eficácia da cura, seu sucesso prático. Entretanto, antes de circunscrever o inconsciente ao fenômeno discursivo da cura, enfrentamos outra problemática: como poderíamos estudar o sucesso *prático* psicanalítico, se não temos dados naturalísticos, etnográficos, áudio-visuais etc. de uma sessão real, *concreta*? Podemos eleger a “cura” propriamente dita como enfoque de discussão?

Moura-Vieira (2002, 2004b), recuperando as proposições de Clot e Faïta (2016) a respeito dos gêneros e estilos da atividade, assevera que, na concretude da consulta clínica, pode haver uma série de subgêneros no interior do macrogênero instaurado no diálogo entre médico e paciente. Para aqueles que visem a estudar a atividade clínica – como a psicanálise, por exemplo –, será necessário observar o macro e o micro da clínica, o que implica o macro do gênero e o micro da atividade. O pesquisador aponta, então, a necessária matização metodológica de um *continuum* que vai do ato clínico ao relato sistemático sobre esse ato: há a atividade clínica, os textos-enunciado produzidos *na* atividade clínica, dependente da relação médico-paciente, e também o texto de pesquisa *sobre* a atividade (MOURA-VIEIRA, 2002, 004b). Dito diferentemente, a formalização reflexiva de um gênero do discurso, advinda de um texto de pesquisa *sobre* a atividade clínica, não se confundiria com as contingências e renormalizações da própria atividade, da qual fazem parte uma série de gêneros intercalados⁴¹.

Devemos, neste momento, responder metodologicamente às problemáticas até então apresentadas. Nesta pesquisa, estamos dialogando com os textos clínicos e metapsicológicos de Freud, inscritos na esfera elaborada da ciência. Esta dissertação não se vale de dados diretamente advindos da prática clínica psicanalítica concreta. Caso viesse, nosso olhar poderia ser drasticamente alterado, por exemplo: (i) pela observação de diferentes dinâmicas concretas de interação verbal em contexto(s) psicanalítico(s) situado(s); (ii) pela mudança da

⁴¹ Como alternativa metodológica que unifique os textos *na* atividade e os textos *sobre* a atividade, Moura-Vieira (2004a) defende os métodos de autoconfrontação, como a “autoconfrontação enunciativo-discursiva” (AED), adaptada da autoconfrontação simples cruzada (ASC) de Yves Clôt e Daniel Faïta. Na perspectiva da AED, oferecem-se “dispositivos clínicos de confronto do trabalhador em dois níveis de produção de sentido. O primeiro, da própria atividade realizada (a situação observada e registrada em descrição escrita, em áudio ou em vídeo), o segundo, da representação que o protagonista faz da atividade (o que ele pensa da atividade, falado em entrevista, grupo ou sessão de discussão)” (MOURA-VIEIRA, 2004a, pp. 10-11). Essa não será a metodologia aqui adotada, porque não estamos observando a *atividade clínica* propriamente dita, mas registramo-la como proposta para futuras pesquisas sobre a eficácia da terapêutica psicanalítica pelo viés dialógico e da atividade.

normalização e das renormalizações da prática observada, tendo em vista os diversos ambientes de promoção de saúde mental (grupos terapêuticos, atendimento psicossocial etc.), os diversos pacientes e as distintas posições dos profissionais envolvidos; e, por fim (iii) pela mudança das lentes teóricas que informam a psicanálise (as lentes lacanianas, kleinianas, bionianas, winnicottianas etc). Entretanto, não vemos a natureza de nossos objetos, inscritos num *corpus* textual, como limitação desabonadora, mas como potencialidade *criativa*, estimulada pelo nosso ato de leitura responsiva aos textos freudianos atinentes ao processo de tratamento psicanalítico.

Nesse sentido, esta pesquisa teórica inscreve-se na área da Linguística e dos estudos bakhtinianos. Nossa investigação é uma resposta à bibliografia freudiana que delimita, em uma ponta, a cura pela fala freudiana, a qual é tomada como objeto pelas lentes bakhtinianas, na outra ponta. Teoricamente, aliamos-nos ao ideário bakhtiniano como local de produção de conhecimento, assumindo o movimento metodológico basal de confronto contrapontístico e dialógico de enunciados. De que material dispomos para confrontar dialogicamente posturas autorais distintas? Dispomos dos textos de Bakhtin e do Círculo, assim como de Freud e de pesquisadores da área da psicanálise, tomados por nós como *textos-enunciado* que convocam o autor desta dissertação a uma resposta. Vejamos como se dá esse processo.

Em *Por uma metodologia das ciências humanas* (1975), Bakhtin (2017b, p. 59) defende que o objeto das ciências humanas é o “ser *expressivo e falante*”, inacabável e inexaurível e constituído no diálogo. As escolhas metodológicas que optassem por estudar a expressão e o diálogo constitutivos do ser humano deveriam, então, comportar uma abertura ao evento de encontro gerador de sentidos. Num evento de pesquisa calcado na compreensão responsiva de enunciados, há dois ativismos que se interpenetram: “O ativismo cognoscente e o ativismo do que se abre (dialogicidade)” (BAKHTIN, 2017b, p. 58). Em outras palavras, há o ativismo do sujeito pesquisador, que quer conhecer, e o ativismo que emana do objeto, que não está “morto” ou “dado”, mas que enuncia e altera o pesquisador. Não há neutralidade ou “higiene analítica” na pesquisa, mas a instauração da subjetividade do pesquisador projetada na atenção interessada ao objeto, que, em sua alteridade, enuncia como outro. Esse encontro gera sentidos sempre contingentes e situacionais, nunca finais.

Por isso, em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (1959-1961), Bakhtin (2016b, p. 71-72) defende que a pesquisa “nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros”, implicando a contemplação metodológica de “pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos”. O texto, mais além de ser materialidade significativa e registro documental, inscreve-se na interação

dialógica geradora de sentido, numa dada esfera da atividade. Os textos-enunciado revelam a projeção da subjetividade criadora – entendendo o conceito de subjetividade forjada socioideologicamente – convocando a compreensão responsiva: “A atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos (BAKHTIN, 2016b, p. 78). Então, as fontes bibliográficas desta pesquisa são tomadas por nós como *enunciados concretos* corporificadores de pontos de vista distintos sobre o sujeito, sua consciência e a relação entre subjetividade e interação discursiva, aos quais prestamos nossa contrapalavra. A partir desses apontamentos, *O freudismo* é uma atitude, um enunciado responsivo a Freud, matizado pelo contexto ideológico da época. Qual seria o contexto ideológico desse enunciado, visto que dele nos valemos como inspiração ao movimento analítico por nós empreendido?

De acordo com Grillo (2017, p. 66), o contexto ideológico amplo da União Soviética ao redor do ano de 1927 contava com certo dogmatismo marxista enquanto pensamento científico dominante; por isso, o interesse de Volóchinov por Freud “não é um caso isolado no contexto soviético dos anos 1920 e reflete em parte a rápida recepção da obra de Freud na Rússia pré-revolucionária”. A rápida recepção dos textos, disponíveis em russo desde 1909, explicaria os diversos reducionismos teóricos na apropriação do freudismo por Volóchinov, como indicam Lima e Perini (2009), assim como é índice do forte paradigma médico-psiquiátrico-objetivo da época. Ademais, Bezerra (2017, p. 13) indica que as correntes psicológicas russas eram caracterizadas pela “forte ênfase biológica e fisiológica, decorrente da sua associação imediata com as ciências naturais [...] e o empenho em criar uma psicologia como ciência objetiva”. Por isso, a análise marxista da psicanálise refletiria o ensejo de conceber uma psicologia sociologizada e científica, amparada em fatores sociais objetivos, assim como refrataria uma indagação coletiva a respeito do papel da linguagem em relação à consciência.

Augusto Ponzio (2012b), em seu prefácio à edição italiana de *O freudismo*, entende o movimento responsivo de Volóchinov a Freud como uma crítica construtiva. Isso porque, explica o pesquisador, a atenção à ideologia formadora do inconsciente, assim como à interação verbalizada entre analista e analisando, *adianta* releituras como as de Jacques Lacan e as de Gilles Deleuze e Felix Guattari a respeito da estruturação do inconsciente como uma linguagem e do caráter social do inconsciente, respectivamente. Ou seja, no grande tempo, as críticas de Volóchinov ajudaram a renovar os sentidos da psicanálise, a construir diferentes inteligibilidades sobre o psiquismo. Esse olhar diminui o peso desabonador das críticas e aposta

na construção de pontes dialógicas entre autores, ainda que, no pequeno tempo, não possamos vê-las claramente.

Alinhamo-nos a esta perspectiva de criação de pontes na proposta desta investigação. Nosso cotejo entre Freud e Bakhtin é feito a partir de uma postura criativa cujo enfoque não é a delimitação de distanciamentos e fronteiras, visto que já temos importantes trabalhos sobre isso em nossa área. Nosso alinhamento epistemológico é bakhtiniano, discursivo e alteritário e nossa postura é mais conciliatória, observando as práticas de discurso inscritas no fenômeno terapêutico como ponto de diálogo entre os autores. Talvez Volóchinov (2017) enquadrasse esta investigação como mais um trabalho “apologista” ao freudismo, tais como aqueles citados no último capítulo de *O freudismo*; entretanto, entendemos que tal polêmica com outros pesquisadores soviéticos afirmasse mais as divergências entre marxismo e psicanálise, e menos a oposição entre aspectos do dialogismo e aspectos da psicanálise – o que nos salvaguarda.

No desenrolar da pesquisa, entenderemos a “cura pela fala” freudiana enquanto *cura pela palavra*. Nesses termos, “palavra” designa tanto a materialidade enunciativa verbalizável (*vyskazynavye, rietch*, enunciado), quanto o processo discursivo amplo (*slovo*, discurso), que envolve a materialidade enunciativa, o contexto extraverbal do enunciado, os já-ditos e não-ditos. Em nossa perspectiva, entendemos que a relação de alteridade com o outro, no e pelo discurso, é lugar de constituição, revelação e ampliação da subjetividade: “Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro” (BAKHTIN, 2018a, p. 322). A *transformação (inter)subjetiva na e pela palavra*, promovida pelo gênero discursivo sessão de psicanálise, será a visão de cura admitida neste trabalho. Será preciso, entretanto, proceder com um recorte que torne exequível nosso debate acerca da dinâmica da palavra (enquanto enunciado, processo discursivo) no tratamento freudiano dentro dos limites desta dissertação.

Como vimos na primeira seção deste capítulo, a fala do analisando é entendida por Freud (2013a) em sua opacidade. O olhar do analista vê sentido não apenas na verbalização, mas também nos afetos não expressos no verbo, como o silêncio, o choro, o gesto, o tom da voz, a presença ou a ausência nas sessões... Todos esses aspectos poderiam ser analisados pelo viés bakhtiniano, que considera como enunciado a totalidade das distintas e complexas manifestações humanas na palavra, entendida em sentido amplo como toda geração de sentidos ancorada em alguma materialidade. O calar, o tom emotivo-volitivo que acompanha as lágrimas, a gestualidade e a entonação, por exemplo, são modos do sujeito enunciar-se ao outro. Entretanto, dados os limites de tempo e de espaço desta dissertação, tomamos o *enunciado verbalizável e verbalizado* como materialidade discursiva privilegiada, observando nele a

encarnação de valores, da memória individual e coletiva e da relação recíproca entre analista e analisando. Não iremos contemplar os outros importantes fatores que também compõem a produção de sentidos na psicanálise.

Tendo em vista nossos recortes, formulamos o seguinte **problema de pesquisa**: de que forma o diálogo entre os ideários bakhtiniano e freudiano possibilita perscrutar inteligibilidades teóricas sobre a cura pela palavra no tratamento psicanalítico? Com nossa noção de “cura” explicitada, precisamos indicar quais aspectos da teoria bakhtiniana nos ajudarão a compor o debate. São eles: o conceito de gênero do discurso e as relações alteritárias – entendidas por nós como *entrechoque* discursivo – entre a palavra minha (do analisando) e a palavra do outro (do analista).

Conforme indicamos na seção teórica, recuperamos, em Augusto Ponzio (2017), o teor etimológico de ato (*postupok*) na teoria bakhtiniana “como dar um passo”; ou seja, como *atividade* engajada e como *encontro* com o outro. Nessa perspectiva filosófica e teórica, não utilizaremos o termo “gênero da atividade”⁴², visto que não iremos analisar a atividade clínica propriamente dita. Iremos, sim, investigar a *especificidade* de um possível grande gênero discursivo sessão de psicanálise, avaliando-o em relação a outros gêneros cotidianos e, também, constituídos. Cumpriremos, assim, a observância das relações entre esfera da atividade, ideologia e enunciado na transformação subjetiva e visaremos a especificar aspectos que promovem a “cura pela palavra”.

Os aspectos específicos atualizáveis pelo gênero, entretanto, não indicam por si só o sucesso de uma terapia. Há sujeitos singulares em interação, assim como a experiência terapêutica somente recebe tal *status* quando validada por aquele que busca terapia. Então, pelo enfoque do *entrechoque* de palavras minha e do outro, debateremos algumas condições pelas quais a experiência analítica, os valores experimentados ética, cognitiva e emocionalmente e as dinâmicas temporais tensivas implicadas na recordação do passado podem ser *assumidos como próprios* pelo analisando, assimilados, reacentuados e reelaborados por ele como “palavra que (me) cura”.

Elaboramos, com isso, as seguintes **perguntas norteadoras**: i) De que forma as críticas à psicanálise, registradas na obra *O freudismo*, reiteram uma perspectiva de sujeito alinhada ao ideário de Bakhtin e do Círculo?; ii) Que elementos especificam o gênero discursivo sessão de

⁴² Conforme explicitamos, o conceito de gênero da atividade se volta à análise da atividade em sua efetividade e concretude (CLOT; FAÍTA, 2016; MOURA-VIEIRA, 2002, 2004a, 2004b). Em uma outra pesquisa que se inspirasse nesta dissertação, o conceito teria produtividade caso fosse colocado em foco o terapeuta, em sua atividade profissional.

psicanálise, tendo em vista os possíveis processos alteritários e discursivos implicados na terapia freudiana?; e, por fim, c) Quais as condições e as dinâmicas discursivas e alteritárias engendradoras da assunção da experiência psicanalítica como válida e própria ao sujeito que visa à cura? Com essas perguntas norteadoras, formulamos como **objetivo geral** perscrutar, a partir do ideário bakhtiniano, possíveis inteligibilidades teóricas acerca de dinâmicas alteritárias, dialógicas e discursivas atinentes ao tratamento psicanalítico freudiano.

Como **objetivos específicos**, propomos: i) Investigar a concepção de sujeito que subjaz à contrapalavra de Volóchinov a Freud; ii) Prospectar possíveis processos alteritários e discursivos envolvidos na cura pela fala freudiana, considerando a sessão de psicanálise como gênero do discurso e iii) Discutir as possíveis condições e os possíveis processos engendrados da assunção da experiência psicanalítica como transformadora pelo sujeito que visa à cura, tendo em vista os entrecios entre a palavra minha e a palavra do outro.

Dado que esta é uma dissertação teórica, iremos desenvolver nossos objetivos na integralidade da pesquisa. Já destinamos enfoque especial ao objetivo específico primeiro em nosso capítulo de fundamentação teórica. Visamos a desenvolver o objetivo específico segundo no capítulo sobre o gênero do discurso sessão de psicanálise. Por fim, objetivamos desenvolver o objetivo específico terceiro no capítulo que versa sobre as condições pelas quais a experiência analítica pode efetivamente promover a mudança subjetiva. Para tal, como empreenderemos o gesto dialógico que engendrará nossas discussões?

Alinhamo-nos metodologicamente ao procedimento argumentativo-discursivo de Volóchinov (2017), que propunha olhares alternativos, sociológicos e discursivos ao fenômeno psicanalítico, prospectado pelas leituras advindas dos escritos teóricos freudianos. Como nota Grillo (2017, p. 65), Volóchinov propunha “alternativas mais substanciais aos conceitos freudianos, por meio da valorização da palavra ou linguagem e do desenvolvimento do conceito de ideologia do cotidiano”. Moura-Vieira (2016, p. 67) também nota que Volóchinov, em seu empreendimento analítico, provê “críticas dialéticas e novas proposições avaliativas dialógicas” às ideias de Freud, “colocando o freudismo no ‘divã’ analítico do dialogismo”.

Então, em nossa discussão, destinaremos uma leitura alternativa de cunho sociológico e enunciativo-discursivo à cura pela fala freudiana, conforme a tivéramos circunscrito como objeto de investigação. Nesse processo, iremos seguir as orientações metodológicas de Volóchinov ao estudo das questões relativas à psicologia e ao freudismo, como resume Moura-Vieira (2016) no excerto abaixo:

Enfim, a proposição do Círculo de Bakhtin para a orientação dos estudos filosófico-psicológicos e em ciências humanas é bastante precisa: adotar a concepção marxista observando três condições quanto à percepção do materialismo dialético: 1) trabalhar com uma filosofia e *psicologia objetiva* que lhe seja próxima; 2) não negar a realidade da *subjetividade*, uma vez que ela existe mesmo que não possa jamais ser descolada da *base material* do comportamento orgânico, e 3) a Psicologia humana deve ser sociologizada, ou seja, para se compreender o diálogo e o comportamento humano, é necessário adotar o ponto de vista de uma *sociologia objetiva* (MOURA-VIEIRA, 2016, p. 65, grifos do autor).

Em relação ao primeiro ponto acima destacado, trabalharemos com os pressupostos da filosofia da linguagem calcada no signo ideológico, assim como com a perspectiva alteritária e discursiva de constituição do sujeito. Ressaltamos que a psicanálise pode ser compreendida como uma teoria que toma o sujeito de maneira descentrada, clivada pelas pulsões, pelo desejo e pelo inconsciente. Respeitamos as distinções epistemológicas subjacentes ao diálogo aqui proposto e enfocamos, justamente, um possível processo enunciativo-discursivo prospectado objetivamente na dinâmica interacional entre analista e analisando numa sessão de psicanálise. Em relação ao segundo ponto, a subjetividade e a realidade material são contempladas pelo método sociológico, uma vez que a ideologia do cotidiano, assim como o discurso exterior, é a realidade objetiva que precede o sujeito e que lhe dota de linguagem, desdobrada em discurso interior apropriado. Por fim, em relação ao terceiro ponto, observaremos as contribuições do ideário de Bakhtin e o Círculo ao fenômeno terapêutico psicanalítico, tomando a área dos estudos bakhtinianos como local de produção de conhecimento, e não a psicanálise.

Nosso objeto de investigação – o estudo da transformação subjetiva no e pelo discurso promovido pelo gênero discursivo sessão de psicanálise – insta as dinâmicas de fazer falar e o fazer ouvir como meio e finalidade terapêutica (CELES, 2005b), requerendo o amparo no método sociológico. Recuperamos em *Marxismo e filosofia da linguagem* as “exigências metodológicas fundamentais”, que se referem ao estudo amplo das ideologias pelo método sociológico, sendo relevante à nossa pesquisa:

- 1) *Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo* (ao inseri-la na ‘consciência’ ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) *Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social* (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) *Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material.* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110, grifos do autor).

A partir dessas exigências, Volóchinov (2018) também registra a “ordem metodologicamente fundamentada” ao estudo da língua, entendida como materialidade discursiva. Segundo o autor, deve-se seguir a seguinte ordem: a observância das

“1) formas e tipos de interação discursiva, em sua relação com as condições concretas [de objetivação]; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 220).

Ou seja, faz parte das amplas orientações metodológicas sustentadas pelo referido autor a atenção à integração concreta entre parte, todo e contexto de objetivação do todo, o qual refere às relações alteritárias engendradas em distintas atividades de interação discursiva. Deveríamos lançar um olhar “macro” aos gêneros discursivos, ao horizonte ideológico e às esferas da atividade, para que, então, integremos dialeticamente tal olhar à visada “micro”, que observa as dinâmicas de objetivação do enunciado, das quais fazem parte o emprego de sistemas semióticos específicos, como a língua. Na integração entre ideologia, gênero discursivo e enunciado podemos reiterar, na pesquisa, o papel do sujeito ativo, responsivo e responsável que constrói sentidos na tensa relação com o outro (BARBOSA; DI FANTI, 2020). Como desenvolveremos nossa metodologia em diálogo com essas orientações metodológicas?

Dado o caráter teórico de nosso estudo, não analisaremos eventos concretos de interação discursiva; entretanto, o cotejo textual é um movimento concreto, que contrapõe textos-enunciado, conforme desenvolvemos no início desta seção. Entendemos que as três exigências metodológicas fundamentais estejam contempladas nas orientações ao estudo da psicologia-psicanálise, conforme resumo de Moura-Vieira (2016). Quanto a nosso estudo prospectivo do gênero discursivo sessão de psicanálise, entendemos que o acontecimento dos enunciados entre analista e analisando seja perpassado por características relativamente estáveis da terapêutica psicanalítica, assim como seja igualmente determinado pelas singularidades dos sujeitos em interação, manifesta em enunciados. Assim, a leitura que ofereceremos intenta não incorrer em psicologismo ou subjetivismo, mas debater a possível organização enunciativa (objetiva e ideológica) que acompanha e comenta a dialética entre discurso interior e discurso exterior, palavra e contrapalavra, enunciado e resposta.

Em nosso capítulo sobre o entrecruze entre as palavras minhas (do analisando) e as palavras do outro (do analista) na experiência analítica, prestaremos singular atenção às possibilidades que a interação discursiva com um analista legam à construção de enunciados sobre si mesmo e sobre nosso passado. Observaremos como a tensão entre momentos presentes e passados, entre distintas vozes sociais e esferas da atividade se entrecruzam na materialidade dos enunciados trocados numa análise, produzindo sentidos que amparam a verbalização de tons autorais acerca da memória de si mesmo e, conseqüentemente, do ser-estar no mundo. É

via enunciado concreto, alteridade material da palavra (PONZIO, A., 2020a) e interação discursiva que discutiremos a assunção da *verdade analítica* enquanto “palavra que (me) cura”, que transforma e que enriquece o sujeito da análise.

Para concluir este capítulo, reforçamos que os objetivos desta dissertação são amplos e desafiadores, especialmente porque esta pesquisa é conduzida por um pesquisador iniciante, em formação em nível de mestrado. Pretendemos criar perguntas e condições que recoloquem o diálogo com a psicanálise como agenda de pesquisa em nosso campo, mesmo que, com isso, estejamos dando um passo inicial, ainda em nível de diálogo teórico entre autores. Com isso, consideramos que, com coerência teórica e metodológica, possa ser dado um pequeno passo de uma grande caminhada desafiadora. Compreendemos que essa caminhada possa promover um enriquecimento, ainda que singelo, tanto aos estudos bakhtinianos, quanto à psicanálise, áreas que trabalham com seres expressivos e falantes. Na continuidade de nossas discussões, o próximo capítulo irá perscrutar um possível estatuto discursivo da terapia freudiana, visando a compreender o tratamento de acordo com as dinâmicas interacionais previstas no gênero discursivo sessão de psicanálise.

3 O GÊNERO DISCURSIVO SESSÃO DE PSICANÁLISE: ESPECIFICAÇÕES DA “CURA PELA PALAVRA”

*Enquanto adolescía pensava
Que o homem era um anjo
que se abandonava
Quando envelheci
Apreendi: somos um nada
que pode se preencher de linguagem
e alçar voo desprezando asas*

(MOURA-VIEIRA, 1989, p. 21)

As considerações anteriormente traçadas sobre a relação entre o acontecimento alteritário de encontro entre sujeitos, o enunciado concreto e a consciência levaram-nos aos gêneros do discurso como formas relativamente estáveis das atividades humanas, nas e pelas quais os sujeitos interagem e, assim, constituem-se (inter)subjetivamente. A partir de Augusto Ponzio (2017), entendemos o ato como dar um passo – *postupok* – perfazendo-se em movimentos alteritários cronotopicamente situados. Como defende Di Fanti (2020, p. 14), o espraiamento da *prima philosophia* nos escritos de Bakhtin e do Círculo sobre a linguagem revela o lugar privilegiado que a alteridade e a singularidade humana recebem nas teorizações sobre o discurso, “fazendo brotar a tensão entre o repetível e o irrepitível, o mesmo e o outro, a estabilidade e a variabilidade”. Justamente essa tensão entre o repetível e o irrepitível, o histórico e o evêntico, reflete a natureza dos gêneros discursivos como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”, vinculados a um campo da atividade humana (BAKHTIN, 2016a, p. 12, grifos do autor). Por isso, os distintos gêneros cumprem importante papel na constituição das culturas. Precisamos, então, contextualizar, ainda que brevemente, o lugar da terapia em nossa cultura.

Como indica Bakhtin (2016a), os gêneros passam por processos culturais de reacentuação e de modificação, a depender dos distintos projetos discursivos dos sujeitos em interação, das múltiplas vozes sociais em voga e de determinações históricas, econômicas etc. Pelo olhar de Garcia-Roza (2020, p. 22), a psicanálise surge no contexto dos saberes do século XIX, com as demandas da burguesia da época. Antes do advento dessa prática clínica, “o único lugar institucional onde o discurso individual tinha acolhida eram os confessionários religiosos”. Aparentemente, houve uma reelaboração dos lugares privados nos quais se

poderiam socializar os mais íntimos e particulares temas, destronando a punição divina ou a redenção purgatória aos pecados como únicas soluções às nossas angústias.

Zygouris (2011) entende que um traço da contemporaneidade é a necessidade de um *lugar* – ao mesmo tempo, psíquico e físico – para elaborar questões psíquicas junto a um terapeuta. Dito de outra forma, o contexto interacional de uma sessão de terapia parece, ainda hoje, proporcionar disposições axiológicas, maneiras e funções do dizer que, na correlação com outros gêneros discursivos, têm como especificidade um mais produtivo encaminhamento da procura individual (e, também, social) por terapia. Outros gêneros, certamente, propiciam espaços outros para o acolhimento do discurso individual, com certo tom de “terapia”. Uma conversa-desabafo com um amigo, por exemplo, traz uma presença de escuta não-profissional, mas não por isso ineficaz. A alteridade implicada no encontro com a palavra do outro, entendida em sua concreta diversidade contextual, cumpre sempre alguma função salvadora, no sentido vital do termo.

Na esteira de Zygouris (2011), se, por um lado, a demanda por um psicanalista é sintomático das poucas oportunidades de acolhida do discurso individual em nossa cultura, a ponto de “termos a impressão de que, salvo a análise (exceção feita ao lugar que o [sujeito] de igreja ocupa para o crente), não existe mais nenhum outro lugar onde se possa falar e ser ouvido” (ZYGOURIS, 2011, p. 7), por outro lado, a busca por um psicanalista é, muitas vezes, demanda por *presença de escuta*. Por isso, para a autora, a distinção entre uma demanda por um *psicanalista* ou por um *terapeuta* é um fenômeno cultural que envolve complexas questões sociais, econômicas e políticas, para além das qualificações técnico-laborais. Em alguns casos, tal demanda tem, como subtexto, um desejo que, por parte do paciente, revela o apelo à presença de escuta⁴³: “Eu quero me sentir melhor e acredito poder fazê-lo se tiver alguém que saiba me escutar” (ZYGOURIS, 2011, p. 8).

Pimentel e Amarante (2020), ao proporem uma “ética dialógica” na assistência psicossocial, observam a incidência do diálogo na postura englobante e condicional da cura terapêutica. Abrindo portas às nossas discussões, os autores defendem que a postura dialógica implica “valorização da escuta” (p. 27), observância da relação terapêutica “como uma relação afetiva, comunicativa, humanizada, de reconhecimento da alteridade e reciprocidade” (p. 27) e

⁴³ O termo “presença de escuta”, mais bem discutido nas próximas seções, é inspirado nas aulas do Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza, realizadas no PPGL/PUCRS, assim como em seu escrito *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Nesse livro, o pesquisador e filósofo defende que a verdadeira essência da linguagem – que foge à idolatria e à negação da alteridade – toma a forma de uma *presença*. Na presença, enfrenta-se a alteridade, destrói-se o ídolo e desvela-se o pensamento mágico-totalizante (SOUZA, 2020).

“um modo de cuidar em que o diálogo desponta como a base ética do vínculo terapêutico” (p. 18). Uma ética dialógica, nesse sentido, pode se inserir em distintas práticas psicoterapêuticas, tal fosse uma englobante “psicologia dialógica”, a que se refere Moura-Vieira (2016). É desse lugar que empreenderemos o estudo da terapia inscrita na prospecção de um amplo gênero discursivo sessão de psicanálise.

Para começarmos, trazemos as importantes contribuições de Pavel Medviédev para o estudo dos gêneros discursivos. O autor postula que a especificação dos gêneros discursivos é parte de um mais amplo projeto científico. Estava no horizonte de Medviédev (2012, p. 75) a proposição de uma poética sociológica, que proporcionaria “as diretrizes fundamentais para a especificação do material de pesquisa e as principais definições de suas formas e tipos”. Conseqüentemente, *especificação* concerne o escrutínio de um produto ideológico na interação sistemática e orgânica com os distintos campos da criação ideológica de uma coletividade, visando a salientar as particularidades qualitativas dos produtos, suas características próprias:

Ao estudar a literatura na interação viva com outros campos e na unidade concreta da vida socioeconômica, não somente não se perde de vista sua peculiaridade como, ao contrário, é somente nesse processo de interação que essa peculiaridade poderá revelar-se e determinar-se plenamente, sob todos os aspectos (MEDVIÉDEV, 2012, p. 73).

É relevante destacar que tal concepção de especificação não implica a identificação de categorias estanques ou de unidades discretas nos produtos ideológicos, mas a observância da tensão entre o todo e o funcionamento das partes na correlação com outros produtos da ideologia. Uma especificação integradora, que observe parte e todo, fará despontar tensões de diversas ordens entre o estável e o variável, as quais qualificam a especificidade de um gênero na resposta orgânica aos demais gêneros e esferas.

Um caminho à especificação do gênero discursivo sessão de psicanálise já fora anunciado no capítulo anterior: a elaboração, que unifica, em sua travessia, trabalho de análise e verbalização (CABAS, 2009; JORGE, 2005). O trabalho de fazer falar e fazer ouvir toma a psico-análise como objeto, meio e finalidade do tratamento, vencendo resistências e rememorando o passado, agora verbalizável (CELES, 2005b). Com isso, este capítulo⁴⁴ investiga a especificidade terapêutica do gênero discursivo sessão de psicanálise, tendo a

⁴⁴ As reflexões deste capítulo ampliam a investigação sobre a sessão de psicanálise enquanto gênero discursivo desenvolvida por Moll, Di Fanti e Rosa no artigo *A sessão de psicanálise como gênero do discurso: enquadre, terapia e encontro de vozes em visada bakhtiniana*, a ser publicado na Revista Delta (no prelo).

elaboração como ponto de oriência da investigação relativa aos elementos construcionais, estilísticos e temáticos envolvidos nesse processo de cura.

Para nossa discussão, iremos destinar especial enfoque ao texto freudiano *Recordar, repetir e elaborar* (1914). Justificamos nossa escolha pela atenção dada por Freud (2010d), nesse trabalho, à relação entre memorização, elaboração e vínculo transferencial. Também, esse texto faz parte de uma série de *Artigos sobre técnica*, publicados entre 1911 e 1915, os quais revelam o ensejo do autor em sistematizar conhecimentos teórico-metodológicos à prática clínica psicanalítica. À nossa discussão, somar-se-ão escritos de pesquisadores da área da psicanálise, com os quais dialogaremos. Então, em nosso debate, buscaremos prospectar um possível diálogo conceitual entre Freud e o Círculo, permitindo-nos compreender a elaboração enquanto meta discursiva de tratamento. Para tanto, este capítulo se organiza em três seções: na primeira, analisamos o *setting* psicanalítico e sua incidência nas relações arquitetônicas de reciprocidade entre o par analítico; na segunda, refletimos acerca da interpretação do analista pelo viés da responsividade; por fim, na terceira, propomos a dinâmica de coenunciação dialogizada como metáfora para o funcionamento da verbalização na sessão de psicanálise.

3.1 O COMEÇO DE ANÁLISE: *SETTING*, DISPOSIÇÕES ARQUITETÔNICAS E TRANSFERÊNCIA

Em *O início do tratamento* (1913), Freud (2010e, p. 191) argumenta que “O primeiro móvel da terapia é o sofrimento do paciente, e o desejo de cura daí resultante”. O desejo de cura é entendido como “força motriz” do tratamento; somente tal desejo, entretanto, não é capaz de superar a doença: o paciente deve conhecer quais caminhos tomar para se curar, assim como deve apoiar-se no processo terapêutico a fim de superar suas resistências (FREUD, 2010e, p. 191). Os caminhos do tratamento – a descoberta da associação livre a convite do analista – e o enfrentamento das resistências – via interpretação – são típicos do *enquadre* psicanalítico.

Nas palavras de Zimerman (1999, p. 301), o *setting*, comumente traduzido como *enquadre*, “pode ser conceituado como a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo psicanalítico”. O *setting* contempla o “contrato” analítico, que, para Zimerman (1999, p. 286), representa um pacto de apresentação mútua entre analista e analisando, de mútua delimitação dos papéis da prática analítica vindoura e, por fim, pela instalação da “atmosfera de trabalho”, visando à “criação espontânea de uma ‘aliança terapêutica’”. Adicionalmente, o *setting* contempla acordos acerca do uso ou não do divã, da periodicidade das sessões, do tempo das sessões, do contato fora da análise e do pagamento.

Entretanto, o autor citado enfatiza que o *setting* não é uma estrutura meramente formal. Para Zimerman (1999), o *manejo* do *setting* é a prática mais importante, calcada no vínculo estabelecido entre o par, o qual deve contemplar certa elasticidade quanto às exigências da técnica e as contingências de cada analisando.

O professor Daniel Omar Perez, no *ESPEcast: podcast de psicanálise e filosofia*, produzido em parceria com o Instituto Espe, pergunta-se sobre os elementos necessários ao enquadre, problematizando o uso do divã, um ícone do *setting* culturalmente consolidado. Na fala de Perez (PODCAST #10 O DIVÃ PARA ALÉM, 2021), tanto as clínicas públicas de Freud, quanto o trabalho de outros psicanalistas na lida com crianças, e também o trabalho da psicanalista Marie Langer em sua “psicanálise para além do divã”, demonstram a elasticidade do *setting*, que não toma o divã como elemento *a priori* do tratamento. Por exemplo, o trabalho psicanalítico de Langer na Argentina e na Nicarágua, no contexto da zona rural, não previa o divã, mas nem por isso deixava de mobilizar técnicas fundamentais da análise, como a livre-associação e a observância do vínculo transferencial entre analista e analisando(s). Na conclusão de sua fala, Perez entende que o divã funciona em alguns casos, mas não em todos, a depender do paciente. Então, enquadre é mais *relação* do que *formatação*.

Ainda, o recente contexto pandêmico de Covid-19 requisitou que muitas consultas psicanalíticas fossem feitas na modalidade remota. Sobre isso, Figueiredo (2021) entende que o *setting*, tido como dispositivo analítico, sempre comporta facetas de virtualidade, dado que os efeitos terapêuticos da transferência se dão fora do espaço físico da consulta, durante e no intervalo das sessões. Entretanto, o autor salienta que os elementos sensoriais da sessão de psicanálise sofrem grave mudança: “as cores, os cheiros, a temperatura, a composição do espaço da sala e seu entorno, os ruídos e os ritmos (por exemplo, o ritmo da respiração do analista e do analisando) etc., vale dizer, todo o espectro da sensorialidade fica faltando” (FIGUEIREDO, 2021, p. 91). Para Figueiredo (2021, p. 91), os elementos sensoriais citados não são adendos à análise, mas “participam da formação dos climas ou atmosferas emocionais do encontro”. Portanto, a *sustentação* da virtualidade analítica e da transferência pelo par pode ser um desafio nos atendimentos remotos, mas o teor determinante desses elementos para o sucesso terapêutico é algo que precisa ser estudado na particularidade dos casos (FIGUEIREDO, 2021). De qualquer forma, compreendemos que mesmo os elementos sensoriais contribuem à análise por sua função emotivo-volitiva, e não por sua simples presença ou ausência.

Por isso, cabe-nos salientar a distinção de Herrmann (2015) entre enquadre e quadro analítico, dando maior relevo ao segundo. Os aspectos do enquadre “emolduram a análise, servem só para sustentar e delimitar aquilo que se faz” na atividade, enquanto o quadro analítico

se refere propriamente ao método de trabalho, à análise (HERRMANN, 2015, p. 21). No diálogo com Figueiredo (2021), podemos entender que a distinção é não-excludente, dado que tanto a moldura externa da atividade, quanto a transferência que nela atua, passam pela natureza emotivo-volitiva da relação analítica. Na dialetização entre enquadre e quadro, a manutenção do segundo pelo par parece ser o elemento mais relevante para o sucesso de uma psicanálise, dado que privilegia a *natureza analítica da interação entre o par*, e não a instalação irrefletida de normas gerais contidas na “moldura” da atividade. Em nosso amparo, Yagiu (2006, pp. 91-92) indica que, na prática, “a questão do enquadre é importante na medida em que traça os limites aquém dos quais uma atividade pode ser terapêutica, e além dos quais ela deixa de sê-la”.

Para Zimerman (1999, p. 302), o enquadre tem como função mais nobre a “criação de um *novo espaço* onde o analisando terá a oportunidade de reexperimentar com o seu analista a vivência de antigas e decisivamente marcantes experiências emocionais conflituosas que foram malcompreendidas” e que retornam a atuar em forma de sintomas. A reexperimentação vivida na aliança terapêutica se dá via vínculo transferencial. Na perspectiva de Figueiredo (2020, p. 229), as transferências “são deslocamentos e encenações, narrativas e performances” que fazem emergir, na fala e no ato, “os impulsos, desejos, medos, angústias, esperanças, desesperos e modos de defesa que se organizaram ao longo da vida de cada um”. A especificidade do espaço novo criado pelo *setting*, portanto, seria garantir um lugar seguro – instaurado na dialética entre o espaço físico e o espaço virtual, interpéssico (ZYGOURIS, 2011) – para que a transferência se instale e seja manejada em vias terapêuticas.

Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (2010d) debate justamente o papel da transferência na recordação do passado, condição para a superação das resistências e da verbalização das causas do sintoma. Freud (2010d, p. 199) indica que, em relação a certos elementos reprimidos, “o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua”. Trata-se da repetição compulsiva de padrões afetivos⁴⁵ e emocionais típicos da constituição singular do sujeito, que se manifestam de forma subjacente, via transferência, na interação com o analista. Como exemplo, Freud (2010d) cita o caso de um analisando que dizia não se lembrar de ter sido um adolescente rebelde, embora desse corpo a

⁴⁵ Freud (2010d, p. 202) define esses padrões como o funcionamento dinâmico dos impulsos (*Trieb*) cujos representantes ideativos foram reprimidos, retornando em forma de sintomas no comportamento consciente: “suas inibições e atitudes invariáveis, seus traços patológicos de caráter”, atos repetidos em frente ao analista que revelam algo da causação da doença, do cenário psíquico nela envolvido. Por isso, essa repetição ocorre “sob as condições da resistência” (FREUD, 2010d, p. 202); em outras palavras, onde há resistência e sintoma, pode se desenvolver compulsão à repetição na transferência, em que parte do sintoma é encenado na lida emocional e interacional com o analista.

uma atitude rebelde frente ao analista; então, a repetição indicia um processo de lembrar *encorpado* em ato da/na transferência, a partir do qual o analista interpreta e comunica ao analisando.

Para o pai da psicanálise, a transferência é um fenômeno típico das mais variadas interações, não apenas da psicanalítica. Em *Cinco lições da psicanálise* (1910), Freud (2013a, p. 281) afirma que a transferência “ocorre espontaneamente em todas as relações humanas, assim como entre o paciente e o médico; é sempre o veículo da influência terapêutica, e seu efeito é tanto maior quanto menos se suspeita da sua existência”. Entretanto, o *setting*, quando manejado pelo analista, dota a transferência de potencialidades terapêuticas, porque revela, no próprio ato vincular, algo a ele subjacente. Assim como a escuta do analista *cria* as condições para que o analisando escute aquilo de que fala (CELES, 2005b), a transferência “cria uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual se efetua a transição de uma para outra” (FREUD, 2013a, p. 206). Uma metáfora elucidativa de tal processo é a metáfora catalítica, registrada em *Cinco lições de psicanálise* (1910):

Sempre que tratamos psicanaliticamente um neurótico, surge nele o estranho fenômeno chamado “transferência”, isto é, ele dirige ao médico uma certa medida de impulsos afetivos, muitas vezes mesclados com hostilidade, que não se baseia numa relação real e que, como evidenciam todos os detalhes de seu surgimento, só pode remontar a velhas fantasias e desejos que se tornaram inconscientes. Assim, aquela parcela da vida emocional do paciente que ele não pode mais evocar na lembrança é vivenciada novamente na sua relação com o médico, e apenas com esse reviver ‘na transferência’ ele é persuadido da existência e do poder de tais impulsos sexuais inconscientes. Os sintomas, que, para recorrer a uma imagem da química, são precipitados de anteriores vivências amorosas (no mais amplo sentido), podem ser dissolvidos e transformados em outros produtos psíquicos apenas na elevação da temperatura da transferência. O médico desempenha nessa reação o papel de – para usar a ótima expressão de S. Ferenczi – *fermento catalítico*, que temporariamente atrai para si os afetos liberados no processo (FREUD, 2013a, p. 280, grifos do autor).

Em termos bakhtinianos, podemos realizar uma leitura dos apontamentos até agora desenvolvidos. Como vimos no início desta seção, o diálogo propriamente dito com um outro concreto é uma demanda humana que se especifica nas distintas interações: ou na igreja, ou com um amigo, ou na terapia e assim por diante. Também, contamos com sistemas de assistência em saúde mental que atendem à população, disponíveis pelo SUS. Adicionalmente, em meses de mobilização em saúde mental, tal como o Setembro Amarelo, assistimos a manifestações de sujeitos autorizados à escuta clínica, prestando atendimento gratuito. Logo, hipotetizamos haver disposições axiológicas específicas a depender: dos possíveis

interlocutores às angústias da alma, do gênero (conversa com amigo, com familiares, encontro amoroso etc.) e da esfera (clínica, religiosa, cotidiana etc.).

Em nosso caso, poderíamos compreender que, devido a diversas condições culturais, o projeto discursivo, a “intenção discursiva” ou a “vontade de produzir sentido” sobre si mesmo, sobre as causas mais angustiosas do sujeito, formulam uma construção de conjunto do enunciado que melhor se adequa à escuta qualificada e profissional de um ser humano atuante na esfera clínica, em saúde mental. Daí, a sessão de psicanálise como gênero possível, embora não seja o único. Esse projeto de dizer, objetivando-se em ato, faz da própria interação vincular um vértice do tratamento, porque a técnica da prática analítica transforma a transferência em ponte entre as potencialidades interventivas do analista e o cerne do sintoma. No limite, torna-se uma inconsistência pensar o sintoma, a livre-associação e a interpretação fora da prática de análise e da relação analista-analisando, dado que as oriências globais dessa prática criam um ponto de excedência entre o discurso extra-sessão e o discurso que, a partir da escuta clínica responsiva, revela o inaudito.

O projeto de dizer do sujeito “determina tanto a própria escolha do objeto”, quanto “seus limites e sua exauribilidade semântico-objetiva” (BAKHTIN, 2016a, p. 37); ou seja, falar sobre si mesmo, por exemplo, cria restrições de tema, de grau de profundidade e do teor daquilo que sentimos urgência em falar ao outro. A figura do psicanalista vai sendo construída na memória discursiva da cultura como a de um outro possível a quem endereçar nosso enunciado, o qual está apto a *conter* a profundidade temática pretendida em nosso endereçamento, sem sofrer reprimendas, censuras etc. (ZIMERMAN, 1998). Então, o diálogo face a face com o psicanalista não é o mesmo daquele travado com outros interlocutores; há alguma especificidade, que deve ser investigada.

O *setting*, com o acordo mútuo entre o par analítico, a informação a respeito da dinâmica de interlocução prevista, vai engendrando formas de acabamento de gênero, o qual incide no enformamento dos enunciados: pode-se “falar livremente” sobre os motivos da consciência individual – nessa formulação, a expressão “livremente” expressa a suspensão das visadas valorativas negativas do interlocutor a respeito do que é dito. Mesmo que o psicanalista tenha seus juízos e valorações morais interiores, isso não é expresso em tom de reprimenda ou censura, em respeito à dinâmica discursiva acordada. Em termos bakhtinianos, nenhuma fala pode ser “livre”, desprendida de seu contexto e do horizonte ideológico amplo que perpassa a organização das coletividades; não pode existir um regime discursivo alienado ou alienante daquele que o profere, mas responsável e responsivo. A referida “liberdade” pode ser compreendida como o sobretom axiológico de acolhimento do gênero, no qual a presença de

escuta do analista torna o dizer do analisando cabível à análise; mesmo desconexo, o enunciado *faz sentido* nessa prática, enformando-se na relação vincular do par.

Então, na arquitetura do gênero, a disposição axiológica atualizada pelos seus participantes permite que as falas do analisando dialoguem com os mais diversos temas, trazendo diversos níveis de expressividade que podem ser legitimamente objetivadas. A resposta do analista a esses enunciados encarnados expressivamente alarga as possibilidades temáticas, estilísticas e composicionais de enformamento do dizer, que se liberta das possíveis sanções sociais no amparo ao sigilo clínico. A liberdade implica maior espaço à projeção da subjetividade nas distintas formas de materialidades discursivas, as quais vão sendo endereçadas e respondidas. O acabamento do enunciado, enquanto parte do circuito de responsabilidade (MACHADO, 2020), relaciona-se intimamente com os matizes do diálogo terapêutico, seja em nível mais imediato, com a definição dos papéis entre analista e analisando, seja em nível mais amplo, com a receptividade do gênero aos já ditos e aos não-ditos advindos de outras esferas da comunicação discursiva das quais o analisando faz parte.

Inspirados em Celes (2005b), diríamos que a dialogicidade específica da sessão de psicanálise é primeiramente instaurada pelo *setting*, que insta, no diálogo face a face, o trabalho analítico *entre* o falar do analisando e o ouvir do analista. Nessa forma de interação discursiva, um dos fatores globais que contribuem à terapia é, justamente, a influência inversa do enunciado objetivado na consciência (VOLÓCHINOV, 2018), visto que as novas formas de expressão promovidas pelo gênero orientam os temas escusos da consciência a tomarem forma enunciativa. Uma vez enunciados, os ideologemas mais vagos da consciência vão, aos poucos, estruturando-se no endereçamento ao analista. A consciência do analisando passa a se engajar num ambiente sociológico da atividade, movimentando-se em feixes alteritários basais à palavra minha (escutada diferentemente) e à palavra do outro, que me escuta. Consequentemente, os temas psíquicos libertam-se da solidão ao encontrarem a palavra possível de ser endereçada.

Na arquitetura do gênero, os tons emotivo-volitivos que constituem o sujeito em sua totalidade podem se vivificar, se objetivar no contato com a palavra do analista, *encorpar-se* no ato-enunciado. Tal ato vai ser matizado pela palavra *em elaboração*, a qual será lentamente entretecida pelos fios dialógicos forjados no acontecimento psicanalítico. Esse trabalho lento de ouvir-me dizer enquanto sujeito em terapia existe *porque* há outro sujeito que me escuta e acolhe minha palavra em elaboração de modo positivo, conveniente, atinente à atividade proposta pelo gênero discursivo. Poderíamos pensar que o enriquecimento do encontro com o outro no gênero sessão de psicanálise tem como condição basal o re-encontro consigo mesmo

a partir da profunda convivência com o outro (BAKHTIN, 2018a; PONZIO, 2012b). Os modos como tal reencontro se dão especificam-se no *setting*, que orienta a travessia de linguagem do sintoma à palavra em elaboração (CABAS, 2009).

Como o *setting* instaura o contrato inicial e evoca a regra de ouro psicanalítica, ele orienta um circuito de responsabilidade típico do gênero. O enunciado é expresso segundo uma dinâmica específica de alternância de vozes e de papéis – a associação livre e a interpretação –, que ajuda a concretizar o evento psicanalítico. Esse circuito é pouco usual em outros gêneros, visto que ele organiza o enunciado de forma que, primordialmente, seja possível orientar-se tematicamente à vida pelo acolhimento de temas pouco verbalizáveis em outras esferas da atividade. Na verdade, justamente o que não se fala fora da sessão é tornado centro da atividade analítica. Dificilmente, em conversas cotidianas, poderá um sujeito “livre associar” sem sofrer sanções, visto que são privilegiados, justamente, os temas escusos, difíceis, embaraçosos (FREUD, 2014). Também, dificilmente os outros interlocutores concretos, que não o analista, saberão prestar uma interpretação que se direcione, para além da exteriorização, também à elaboração dos temas verbalizados.

Por isso, o “calor da relação” terapêutica é específico (FREUD, 2013a). Os vínculos alteritários entre os locutores – na terminologia freudiana, a transferência – tecem os limites dos enunciados e caracterizam o funcionamento do gênero como espaço seguro e produtivo à interlocução. O *setting* nutre o enunciado por dentro, destinando a ele um contexto situacional e extraverbal confiável, ideologicamente estruturado – haja vista as técnicas relativamente estáveis da sessão de psicanálise – assim como um *outro concreto*, a quem esse enunciado se endereça. Logo, a atmosfera axiológica do gênero, nutrida pelos feixes de relações alteritárias travadas entre o par, específicos à atividade psicanalítica, incide na dialética entre discurso interior e discurso exterior do analisando. Como podemos pensar esse processo?

Amparada pelo tom axiológico englobante do gênero, a consciência individual anima-se a orientar o microdiálogo que a povoa – as vozes heterodiscursivas em disputa, os motivos vagos, os temas contraditórios – ao diálogo propriamente dito. A passagem do microdiálogo ao diálogo com o analista é atravessada pelo amplo diálogo entre já-ditos e não-ditos, sendo que o processo de expressão é, agora, ancorado no contexto extraverbal da sessão de psicanálise. Nesse processo, o ideograma vago pode se orientar à multiplicidade de palavras outras que se entrelaçam ao que se endereça ao analista. Projetos discursivos antigos ou novos, desafiadores ou amedrontadores, podem ser reavivados e acolhidos na atividade psicanalítica, para que, nesse terreno seguro, as resistências ao endereçamento sejam vencidas. Vencer resistências, então, é vencer o juízo que alguém faz de seus enunciados, é enfrentar o plano aperceptivo de

percepção do outro, é suportar o enfrentamento axiológico à palavra em processo de ser dita, algo que só pode ser feito com o outro-analista e com o amparo emotivo-volitivo desse acontecimento de encontro.

A partir dessas reflexões, a transferência, enquanto aspecto resultante e forjador da atividade, pode ser entendida como vínculo emotivo-volitivo, cuja função é comentar, amparar e revelar sentidos outros subjacentes ao passo (*postupok*) que o analisando dá em direção ao analista. Podemos entender a transferência como o laço discursivo – relacional e entoacional – característico do gênero, que, quando manejado, impulsiona a passagem do discurso interior, recluso, ao discurso exterior, interpretável. Nessa passagem, está a responsividade à que clama o enunciado: os atos do analisando podem se objetivar em sua totalidade e ser interpretados pelo analista, que contempla, para além das palavras em jogo, a atitude que as vivifica.

Na seção inicial de nosso debate sobre o gênero sessão de psicanálise, salientamos que, por nosso viés, a funcionalidade do *setting* vai muito além de ser estrutura composicional do gênero. Retomando Bakhtin (1988), compreendemos que *forma* implica *enformamento*, e não apenas justaposição de material. A estrutura composicional, portanto, abarca já o germe do sentido, fruto da intrincada relação axiológica do sujeito com o todo enformado. Em nosso entendimento, o *setting* é um dos elementos que contribuem para o acabamento do gênero. Ele conglomerava, em sua elasticidade e adaptabilidade às contingências clínicas, os elementos repetíveis da técnica psicanalítica – o estilo de trocas discursivas, a ampliação dos temas possíveis de serem ditos, uma orientação em profundidade a esses temas –, assim como prevê o encontro singular de seres expressivos e falantes. Como parte da técnica, o *setting* reúne os elementos historicizados na cultura, que caracterizam a responsabilidade ética da escuta do analista enquanto prática de análise, ao passo em que também dá espaço ideológico ao ato que, em liberdade, arrisca-se ao desconhecido de si mesmo.

Então, o *setting* é um dos pontos de caracterização da arquitetura do gênero sessão de psicanálise, visto que ele organiza tanto as dinâmicas de a interação discursiva, quanto a possibilidade de experienciar novas axiologias em relação a si mesmo e ao outro. Também, o enquadre tensiona o projeto discursivo dos falantes com o enformamento dos enunciados, dispondo ao redor dos sujeitos um circuito de responsabilidade específico, amparado axiologicamente pelo sigilo clínico. No circuito, a transferência se manifesta na relação emotivo-volitiva que promove o endereçamento do enunciado em vistas à presença de escuta que o interpreta. Por fim, o *setting* parece ter como função global promover contextos e práticas para a estruturação ideológica de enunciados. Vejamos agora, com uma espécie de lupa, os

movimentos de endereçamento e de interpretação atuantes na estruturação ideológica dos enunciados.

3.2 INTERPRETAÇÃO NA ANÁLISE: RESPONSABILIDADE E COENUNCIACÃO

Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (2010d, p. 203) argumenta que uma das funções da psicanálise é dissolver a “política de avestruz” que o analisando assume em relação aos seus sintomas. Tal como um avestruz reage perante o medo, escondendo sua cabeça do potencial inimigo, o analisando afasta-se do conflito psíquico, toma-o como inimigo, dele nada querendo saber. Essa atitude poderia indiciar que o analisando “não saiba exatamente as precondições de sua fobia, que não escute as palavras corretas de suas ideias obsessivas ou não apreenda o verdadeiro propósito de seu impulso obsessivo” (FREUD, 2010d, p. 203); ou seja, ao tentar tornar o sintoma ignorável, ignora-se também o teor da própria fala ou atitude em relação a ele:

Ele [o analisando] tem de conquistar a coragem de dirigir a sua atenção para os fenômenos da sua doença. A própria doença não deve mais ser algo desprezível para ele, mas sim tornar-se um digno adversário, uma parcela do seu ser fundamentada em bons motivos, de que cabe extrair algo valioso para sua vida futura (FREUD, 2010d, p. 203).

Associamos ao excerto acima o papel interpretativo do psicanalista. Segundo Celes (2005b, p. 37), a interpretação faz ouvir ao analisando: “o analista ‘devolve’ o que o paciente fala, para que assim o paciente ouça a sua própria fala”. A fala devolvida, interpretada, é, de acordo com Celes (2005b, p. 37), a fala da *falha*, “revelando o que afinal de contas essa fala está dizendo, mas que o analisando não sabia, ou não queria saber”. Com a interpretação, cria-se um espaço de aparecimento do sintoma refratado pela escuta do analista; a interação permite o enfrentamento ao conflito no ambiente seguro do *setting*. De modo análogo está registrada a tarefa da interpretação em *O método psicanalítico de Freud* (1904): “extrair o mineral bruto das ideias não intencionais o metal dos pensamentos reprimidos” (FREUD, 2016, p. 326). Ou seja, interpretação e análise se interpenetram, visto que interpretar é expandir os sentidos possíveis de serem forjados, decupados e futuramente construídos, como condição para que, na terapia, o sintoma seja encarado frontalmente.

Para Garcia-Roza (2020), interpretação e sentido não são dois fatores prévios (*a priori*) que se encontram na situação analítica, mas, ao contrário, uma realidade nela e por ela forjada. Em outras palavras, não há interpretações *a priori*, “*standard*”, mas sentidos *da, na e em* análise: “Não há sentido original, todo sentido já é uma interpretação, assim como toda interpretação é uma forma de constituição de sentido” (GARCIA-ROZA, 2020, p. 71).

Desponta, por esse viés, a necessidade da participação engajada de ambos os sujeitos na criação de sentidos singulares e situados. A citação, a seguir, de Freud (2014), em *Conferências introdutórias à psicanálise*, exemplifica essa ideia, indicando que o teor daquilo que é falado na análise está em relação orgânica com o vínculo engendrado no evento analítico, pela experiência nele vivenciada:

As comunicações de que necessita a análise, o paciente só as faz mediante uma particular ligação emocional com o médico; tão logo notasse a presença de uma testemunha que lhe é indiferente, ele se calaria. Sim, porque tais declarações dizem respeito ao que há de mais íntimo em sua vida psíquica, a tudo o que, como pessoa socialmente autônoma, ele precisaria ocultar dos outros e, de resto, a tudo o que, como personalidade una, ele não deseja admitir para si mesmo (FREUD, 2014, p. 23).

Do excerto anterior, destacamos a indissociabilidade entre sentido, interpretação e vínculo transferencial, aspecto já desenvolvido na seção anterior. Podemos, também, expandir o teor terapêutico da transferência para abarcar a experiência de *não saber*. Em *Compêndio de psicanálise* (1940), Freud (2018a) argumenta que, quando o analista pede total franqueza do analisando, haja vista a regra de ouro da livre associação, o primeiro não cumpre papel de “confessor secular”, tal como o crente que se confessa na igreja. O falar do analisando difere da confissão consciente, fundamentada em uma narrativa pré-formada: “dele não queremos escutar aquilo que sabe e esconde dos outros; ele deve também nos contar o que não sabe” (FREUD, 2018a, p. 227). O tom emotivo-volitivo englobante do gênero cria espaço seguro e sigiloso para as descobertas não-premeditadas, para a novidade advinda da relação com o analista, no espaço-tempo da análise.

O lugar privilegiado da experiência de análise também é registrado em *Sobre psicanálise “selvagem”* (1910). Nesse texto, Freud (2013b) endereça-se aos psicanalistas principiantes que buscavam encurtar o tratamento, praticando a forma “selvagem” de comunicar interpretações – geralmente de teor sexual – logo nas primeiras sessões. Consoante os apontamentos de Freud (2013b, p. 330), “nessas alternativas terapêuticas do suposto psicanalista não sobra espaço para – a psicanálise!”. Ou seja, a experiência analítica é *vivência de análise* da psique enquanto trabalho, como defende Celes (2005a), algo que ocorre num (relativamente longo) decurso de tempo, num espaço e no interior de uma relação. A relação ao longo do tempo e do espaço cria, então, a possibilidade da interpretação surtir efeito, ao contrário de promover uma defesa frente à “selvageria” de uma interpretação impessoal, prematura e descontextualizada:

Logo, uma intervenção psicanalítica pressupõe um contato prolongado com o doente, e tentativas de surpreendê-lo na primeira sessão, comunicando-lhe abruptamente os segredos adivinhados, são tecnicamente condenáveis e acarretam muitas vezes seu próprio castigo, ao atrair a autêntica inimizade do paciente e impedir qualquer influência ulterior (FREUD, 2013b, p. 331).

Uma visada bakhtiniana aos apontamentos anteriores revela uma relação intrincada entre responsividade e possibilidade de criação de sentidos via interpretação analítica. Como afirma Bakhtin (2017c, p. 41, grifos do autor), o sentido amadurece na resposta, é de índole responsiva: “Chamo sentidos às *respostas* a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós”. O autor amplia essa ideia ao afirmar que não existe sentido em si, mas sim sentido no diálogo: “Não pode haver ‘sentido em si’ – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele” (BAKHTIN, 2017c, p. 42). Para além de uma “interpretação textual” ou “lógica”, que busca uma resposta certa acerca do sintoma, podemos pensar a interpretação do analista como um passo dado em direção ao analisando, um ato responsivo que promove a tensão de dois sentidos, fazendo a análise amadurecer no encontro.

Esse passo pode ser pensado, a partir de Augusto Ponzio (2020b, p. 43), como um ato de compreensão respondente, que “arrisca uma resposta diante do interpretado”, “em direção a algo de outro, de diferente”. Numa atmosfera de compreensão respondente, falar sobre o sintoma, como se dele buscássemos uma definição, torna-se *falar com o sintoma*, com essa alteridade obscura e constitutiva, elaborando-a. Augusto Ponzio (2020b, p. 123) nos explica que a dificuldade de darmos definições sobre as coisas do mundo “significa que você tem familiaridade com esta coisa, que tem experiência nisso, que tem as ‘vivências’ relativas a essa coisa”. Diferentemente do ensejo de definição, a relação entre o dizer do analisando e a interpretação arriscada do analista permite a retomada dessas vivências, suas atualizações no e pelo vínculo emotivo-volitivo firmado, no interior do qual os enunciados podem se estruturar na resposta verbalizada à alteridade do sintoma. No processo de tratamento assim picturado, o discurso é vivência.

Da mesma forma que Volóchinov (2017) defende o segundo nascimento social do sujeito como condição de participação ativa e produtiva na cultura, Bakhtin entende que a plena participação do sujeito na cultura coincide com sua inserção no mundo do discurso, regido pelas dinâmicas responsivas de interação verbal, constitutivas tanto do sujeito, quanto do enunciado. Nesse sentido, alijar-se da relação com o outro, a nada responder, deflagra uma *situação limite* do ser humano: tão logo escapa da comunicação discursiva, perigosamente desprende-se de si mesmo, de sua coletividade e da possibilidade de ser singular na alteridade:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o tu). A separação, o desligamento, o ensimesmamento são a causa central da perda de si mesmo. Não se trata do que ocorre dentro, mas *na fronteira* entre a minha consciência e a consciência do outro, *no limiar*. [...] O próprio ser do [sujeito] (tanto interno quanto externo) é *convívio mais profundo*. Ser significa *conviver* (BAKHTIN, 2018a, p. 322, grifo do autor).

Esses apontamentos têm implicações na concretude dos enunciados. Di Fanti (2003), ao refletir sobre dialogismo, explica que, nas teorizações bakhtinianas sobre o discurso, têm-se como mola propulsora o “princípio alteritário” da filosofia primeira. Dado que o sentido se materializa em discurso, em enunciados concretos, sempre há, nos enunciados, em maior ou menor grau, a projeção do outro, sua participação refrangida e ativa: “São outras vozes discursivas – posições sociais, opiniões – que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção” (DI FANTI, 2003, p. 98). Em outras palavras, o outro, que garante minha singularidade inconclusa, transparece também no enunciado, uma vez que a resposta do falante a seu outro, seja ele mais ou menos imediato, é a matriz da estruturação do discurso aural. Vejamos, no gênero discursivo sessão de psicanálise, como as proposições filosóficas e enunciativas se estruturam em termos de tema e estilo do discurso, enfocando agora a interpretação analítica.

Bakhtin (2016a, p. 63) destaca que cada gênero, “em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”. Então, a figura do analista torna-se o *outro concreto* típico do gênero, caracterizando-o. Como lemos em Di Fanti (2003, p. 98), “o outro apresenta-se em diferentes graus de presença no enunciado”, estando lá sempre como aspecto constitutivo. Pensando na citação freudiana a respeito do sintoma em elaboração, o qual deve se tornar um “digno adversário” (FREUD, 2010d, p. 203), podemos compreender que o analista está das dinâmicas do gênero como ativo participante do co-enfrentamento ao sintoma. Ele encontra-se refrangido no enunciado do analisando como voz-suporte, como sobretom axiológico que faz suportar e faz enfrentar o conflito psíquico. Em outras palavras, a alteridade do analista é a força de uma presença que permite fazer ver o sintoma não como outriedade alheia, mas como alteridade constitutiva, “uma parcela do seu ser fundamentada em bons motivos, de que cabe extrair algo valioso para sua vida futura” (FREUD, 2010d, p. 203). Esse processo de enfrentamento pela palavra depende, em larga medida, do endereçamento da fala ao analista.

Bakhtin (2016a, p. 35), ao discutir o endereçamento como aspecto constitutivo do enunciado, discorre sobre a conclusibilidade específica como “uma espécie de aspecto interno

da alternância dos sujeitos do discurso”. Segundo Bakhtin (2016a, p. 35), um enunciado conclusivo é um enunciado respondível, “porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições”. O gênero discursivo sessão de psicanálise encontra na interpretação analítica mais um componente de acabamento de gênero que incide no enunciado do analisando, alargando suas possibilidades de conclusibilidade. Não é preciso dizer tudo do sintoma, defini-lo, mas ir dizendo, elaborando. Logo, a interpretação amplia as condições de “dizer tudo”, pois, com a regra fundamental da livre associação, a presença do analista valida distintas formas de criar sentidos: em frases aparentemente desconexas, com silêncios, com hesitações, com o *não saber*, como já tínhamos afirmado antes. Podemos exemplificar o acolhimento do discurso em elaboração pelos movimentos de “deixar que surja” e de “tomar em consideração”, constitutivos da análise e da interpretação, registrados por Herrmann (2015):

Deixar que surja significa a disposição passiva a nada selecionar ou evitar, a não impor sentidos, muito menos sentidos teóricos, também convencionais. Tomar em consideração é seu complemento natural; algo de relevante tendo surgido, de forma espontânea ou facilitada pelas pequenas intervenções interpretativas, o analista nega-se ativamente a permitir que submerja na corrente do pensamento comum. A história do paciente é escutada, portanto, com uma atenção de tipo completamente diversa daquela a que está habituada (HERRMANN, 2015, p. 104).

Podemos compreender que o gênero sessão de psicanálise tem como elemento especificador uma *presença de escuta* altamente dialógica, responsivamente representada pelo analista e pelo ambiente analítico seguro e sigiloso; a atuação refrangida do analista no enunciado do analisando é a *presença de uma resposta*. Consoante Pollyanne Ribeiro (2010, p. 57), o conteúdo temático de um gênero discursivo acena à “potencialidade do dizer sobre um referente em determinada esfera social circunscrita por um intervalo de tempo e espaço, aqui que é ou que pode tornar-se dizível pelo gênero demandado na interação verbal”. Então, a atividade do analista valida e vincula os ideologemas vagos que “surgem” no e pelo discurso e, amparado na esfera psicanalítica da atividade, amplia as potencialidades e as formas de fazer sentido sobre esses ideologemas. Inclusive o *não saber* sobre si passa a ser inscrito em uma atividade social de função terapêutica: investigam-se novos projetos discursivos, novos temas sociais reclusos no psiquismo etc. Nisso, o tema encontra-se com o estilo.

De acordo com Bakhtin (2016a, p. 53), a “expressividade típica (de gênero) pode ser vista como a ‘auréola estilística’ da palavra”, a qual acena à forma de funcionamento do gênero. Volóchinov (2019c, p. 269, grifos do autor), por sua vez, indica que os tipos de comunicação “organiza[m], constr[oem] e finaliza[m], *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do

enunciado”. A partir dos apontamentos citados, compreendemos que a expressividade, o *poder dizer* de um gênero, ganha relativa estabilidade juntamente com as unidades linguístico-discursivas tipicamente atualizadas em determinada atividade. O estilo, então, não é apenas a escolha sónica, parte repetível do enunciado, mas é uma forma de organização e de *finalização* do dizer, uma orientação ao acabamento verbal atinente à seleção, à percepção e à compreensão temática verbalizada do gênero em relação à realidade (MEDVIÉDEV, 2012).

A sessão de psicanálise, observada desde o ângulo da responsividade específica entre analista e analisando, conduz a interação a um estilo englobante típico de gênero, assim como a uma liberdade estilística própria da elaboração. Falamos do estilo que norteia o circuito de responsabilidade em livre-associação, cuja contraparte é a interpretação. Esse estilo englobante traz à concretude do enunciado as marcas sónicas e linguísticas do dizer em elaboração, endereçado ao outro – o enunciado inacabado, as interrupções, os silêncios, as evasivas. O estilo englobante do gênero orienta o estilo do analisando e do analista em direção à elaboração como co-construção estilística⁴⁶ dos enunciados em análise. Por que co-construção?

Quando informado e verbalizado, o estilo do enunciado não é apenas do analisando, ou apenas do gênero: satisfaz a ambos. “O estilo é o [sujeito]”, mas podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois [sujeitos]” (VOLÓCHINOV, 2019d, p. 143), sendo que o segundo sujeito ativo no estilo é um representante da coletividade da qual o sujeito participa. O outro sujeito do enunciado finalizado, organizado, engajado na atividade de análise típica do gênero, é o analista, e a expressividade da “palavra que cura”, em elaboração pelo analisando, reverbera a expressividade típica do gênero: a análise enquanto atividade conjunta. Logo, o estilo do enunciado em análise é palco de encontro de, pelo menos, dois sujeitos, o que permite pensarmos a elaboração como co-construção enunciativa, como dizer de si possível no gênero, em resposta ao outro.

A elaboração como co-construção enunciativa traz à cena a questão do estilo do enunciado em relação à consciência. Volóchinov (2019b, p. 262) afirma que “O estilo do discurso interior deve determinar o estilo do discurso exterior, apesar de este exercer uma

⁴⁶ A título de ilustração, registramos aqui as contribuições de Zimerman (1999) acerca dos estilos de análise. Para o autor, alguns estilos de análise são prejudiciais, como o “superegóico”, em que o analista realiza cobranças em relação ao analisando; ou o estilo “ping-pong”, em que o analista, ao sempre rebater as falas do analisando, não deixa espaços para o silêncio, ou ainda o estilo “além disso...”, em que o analista remenda, amplia e segue acrescentando camadas de significações à fala do analisando. Alguns estilos de interpretação, entretanto, são recomendados, como o estilo “instigador”, cuja função é “instigar que o analisando abra novos vértices de percepção, conhecimento e reflexões sobre suas atuais e antigas experiências emocionais” (ZIMERMAN, 1999, p. 386), ou o estilo “nomeador”, no qual se “acolhe as cargas projetivas do seu paciente, pense nelas, descodifique, transforme, signifique e finalmente dê-lhes um *nome*” (ZIMERMAN, 1999, p. 386). Iremos nos deter nesses estilos no próximo capítulo.

influência inversa sobre aquele”. Poderíamos pensar num movimento de “vai e vem” do enunciado implicado na dialética entre discurso interior e exterior: quando o enunciado “vai” em direção ao analista, ele se banha na atmosfera axiológica relacional típica do gênero, a qual visa a expandir as possibilidades de dizer e lembrar. Ao “voltar”, o enunciado elaborado na atmosfera axiológica e ideológica do discurso exterior é reapropriado pelo analisando, trazendo as marcas enunciativas da verbalização conjunta. O enunciado exerce, assim, uma influência inversa na consciência, trazendo na concretude da palavra apropriada as marcas do analista, do analisando e da atividade de análise, típica do gênero. Então, a palavra elaborada é a palavra do *encontro*, que engrandece a palavra interna e cria as condições para um segundo nascimento social do sintoma, do tema não pensado, do enunciado não verbalizado.

Em suma, no dizer em elaboração há, pelo menos, dois sujeitos que incidem no enformamento estilístico, temático e composicional do enunciado. Portanto, o dizer terapêutico no tratamento psicanalítico precisa ser analisado pelo viés da coenunciação. Há pelo menos dois sujeitos, porque as múltiplas outras vozes sociais que povoam a sessão de psicanálise, constitutivas de ambos interlocutores em interação, não se esquivam do diálogo. A palavra em elaboração vai sendo permeada pela confluência de vozes heterodiscursivas: a voz da moral, da disciplina, da cultura, da sociedade... A agentividade do analisando começa a se fortalecer justamente na possibilidade de responder a essas vozes interiores e exteriores, amparado pela presença do analista. Por isso, há uma dialogização específica que ocorre no trabalho elaborativo, como veremos na seção seguinte.

3.3 COENUNCIÇÃO DIALOGIZADA: ENTRECRUZAMENTO DE VOZES E DE ESFERAS NA PALAVRA EM ELABORAÇÃO

Na seção anterior, lançamos uma lupa às dinâmicas enunciativas da palavra coenunciada no e pelo gênero discursivo sessão de psicanálise. Todavia, como notam Barbosa e Di Fanti (2020) ao ressaltar as orientações metodológicas de Volóchinov (2018), para contemplar o gênero não basta entender o funcionamento da dinâmica enunciativa nele instada; há que se traçar relações entre as esferas da atividade humana e a ideologia. Há que se voltar o olhar, mais uma vez, à macrodinâmica da interação discursiva. Seguindo essa ordem, exploraremos, agora, a relação entre o conceito de elaboração em Freud (2010b) e a interpenetração de esferas, ideologias e vozes sociais no processo de dialogização como aspecto constitutivo do tratamento.

O texto freudiano focado por nós ao longo deste capítulo, *Recordar, repetir e elaborar*, é recorrentemente citado quando pesquisadores da área referem-se ao processo de

elaboração como indício de “cura” psicanalítica. Há um aspecto que se sobressai quando Freud (2010d) menciona a elaboração: o caráter *trabalhoso* desse processo. Para analisarmos tal aspecto, chamamos a atenção para as distintas opções tradutológicas ao termo “elaboração”, em alemão *durcharbeiten* ou *Durcharbeitug*. O tradutor das obras completas de Freud publicadas pela editora Companhia das Letras, Paulo César de Souza, traz, em nota de rodapé (FREUD, 2010d, p. 208), outras opções de tradução: em francês, “*élaborer interprétativement*”; em inglês, “*work through*”; em italiano, “*rielaborare*”. Na edição *Standard* brasileira, publicada pela editora Imago, com a tradução do inglês de James Strachey, contávamos com o termo “perlaboração”. Essa é a mesma opção seguida pelo famoso *Vocabulário da psicanálise*, de Laplanche e Pontalis. Para o tradutor, a preposição latina *-per*, presente em palavras como “perfazer”, traz a ideia de “reforço da ação”, de “realização completa do trabalho”. No alemão, há a preposição “*-durch*”, que significa “através, de lado a lado” e pelo verbo “*arbeiten*”, que significa “trabalhar”. Então, o sentido de *elaboração* deve ecoar a dificuldade de trabalho, o custoso contorno, a dificuldade análoga ao tamanho da resistência encontrada na análise. *Per-laborar* implica trabalhar apesar da resistência, junto dela, em seu enfrentamento. Em relação à elaboração, Freud (2010d) registra:

Como se sabe, a superação das resistências tem início quando o médico desvela a resistência jamais reconhecida pelo paciente e a comunica a ele. Mas parece que os principiantes da análise se inclinam a tomar esse início de trabalho pelo trabalho inteiro. [...] É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência agora conhecida, para que a elabore [perlaborar], para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise (FREUD, 2010d, pp. 207-209).

Na nossa leitura bakhtiniana, o enfrontamento das resistências do sujeito na elaboração pode relevar o esforço, o trabalho do sujeito sócio-ideologicamente constituído, em “limar”, dar novo acabamento e objetivar vozes sociais que o constituem, ideogramas vagos e ideologias constituídas que o atravessam de ponta a ponta. A elaboração/perlaboração parece revelar, assim, a coenuniação estilística do enunciado em vias de verbalizar-se como um trabalho de vencer as resistências axiológicas das palavras-para-o-analisando na e pela dialogização delas.

Em *O discurso no romance*, Bakhtin (2015) chama a atenção à dialogização forjadora dos enunciados. As línguas sociais, ideologicamente ocupadas e estratificadas, formam o autêntico lugar no e pelo qual os sujeitos se formam e enunciam: “O autêntico meio da enuniação, no qual ela se forma e vive, é o heterodiscurso dialogizado” (BAKHTIN, 2015, p.

42). Em todos os momentos, a corporeidade múltipla da língua contempla uma co-existência de “contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente, entre correntes, escolas, círculos, etc.” (BAKHTIN, 2015, p. 66). Nesse meio forma-se a consciência: “o processo de formação ideológica do [sujeito] é um processo de assimilação seletiva de palavras dos outros” (BAKHTIN, 2015, p. 135), no qual a responsividade do sujeito à alteridade constitutiva o vai constituindo, em processo infindo.

Pelo olhar filosófico de Bakhtin (2015), o processo vivo de dialogização, de encontro de vozes e linguagens sociotípicas, é responsável pela renovação de formas artísticas – dessa vez, o heterodiscurso dialogizado no romance. A paródia e a estilização de gêneros literários canônicos, por exemplo, são vistos como processos genéticos do romance. O escritor, ao receber o heterodiscurso em sua obra, faz surgir gêneros intercalados, discursos híbridos e palavras bivocais. Pensando no universo do discurso cotidiano, podemos prospectar que a dialogização de linguagens é o universo semântico, axiológico e ideológico constitutivo da resposta ativa do sujeito ao(s) outro(s), verificável na interiluminação de linguagens e vozes no interior de qualquer enunciado. A *criatividade* discursiva é essa resposta às múltiplas vozes, é o tensionar de ditos, já-ditos e não-ditos advindos de variadas esferas da atividade humana. Deste processo, o enunciado adquire marcas do confronto enunciativo, da variabilidade dos tons (des)encontros, a depender do horizonte ideológico do falante e do grau de alteridade da palavra alheia no discurso autoral.

Sobre a dialogização de vozes constitutiva do enunciado, Di Fanti (2003, p. 99) afirma que, enquanto as palavras do dicionário permanecem em estatuto de potencialidade semântica e discursiva, as palavras na vida “são dialogizadas e ideologizadas”. O heterodiscurso pressupõe “uma variedade de línguas/linguagens e, com isso, diferentes estruturas enunciativas se confrontam tendo em vista a diversidade de coerções nas relações sociais” (DI FANTI, 2003, p. 102). Para Di Fanti (2003, p. 104), enunciar “é dialogar e, nessa atitude responsiva, uma combinação de características linguísticas ganha vida e forma em um processo dialogizado, concreto, pluriacentuado”. Qualquer enunciado, então, ancora-se na dialogização de vozes, tons, acentos sociais: “Tais vozes articulam-se formando uma espécie de andaime que sustenta o discurso, tendo em vista o momento social e histórico da enunciação” (RIBEIRO, K., 2017, p. 194).

Augusto Ponzio (2020b), ao refletir sobre a consciência, observa que a relação entre vivência e conscientização formativa tem que ver com a alteridade da palavra minha em relação à palavra outra, o que só se dá no enfrentamento à alteridade heterodiscursiva. Nesse

enfrentamento, nossa consciência passa a vivenciar a concretude *linguística* das atividades, robustecendo o discurso interior na ampliação responsiva aos contatos discursivos exteriores – no e pelo enriquecimento promovido pelo acontecimento de encontro, para lembrarmos Bakhtin (2011b). A língua, conforme mencionada pelo autor, não refere à acepção estrutural, mas à acepção ideológico-vivencial na e pela linguagem, ancorada em sistemas semióticos. Vejamos:

A conexão entre experiência, tomada de consciência e expressão implica que a determinação do significado de um signo verbal – que se trate de uma única palavra ou de uma enunciação inteira – seja uma operação constitutiva da ampliação do próprio horizonte linguístico e de consciência. Ora, tal operação tem a possibilidade de sucesso **na medida em que haja condições de distanciamento, de saída da própria linguagem** (PONZIO, A., 2020b, p. 71, grifos nossos).

Em nosso caso, poderíamos dizer que a sessão de psicanálise promove, justamente, o reencontro do sujeito consigo mesmo e com o outro pela aproximação e distanciamento de linguagens. Se os gêneros se estratificam heterodiscursivamente, a *linguagem* que respalda a elaboração na sessão de psicanálise é, na verdade, um mar de linguagens em entrechoque e interpenetração, conjugada com a “linguagem analítica”, aquela típica das dinâmicas dessa atividade. O evento analítico é a possibilidade de enformar a alteridade constitutiva do sintoma pelo processo elaborativo que desloca o sujeito em relação às linguagens com as quais ele está acostumado. A interpretação do analista, em sentido amplo, pode ser concebida como um convite a dizer-se numa linguagem outra, fortemente indexada às dinâmicas discursivas mais imediatas do pequeno acontecimento social, mas depois aberta à grande experiência social, ao término das sessões.

Em suma, podemos entender que o processo de elaboração e verbalização na psicanálise pode ser lido, pelas lentes macro, como um processo de dialogização de vozes: é preciso o tenso (perlaborativo) encontro entre a palavra do analista, a palavra do analisando e as múltiplas vozes que os constituem, as quais se deslocam, se interiluminam e se dialogizam no palco da análise, com sua linguagem-atividade típica. O “trabalho” implicado no conceito de elaboração/perlaboração freudiano pode ser, com isso, entendido, a partir de Bakhtin (2015, p. 140), como “justamente essa tensa luta que entre nós se desenvolve pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verboideológicas”. Incide nesse trabalho não só como a canalização dialógica das múltiplas vozes e motivos sociais que vão sendo livre-associados, interpretados e elaborados, mas também a dialogização de temas advindos de múltiplas esferas da atividade humana, das quais o analisando participa. Em suma, existe uma

dialogização: (i) no encontro discursivo entre analista-analisando; (ii) entre espectros temporais passados, presentes e futuros, haja vista o reavivamento axiológico de temas, a interpenetração de ditos, não ditos e ditos possíveis e (iii) no momento da própria enunciação, visto que o enunciado objetivado responde ao heterodiscurso, respalda-se nas vozes heterodiscursivas constitutivas do sujeito, dialogizando-as no endereçamento enunciativo ao analista.

A interpretação do analista, ao fazer revelar outros sentidos da fala do analisando, pode pôr em disputa sentidos, domínios, enfoques, tendências verboideológicas que se dialogizam na busca pela verbalização do sintoma. A presença de escuta faz da dialogização uma força viva e objetiva da análise; traz ao universo material o amparo e a companhia a um esforço de cocriação de sentidos que, fora da sessão, seria feito nos limites da consciência individual. Acompanhando e comentando todo esse processo, a análise “faz emergir” e “leva em consideração” (HERMAN, 2015) os mais diversos temas que perpassam o sujeito situado: numa profissão, numa classe, num momento histórico, sociologizando, no pequeno acontecimento social psicanalítico, a trajetória de resposta a essas vozes e a esses motivos ideológicos de distintas esferas.

A apropriação das dinâmicas relacionais, do ressoar interpretativo que a palavra do analista teve à consciência do analisando, passam a compor a consciência daquele que busca terapia. O meio ideológico da sessão de psicanálise é o encontro do meio ideológico do analisando, com suas questões e sua história social e discursiva de formação subjetiva, com o meio ideológico que permeia a atividade de análise. Nesse meio, o par analítico realiza, na esteira de Medviédev (2012), atos de orientação na realidade, entrelaçando consciência e ação social, gênero. Como componente externo-objetivo, o gênero penetra a consciência via engajamento dos participantes, permite socializar a intimidade, reelaborar os silenciamentos e pensar em maneiras de compor uma narrativa terapêutica verbalizável, externo-objetiva, a respeito da própria vida, como pensa Ricoeur (2010). Com a interiorização das práticas languageiras do gênero, a estruturação ideológica da consciência pode ser compreendida como um salto qualitativo do sujeito, que passa a comportar o analista como vértice de mediação interna do psiquismo (cf. VYGOTSKY, 2007).

Para concluir nosso capítulo, retomamos nossa segunda pergunta de pesquisa. Numa análise comparativa com outras esferas de atividade, a socialização dos temas mais íntimos e angustiosos do sujeito parece não encontrar espaço nas conversas cotidianas e familiares, nem nos atendimentos religiosos, porque em nenhuma dessas interações está presente nem o falar livre de sanções, nem a interpretação do analista. A interpretação especifica o gênero visto desvelar sentidos outros, normalmente ignorados ou não percebidos pelo sujeito em outras

atividades, assim como também é *presença de escuta* que, como força concreta e criativa, responde e valida o que é dialogicamente associado na fala do analisando. Nisso, há um convite à escuta de si mesmo, a disponibilidade de tempo e de espaço para perceber-se falar de si, a segurança clínica do ambiente axiológico aberto ao risco do dizer e, principalmente, a alteridade, sem a qual o sujeito não conseguiria enfrentar seus dilemas.

Também, o *setting* especifica os contornos enunciativos do gênero, visto que pactua sigilo, confiabilidade e segurança ao trabalho de análise. Poderíamos entender o *setting* como o todo englobante dos enunciados trocados entre analista e analisando; a atmosfera axiológica que ampara, comenta e desvela sentidos em construção e diálogo. Ainda, o *setting* configura a sessão ao redor de disposições cronotópicas em cujo espaço e tempo é possível elaborar. Passado e presente da história individual vão sendo narrados, se vivificam e se dialogizam; a mútua dinâmica responsiva entre analista e analisando ampara tal processo e, igualmente, o amparo nas vozes heterodiscursivas que povoam a consciência do analisando vão compondo a força motriz da dialogização. Então, se entendíamos “cura” como coenunciação elaborativa, podemos também entendê-la como *coenunciação dialogizada*, que vai tecendo a “palavra que cura” o analisando. Considerando nossa proposta de elaboração como coenunciação dialogizada, a eficácia desse processo pode ser investigada em termos de entrechoque entre palavra minha (do analisando) e palavra do outro (do analista). Então, no próximo capítulo observaremos os sentidos situados e o entrechoque discursivo que engendra a elaboração dialogizada da “palavra que me cura”.

4 “PALAVRA QUE (ME) CURA”: A ASSUNÇÃO DA EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA NO ENTRECHOQUE ENTRE A PALAVRA MINHA E A PALAVRA DO OUTRO

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que digo.

(LISPECTOR, 2021, p. 19).

No capítulo anterior, buscamos erigir, teoricamente, pontos de especificação do gênero discursivo sessão de psicanálise, observando o que nele há de repetível e de irrepetível que conduza à função social de terapia. A partir dos estudos de Celes (2005b) acerca do sentido originário da psicanálise como tratamento, concebendo-a como *trabalho de fazer falar... e fazer ouvir*, esforçamo-nos em discutir aspectos da disposição axiológica que o gênero potencialmente atualiza, destinando não apenas um espaço de acolhimento valorativo ao discurso mais individual e íntimo do sujeito, mas também a possibilidade de elaborar, na e pela interação discursiva, os conflitos psíquicos. Haja vista a interpenetração axiológico-temporal passado-presente-futuro na vivência transformada em expressão (VOLÓCHINOV, 2018), a relação de alteridade eu-outro e a resposta às vozes heterodiscursivas constitutivas do sujeito, designamos esse processo de coenunciação elaborativa, ou coenunciação dialogizada da “palavra que (me) cura”.

A partir de Volóchinov (2017), entendemos que a esfera clínica da sessão de psicanálise engendra uma atmosfera axiológica que penetra o enunciado por dentro, fazendo da materialidade discursiva um convidativo palco de encontro entre o analisando e seu outro concreto. Esse encontro anima e encoraja a expressão do microdiálogo e do discurso interior, o que possibilita que os ideogramas não-estruturados da consciência verbalizem-se, enformem-se enunciativamente. Ainda sobre a questão da cura pela fala, a tese de Volóchinov (2018) relativa à influência inversa da expressão no psiquismo, assim como os apontamentos de Medviédev (2012) sobre os gêneros interiores apropriados pelo sujeito e as reflexões de Vygotsky (2007) acerca da internalização, embasaram a proposição do gênero discursivo sessão

de psicanálise como *atividade-elo* entre o individual e o social, entre o eu e o outro, promovendo a cura pela socialização dos conteúdos do psiquismo. Também, entendemos que o gênero sessão de psicanálise acolhe, escoo e elabora temas que não possuem espaço em outros gêneros e esferas da atividade. Esses temas, assim, dialogizam-se enunciativamente no evento discursivo estruturado da análise, coenunciando uma palavra que cura.

Entretanto, esse panorama de especificação teórica do gênero não nos permitiu prospectar condições mais específicas da cura, relativas à assunção das verdades experimentadas em análise como válidas e valorosas a si, passíveis de serem apropriadas pelo analisando⁴⁷. Seguindo a metodologia de Volóchinov (2018), tendo observado as dinâmicas macro envolvidas no gênero discursivo, compreendemos que um caminho metodológico exequível seria continuar nossa investigação no enfoque às dinâmicas alteritárias que incidem no enformamento do enunciado relativas à cura pela palavra. Ainda nos resta especificar as possíveis dinâmicas alteritárias que incidem na “palavra que (me) cura”: a palavra do outro – do gênero, da experiência de encontro analítico – que é *assumida* pelo analisando como própria, integrando-se na miríade de vozes, axiologias e enunciados que o constituem. É por essa via que passaremos a compreender, teoricamente, as *condições de eficácia* de uma sessão de psicanálise (PEREZ, 2017), visando a responder à nossa terceira pergunta norteadora.

Como vimos, Volóchinov (2017) indica um caminho de investigação sobre o entrelaço entre palavras minhas (do analisando) e palavras do outro (do analista) ao defender que há, na sessão de psicanálise, um jogo de vozes em disputa quanto ao ponto de vista acerca dos sintomas. O paciente “procura impor ao médico seu ponto de vista sobre as causas da doença e o caráter de suas experiências emocionais”, enquanto o médico “busca preservar sua autoridade de médico” e “empenha-se em fazê-lo aceitar o ponto de vista correto sobre a doença e seus sintomas” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 79). A partir desses apontamentos, prospectamos uma dinâmica alteritária de aproximação e de afastamento, de revelações e de ocultamentos de sentidos encarnados nos enunciados que indiciam a condição subjetiva do analisando.

A imposição de pontos de vista, anteriormente referida, relaciona-se com os estudos de Lima (2018) acerca do contexto clínico efetivo de uma sessão de psicanálise, o qual, enquanto atividade, prevê hierarquias e funções discursivas distintas a seus participantes. Como pontua Moura-Vieira (2002), a diferença de papéis entre médico e paciente notabilizada, por exemplo, pelos estudos interfáticos em Linguagem e Trabalho, é parte estruturante do gênero da atividade

⁴⁷ Reflexões de mesma ordem foram registradas no artigo *Alteridade e terapia: um olhar bakhtiniano para o conceito de construção na psicanálise freudiana*, escrito por Moll e Di Fanti, a ser publicado pela Revista Desenredo.

consulta médica. Volóchinov (2017), entretanto, reitera *a voz do analista como voz de autoridade* que, em nível semântico, *convence* o paciente dos reais sentidos de seus sintomas. Dado que os argumentos de Volóchinov foram, provavelmente, baseados unicamente nos textos freudianos iniciais, trazemos ao debate a palavra freudiana mais posterior, *Construções na análise*, de 1937, no qual a *natureza autoritária da palavra do analista* é contestada pelo próprio Freud (2018b).

Um ponto nodal de crítica em *O freudismo* parece ser o suposto apagamento da alteridade constitutiva no tratamento freudiano. Como nota Augusto Ponzio (2016a, p. 173), a obra esforça-se em evidenciar que a passagem do ideograma vago ao enunciado socialmente estruturado, verbalizável, “requer, necessariamente, como justamente o trabalho psicanalítico demonstra, a relação com o outro”. A partir de Volóchinov (2017), hipotetizamos que o enunciado objetive tanto as dinâmicas de entrecchoque de vozes, quanto os *movimentos alteritários* de aproximação e distanciamento, revelação e ocultamento, empatia e exotopia entre analista e analisando. Nesses movimentos, os limites da vinculação da palavra do analista à autoridade podem ser problematizados, para que vislumbremos a transformação subjetiva não como *repetição irrefletida* da palavra do outro, mas como *enunciação assumida-assinada* da palavra que (me) cura pelo analisando. Neste capítulo, discutiremos a hipótese citada em três seções: na primeira, tratamos da relação entre interpretação-construção, palavra analítica e autoridade; na segunda, da relação entre interpretação-construção, memorização e cura psicanalítica e, por fim, na terceira, discutimos o diálogo e sua inconclusividade como elemento global que permeia a assunção da experiência analítica como “palavra que (me) cura”.

4.1 CONSTRUÇÕES NA ANÁLISE E ENTRECCHOQUE DE VOZES: AUTORIDADE OU ALTERIDADE?

Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016a) afirma que as palavras, em sua acepção discursiva e sociológica, existem ao falante sob três aspectos: como *palavra da língua*, *palavra alheia* e *palavra minha*. A palavra da língua é a potencialidade da palavra valorada. Neutra, é potência de pertencimento, até ser enunciada. Já a “palavra alheia dos outros” acena tanto aos já-ditos do heterodiscurso, quanto ao discurso do interlocutor concreto. Essa palavra é “cheia de ecos de outros enunciados” e concretizam a posição valorativa de outros interlocutores na cadeia da história, da ampla comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016a, p. 53). A “palavra minha”, por sua vez, é “compenetrada da minha expressão”, visto que “eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada” (BAKHTIN, 2016a, p.

53). Nesse contexto, o autor afirma que o processo de formação socioideológica do sujeito se perfaz no entrechoque com a palavra do outro, num infindo processo de assimilação, reelaboração e reacentuação dos valores encarnados nas palavras alheias.

O enfoque à palavra do outro textualiza-se de forma mais explícita em *Apontamentos de 1970-1971*. Nesse texto, Bakhtin (2017c, p. 37) entende como palavra do outro “qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra *não minha*”. Ela é “não minha” até o momento do confronto dialógico, em que se cria uma palavra metade minha, metade do outro, na compreensão responsiva. “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro [...]” (BAKHTIN, 2017c, p. 38), processo pelo qual não apenas elas são assimiladas, mas reelaboradas e reacentuadas.

Relacionando essas discussões com a proposição de Volóchinov (2017) acerca da dinâmica de vozes na sessão de psicanálise, diríamos que, para o autor, a palavra do analista é sempre palavra do outro, cuja tonalidade encaminha, corrige e “vence” as ideias presentificadas nas palavras do analisando. Com isso, Volóchinov (2017) insinua que a relação de alteridade forjadora da cura é marcada pela hierarquia de vozes e papéis sociais que se entrecrocamos na sessão de psicanálise. O analista, como voz e papel de autoridade, tenta convencer o analisando sobre o real sentido de seu sintoma, o qual tende a resistir. Subjaz às críticas do autor a ideia de que haveria *um* sentido correto acerca do sintoma apresentado pelo analisando, e que tal sentido seria propriedade do analista⁴⁸.

No capítulo anterior, ao enfocarmos *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 2010d), observamos que a perspectiva de cura freudiana registrada nesse texto respalda-se na dinâmica enunciativa de rememoração, em estilo livre associado, responsável por reviver e vivificar afetos, cenas e atos na transferência. Em *Construções na análise* (FREUD, 2018b), a noção de rememoração é igualmente privilegiada no tratamento, mas compreendida em suas limitações: há coisas das quais não podemos lembrar, seja por que a nós é doloroso rememorar, seja porque a nós é impossível recordar, haja vista a distância temporal entre o presente da rememoração e nosso passado histórico. Qual o papel do analista e do analisando nesses casos?

Freud (2018b, p. 329) argumenta que, na busca por um “quadro dos anos esquecidos da vida do paciente que seja confiável e completo nos elementos essenciais”, o analisando deve

⁴⁸ Neste capítulo, enfrentaremos a vinculação da palavra do analista à autoridade, com o foco nos *sentidos* que se produzem no entrechoque com a consciência do analisando. Não observaremos a hierarquia efetiva de papéis no contexto da *atividade concreta* de tratamento. Na efetividade da atividade, como mostram os trabalhos em Clínica da Atividade, o manutenção de papéis discursivos distintos, mais ou menos hierárquicos, é próprio da estruturação de uma consulta clínica (MOURA-VIEIRA, 2002).

seguir a regra de ouro da análise – a livre associação –, enquanto o analista “tem de adivinhar, ou melhor, *construir* o que foi esquecido, com base nos indícios deixados” (FREUD, 2018b, p. 330, grifo do autor). Freud (2018b) indica que a construção é análoga à interpretação em sua natureza, mas distinta em seu propósito: enquanto a interpretação enfoca aspectos pontuais do discurso do analisando, como lapsos, atos falhos e sonhos, a construção se atém à totalidade do discurso e aos rastros inconscientes do passado esquecido nele deixado.

Então, Freud (2018b) lança mão de uma comparação para explicitar o propósito da construção. Por um lado, ao construir, o analista atua de forma semelhante a um arqueólogo, lidando com resquícios, escombros, partes soterradas de uma obra antiga, abalada pelo tempo. Por outro lado, diferentemente dos escombros da matéria inanimada, o psiquismo é matéria viva: “Tudo de essencial está preservado, até mesmo o que parece inteiramente esquecido se acha presente em algum lugar e de algum modo, apenas soterrado, tornado indisponível pela pessoa” (FREUD, 2018b, p. 332). Segundo Celes (2005b, p. 39), a construção opera com indícios discursivos de conteúdos psíquicos esquecidos⁴⁹, visando restituí-los de maneira coligida ao analisando, como um “fragmento composto”. O excerto seguinte elucida o funcionamento das construções na análise:

O analista conclui um pedaço de construção e o transmite ao analisando, para que tenha algum efeito sobre ele; em seguida, constrói mais um pedaço, a partir do novo material que flui, age da mesma forma com esse, e prossegue nessa alternância até o fim. [...] Trata-se de uma construção, porém, quando apresentamos ao analisando um pedaço de sua pré-história esquecida, mais ou menos da seguinte forma: ‘Até o seu *n* ano de vida, você se considerou o possuidor único e irrestrito de sua mãe, mas então apareceu outro filho e, com ele, uma grave decepção. Sua mãe o abandonou por um tempo, e depois também não se dedicou mais exclusivamente a você. Seus sentimentos para com ela se tornaram ambivalentes, seu pai adquiriu um novo significado para você’, e assim por diante (FREUD, 2018b, pp. 332-333).

Desse excerto, depreendemos que a construção é uma “interpretação ampliada” do analista, visto se atém ao todo do material erigido em livre-associação e, a partir dele, busca

⁴⁹ O “esquecimento” do passado a que se atém as construções do analista é distinto do esquecimento fruto do recalque, a que nos referimos nos capítulos anteriores. Como nota Garcia-Roza (2020, p. 159), Freud distingue os termos “recalcamento originário” (*Urverdrängung*) e “recalcamento propriamente dito” (*Nachdrängen*), fazendo uso do primeiro termo ao se referir a certas “experiências cuja significação inexistem para o sujeito”, as quais “são inscritas no inconsciente e têm seu acesso à consciência vedado a partir de então”. São experiências anteriores à aquisição da linguagem que se recalcam antes da divisão entre Consciente – Pré-Consciente – Inconsciente, mas que servem de “polo de atração para o recalco propriamente dito” (GARCIA-ROZA, 2020, p. 159), funcionando como uma zona magnética que faz constante pressão em conjunto ao conteúdo propriamente recalco. A construção da imagem do passado nunca lembrado busca a “verdade histórica” do sujeito: a verdade do sujeito situado, cujos sintomas presentes se ligam a recalques presentes e também aos afetos associados ao recalco originário. Em nossa discussão, não iremos nos ater a esse importante detalhe, mas enfocaremos as dinâmicas objetivas de oposição da construção pelo analista e de reação-resposta à construção pelo analisando.

reconstruir uma cena, uma imagem plausível da história do analisando, relativas a um tempo de sua vida da qual ele não pode ou nada quer lembrar (CELES, 2005b, p. 39). Entretanto, uma vez que se trata de um tempo (re)construído através da palavra do analista, este poderia, de fato, ser entendido como “dono” da verdade psíquica alheia. Atento a essa crítica, Freud (2018b) afirma que a construção – assim como a interpretação – não é uma sugestão interpretativa que adquire poder terapêutico porque advém da do médico (aquele que, na e pela validação social de sua prática, detém o saber sobre o psiquismo alheio). Na verdade, nenhum movimento interpretativo na análise visa à persuasão-sugestão do analisando, mas visa a provocar um *efeito analítico*, a possibilitar o prosseguimento mesmo da análise, como lemos no excerto a seguir:

Apenas o prosseguimento da análise nos permitirá decidir sobre a exatidão ou a inutilidade de nossa construção. Oferecemos determinada construção como nada mais do que uma conjectura, que aguarda exame e confirmação ou rejeição. Não reivindicamos autoridade alguma para ela, não exigimos do paciente uma concordância imediata, não discutimos com ele quando a recusa inicialmente. Em suma, agimos segundo o modelo de uma conhecida personagem de Nestroy, o criado que tem uma só resposta para todas as perguntas e objeções: ‘*Tudo será esclarecido no decorrer dos acontecimentos*’ (FREUD, 2018b, pp. 338-339, grifo do autor).

Em todo caso, a construção proposta, conjecturada, pode soar “verdadeira” ao analisando. Nesses casos, “obtemos, se a análise foi corretamente conduzida, uma firme convicção da verdade da construção, que tem o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança reconquistada” (FREUD, 2018b, p. 340). Zimerman (1998) ajuda-nos a compreender a construção como *interpretação reconstrutora*, na qual “‘nexos históricos’ [fornecidos pela construção] entre lembrança e presente, antes dissociados e esquecidos, são propostos e/ou recuperados, oportunizando uma ‘continuidade existencial’, componente importante do senso de identidade” (ZIMERMAN, 1999, p. 386). Esses nexos, trazidos ao discurso, vão estruturando, em imagem e palavra, a memória reconstruída.

Em termos bakhtinianos, entendemos “construção” e “interpretação” a partir da acepção básica de que qualquer sentido é erigido no laço responsivo entre sujeitos. No capítulo anterior, prospectamos uma leitura da interpretação como *presença de escuta*, como sobretudo axiológico do analista que co-constrói o enunciado verbalizável do analisando. A construção poderia ser pensada como um movimento discursivo que estimula o alargamento do nível de alteridade do sujeito consigo mesmo, visto que, enquanto palavra alheia, a conjectura faz o analisando experimentar uma versão de si mesmo que só poderia ser pensada na relação analítica. Como co-construção e presença, a interpretação que constrói enceta, discursivamente, a experimentação de uma radical relação de alteridade consigo mesmo *a partir* da alteridade do

analista, como nota Augusto Ponzio (2020b, p. 227): no texto freudiano citado “se estabelece uma relação muito estreita entre identidade, memória, interpretação e construção, e tal conexão é considerada em termos de alteridade: alteridade interna do eu, alteridade externa na relação com o analista”.

Nesse alargamento da experiência de alteridade, a construção tem estreita relação com o convite da sessão de psicanálise a “tudo poder tentar falar”. Já que, como indica Garcia-Roza (2020), sentido e interpretação nascem juntos na experiência de análise, a construção alarga a possibilidade de enunciar conteúdos temáticos da ordem do *imaginado*, do *provável* e do *plausível*, os quais podem travar relações dialógicas com temas ancorados na situação real de vivência do analisando. Baseados em Hermann (2015), entendemos que o “deixar emergir” e o “tomar em consideração”, próprios da interpretação analítica, inscrevem sentidos *possíveis* ao campo do enunciado conjecturado pelo par. Assim, o analista traz ao campo dos sentidos objetiváveis um espaço seguro para a *criatividade* referente a um passado do qual não se pode ter certeza, convidando os conflitos psíquicos – inclusive o espaço do *não saber*, como indica Freud (2018b) – ao registro do experienciável.

Para dar prosseguimento a nosso raciocínio, precisamos destacar que o ato-enunciado responsivo e responsável não é alheio à imaginação e à criação. Como defende Bakhtin (2017a), o movimento abstrato do pensamento, sua relativa desencarnação, é também um ato ético:

O meu produzir abstração do meu lugar único, esta minha *suposta* desencarnação, é por si mesma um ato responsável, realizado do meu lugar único, e todo o conhecimento conteudístico assim obtido [...] deve ser encarnado por mim, traduzido por mim na língua do pensamento participativo (BAKHTIN, 2017a, p. 107).

No excerto em destaque, Bakhtin (2017a) reflete sobre as condições pelas quais a abstração teórica pode se tornar significativa no mundo da vida. A única condição pela qual o sujeito pode produtivamente produzir conhecimento no mundo teórico é sua inscrição no mundo da vida, sob a égide da interpenetração participativa de ambos os mundos. Logo, a “tradução” do mundo abstrato no mundo da vida, a transcrição da vida imaginada em imaginação vivida, é dádiva da alteridade, do encontro com o outro. A alteridade convoca o sujeito a responder a si mesmo e ao outro enquanto ser que imagina e teoriza desde sua posição singular, devendo nela reiterar, assumir-assinar o conteúdo imaginarizado enquanto convocação ética da vida vivida.

De acordo com a leitura de Augusto Ponzio (2020b) acerca da construção freudiana, não é tanto na esfera da teoria que se dá a imaginarização de si pelo olhar do outro, mas na da

experiência emocional. A relação transferencial, entendida por nós como a atmosfera axiológica assegurada pelo *setting* e engendrada pelas dinâmicas alteritárias e discursivas travadas pelo par analítico, é a condição para pensarmos a interpretação do analista como possibilidade de co-construção semântica. Para Ponzio (2020b, p. 228, grifos do autor), a transferência é a “disponibilidade para o outro”, disponibilidade de escuta responsiva, a qual “não pode ser simplesmente de ordem cognoscitiva, de tipo intelectual, ‘racional’; ela implica um *envolvimento emotivo*”. Entre analista e analisando, não operam relações lógicas, mas dialógicas, as quais são profundamente marcadas pela revelação de si no apelo ao outro, um processo marcado pelas emoções revividas, assim como pelas emoções outras que o gênero proporciona.

Em nosso caso, podemos pensar que a contrapalavra responsiva do analista, uma vez objetivada, convida o analisando a experimentar um conhecimento sobre si mesmo provisoriamente abstrato, até o momento de sua assunção-encarnação, o que se dá na palavra alheia. Como nota Augusto Ponzio (2020b, p. 228), a construção psicanalítica é um movimento instaurado numa “relação de leitura crítica, de elaboração inovativa, de plena compreensão respondente” que frutifica na contrapalavra mútua. Então, é de um lugar singular que o analista propõe, imagina, constrói sua interpretação, endereçando-a como pertinente ao centro de valores do outro, assim como é de um lugar singular que se responde ao ato imaginativo do analista, residindo nessa resposta o acolhimento ou não da lembrança construída. Alteridade e diálogo atuam, a todo momento, na possibilidade de interpretar e construir na análise:

Estabelece-se, portanto, a seguinte relação entre interpretação e construção, essa última diferenciada em construção da relação (dialógica) de alteridade interior e em relação (dialógica) de alteridade exterior: **a construção de uma relação com o outro exterior (o analista) é a condição da construção da relação com o outro interior**, por sua vez condição da interpretação e, portanto, da recuperação da história esquecida pelo analisando, ou seja, de uma relação renovada com o vivido pelo próprio corpo (PONZIO, A., 2020b, p. 229, grifos nossos).

Da citação de Augusto Ponzio (2020b), ressaltamos a construção como manifestação discursiva de relações de alteridade entre analista e analisando (cada qual sendo o “outro exterior”, o outro concreto reciprocamente referido na interação discursiva), assim como entre o analista, o analisando e seus “outros interiores” (o outro de si mesmo, de sua experiência histórica humana, da memória). Para que o analista construa, ele deve afinar-se com o fundo dialogante de sua história, deve reavivar sua experiência clínica e humana, tomando a si mesmo como outro enquanto condição de reconhecimento do analisando como outro. Este, por sua vez, experimenta a construção como objetivação da interpretação responsiva do analista,

compreendendo-a como linguagem outra a partir da qual poderá re-contemplar seu próprio passado. A *relação emotivo-volitiva* do par analítico objetivada no palco discursivo da construção torna-se, portanto, um elo entre interior e exterior, alargando os graus de intimidade com a alteridade constitutiva de ambos os participantes da cena analítica.

O fruto do encontro analítico é a cura enquanto coenunciação, e não a impostura; logo, a palavra do analista deve ser um aspecto dialogante da/na convicção interna do analisando. A construção, ao dialogar-se no palco analítico, trava relações dialógicas com a miríade de vozes e axiologias que compõem o centro de valores do analisando. Via dialogização, a palavra própria reage e se torce em face à palavra alheia, e nesse processo discursivo a construção pode vir a ser integrada aos motivos, aos valores e às vozes do discurso interior do analisando. Inspirados por Augusto Ponzio (2012a), poderíamos pensar em uma dia-lógica operante na formulação e na resposta às construções na análise, visto que a concretude discursiva daquilo que é verbalizado por analista e analisando implica disponibilidade ao e envolvimento com o outro, algo que só pode se desenvolver numa relação semântica mais horizontal do que vertical. Mesmo com as hierarquias de papéis na atividade psicanalítica, o encontro gerador de sentidos prevê a horizontalidade das posições subjetivas dialogantes no esforço conjunto de dar contornos concretos ao projeto discursivo de cura.

No caso psicanalítico, não podemos falar em autoridade sobre a construção caso a pensemos em termos bakhtinianos. Freud (2018b) frisa que, se o analista detivesse autoridade sobre a interpretação, sua palavra seria mais sugestiva do que propriamente analítica. Em outra oportunidade, Freud (2018a, p. 233) argumenta que qualquer comunicação interpretativa deve pressupor tempo e vínculo analítico, imprescindíveis para que a fala do analista seja uma catapulta a um processo já em andamento na psique do analisando: “Em regra, adiamos a comunicação de uma construção, o esclarecimento, até que ele mesmo [o analisando] tenha se aproximado dela a ponto de lhe faltar apenas um passo, que é, no entanto, a síntese decisiva”. A construção pode ser compreendida, então, como fruto de um trabalho conjunto, fundada na natureza horizontal da relação dialógica travada entre o par analítico, desenvolvida em situações cronotópicas específicas, nas e pelas quais a palavra do analista matura, subsidia e ampara uma formulação conjectural que pode ser assumida pelo analisando como própria, ou não.

Compreendemos que o peso aferido por Volóchinov (2017) à hierarquia de vozes na sessão de psicanálise prenuncie a visão de língua enquanto corporeidade socialmente estratificada (ZANDWAIS, 2013), objetivada segundo as necessidades materiais das classes sociais, conforme lemos em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Não se vive fora da linguagem e do discurso, assim como não se vive fora do “cruzamento de interesses sociais

multidirecionados no limite de uma coletividade sógnica, isto é, a *luta de classes*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112). Ponto de vista semelhante é assumido por Bakhtin (2015) ao observar a estratificação das linguagens sociotípicas no heterodiscurso. Bakhtin (2015), entretanto, diferencia estratificação social de vinculação do discurso à autoridade, ponto de vista mais propício à discussão que aqui se desenrola.

Como lemos em *O discurso no romance*, há duas grandes distintas naturezas de contato entre discurso alheio e consciência subjetiva. Há movimentos de resposta ora às palavras de autoridade, ora às palavras internamente persuasivas⁵⁰. O discurso autoritário prescinde do eco internamente persuasivo da consciência que a ele responde, produzindo sentidos análogos a uma verdade já dada e incontestável. Conforme defende Bakhtin (2015, p. 138), a palavra autoritária “penetra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, precisa ser integralmente confirmado ou integralmente refutado” (BAKHTIN, 2015, p. 138). Por isso, no contato com a consciência respondente, o discurso autoritário permanece como palavra do outro, destacada das alterações que as palavras próprias possam nele querer produzir.

Já o discurso internamente persuasivo é “metade meu, metade do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 140), encontrando produtividade e fortalecimento na interpenetração entre palavra própria e palavra do outro. A persuasibilidade interna das verdades, sejam elas mais situadas (*pravda*) ou mais universais (*istina*), prevê tal entrechoque. A palavra internamente persuasiva torna-se minha *porque* posso, nela e com ela, responder ao outro. Por isso, a natureza de sua estrutura semântica é a da abertura ao inacabamento, fruto do diálogo inconcluso e inesgotável. Em teor internamente persuasivo, o discurso do outro se imiscui ao discurso autoral, despertando “o pensamento independente e uma nova palavra independente” (BAKHTIN, 2015, p. 140).

Por essa razão, Bakhtin (2015) defende que a consciência encontra espaço para desenvolver-se em maior liberdade e plenitude quando prenhe de palavras internamente persuasivas, visto que essas palavras são mais convidativas ao diálogo. Inclusive, é nessa possibilidade de responder à autoridade que uma palavra autoritária pode vir a se tornar internamente persuasiva: o eco da palavra do outro em minha consciência pode vir a destronar a vinculação do discurso ao autoritarismo, num movimento de horizontalização do que se quer vertical, incisivo, sério. Seja no contato com a palavra autoritária ou com a internamente

⁵⁰ Bakhtin (2015) afirma que as fronteiras entre essas tonalidades da palavra alheia são tênues, podendo haver um discurso ao mesmo tempo autoritário e internamente persuasivo. Porém, “tal unificação raramente é um dado, o processo ideológico de formação costuma caracterizar-se exatamente por uma acentuada divergência entre essas categorias” (BAKHTIN, 2015, p. 136). Nesse sentido, enfatizaremos a distinção entre esses matizes.

persuasiva, o sujeito é ativo e responsivo; entretanto, a palavra matizada com a persuasibilidade interna enriquece-se no encontro, enquanto a autoritária, não: deve ser reproduzida fielmente, até que possamos alterá-la com os ecos autorais da compreensão respondente, criativa.

Nesse sentido, a natureza semântica da construção não é alinhada à autoridade; pelo contrário, visa a criar condições de persuasibilidade interna do analisando, visando à experiência de apropriação autoral dessa interpretação. Como afirma Bakhtin (2016a, p. 54), nosso discurso “é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância”. As palavras dos outros por nós apropriadas trazem com elas o tom valorativo do outro, o qual é assimilado, reelaborado e reacentuado no processo dialógico (BAKHTIN, 2016a, p. 54). Então, a construção não só pretende ser assimilada de maneira internamente persuasiva, mas também – e, primordialmente – se quer reelaborada e reacentuada: assumida como própria.

De acordo com Celes (2005b, p. 42), o que está em jogo na construção não é nem a “palavra interpretativa final” do analisando, nem a constatável veracidade ou a falsidade da conjectura: “o que se pergunta, a partir de cada construção, é se a análise continua, ou seja, indaga-se pelo *efeito* que a construção exerce sobre o analisando”. Para nós, o efeito da análise acena ao efeito da verdade situada. Por isso, Silva (2011, p. 88) argumenta que “mais além de sua função interpretativa, o psicanalista é um provocador”. Sua função primordial é criar meios para fazer falar ao analisando, estando a construção a serviço do fazer falar e fazer ouvir. O analista provoca a continuidade do diálogo, a continuidade da formação de verdades da relação. Como pensa Freud (2018b), somente o decorrer dos acontecimentos poderá dizer se a construção tornar-se-á convicção interna do analisando: em relação a isso, o analista não detém o menor controle.

Entendemos que o *efeito* de uma construção é provocar condições outras, renovadas, diferentes para o conhecimento de si através do outro. No diálogo travado entre o par analítico, o sentido não se quer unívoco, transmitido de um para outro, mas se “desbloqueia” de qualquer unidirecionalidade na relação de alteridade instaurada: “a interpretação analítica é tornada possível pela construção de uma relação de alteridade que desbloqueia emotivamente a univocidade do sentido e, portanto, [desconstrói] a identidade dada do eu, abrindo-a a novas e mais amplas possibilidades de reescritura” (PONZIO, A., 2020b, p. 229). Em nosso entender, a construção opera para manter o diálogo vivo e para, criativa e autoralmente, convidar o analisando a reacentuar tons axiológicos a uma vivência passada que possa vir a ser lembrada a despeito de nossos esquecimentos.

Em termos bakhtinianos, compreendemos que a “autoridade” do analista é técnica: ele sabe como conduzir profissionalmente a análise, compreende e atualiza os elementos repetíveis de seu ofício, explicando ao analisante qual papel deverá ser cumprido no “pacto” entre eles selado. Porém, nada pode fazer para persuadir seu analisando sem, com isso, ir contra a própria técnica. A palavra do analista pode vir a possuir certa “autoridade positiva” para o analisando, tendo em vista a valorização do outro como bom profissional, como presença agradável etc. Entretanto, já nesse caso a pessoa do outro é olhada pelo analisando com os olhos amorosos de quem a ele responde, livremente, a ele se afeiçoando. É a persuasão interna do analisando que ressoa na simpatia ao analista, e não a autoridade do segundo.

Então, devemos pensar a natureza do sentido que engendra a “palavra que (me) cura”; para isso, fazemos menção mais uma vez à relação entre *pravda* e *istina* tensionadas em face ao *dever ser*. Ricoeur (2010) ajuda-nos a pensar verdade e sentido na psicanálise via enunciado ao indicar que pouco importa a *factualidade* ou a *veridicidade externa* de um dizer endereçado ao analista: o próprio dizer traz, em seu vir a ser, uma verdade que pode ser *relatada* no momento mesmo de tal relato. Segundo o autor,

[...] os fatos em psicanálise não são de modo algum fatos de comportamento observáveis. São ‘relatórios’ (*reports*). Só conhecemos os sonhos contados ao despertar; os próprios sintomas, ainda que parcialmente observáveis, somente entram no campo de análise em relação a outros fatores verbalizados no ‘relatório’. É essa restrição seletiva que obriga a situar os fatos da psicanálise numa esfera de motivação [contingência] e de significação (RICOEUR, 2010, pp. 19-20).

Em relação à citação em destaque, Ricoeur (2010) menciona “comportamento observável” contrapondo-se a um critério de verdade e de factualidade positivista, recorrente em ciências exatas e experimentais. Em psicanálise – disciplina concebida por ele como hermenêutica – há um jogo de sentidos que toma validade *no momento da narração*, da objetivação. O excerto de Ricoeur (2010) parece ir ao encontro de nosso debate, visto que é a avaliação do sujeito sobre seu relato que desponta, expressivamente, como valor de verdade para a psicanálise. Com isso, temos bases para prospectar que a verdade engendada no enunciado do analisando precisa ser, antes de factual (*istina*, verdade universal), *pravda*: alinhada ao *dever ser* do sujeito que enuncia, que engendra com o outro uma verdade situacional que não recusa as verdades universais, mas que as reatualiza expressivamente no encontro alteritário.

Segundo Bakhtin (2017), o que faz o pensamento encarnar-se é o *dever ser*, ou, quanto ao ato-pensamento, a necessidade de pensar:

[...] o dever é justamente uma categoria do ato individual; ainda mais do que isso, é a categoria da própria individualidade, da singularidade do ato, de sua insubstituibilidade e não intercambialidade, do seu caráter, para quem o executa, da necessidade [*nuditel'nost*] e da não derogabilidade, de seu caráter histórico (BAKHTIN, 2017a, p. 76).

É a partir da palavra russa *nuditel'nost* que Amorim (2014) explica a interpenetração das verdades *pravda* e *istina* na assinatura do ato como próprio. Observando a tradução francesa *nécessitance*, a autora propõe o termo “necessitância” para designar o *dever pensar* ou o *dever aderir* a um pensamento: “A *necessitância* de um pensamento é o que me diz que eu devo pensá-lo e que não posso não pensá-lo” (AMORIM, 2014, p. 128). Pela *necessitância* singular do sujeito, relacionada à história de sua constituição, às vozes sociais que compõem sua consciência e a seu centro de valores, ele atualiza verdades gerais em contextos singulares de pensamento e atuação, assim como encarna conteúdos abstratos em conhecimento.

Poderíamos pensar, então, que as construções na análise são conjecturadas num espaço intersubjetivo atento à necessitância (*nudtel'nost*) do analisando em pensar certas coisas e não outras. Entendemos que a interpretação do analista – a construção inclusa – intenciona captar, traduzir em palavras e propor um novo olhar ao passado do analisando, levando em conta os aspectos mais representativos da subjetividade que se revela a sua frente. O material que ampara a construção é um todo enunciativo compósito e fragmentário, que deixa rastros discursivos que refletem e refratam a maneira pela qual o sujeito se relaciona axiologicamente com seu próprio passado e com seus outros. Os indícios desse discurso coligem-se numa construção. Reside na necessitância do analisando aceitar tal construção como própria ou não – assim como a interpretação do analista tem o potencial de modificar aspectos que compõem a necessitância de agir-pensar constitutiva do analisando.

Nesse processo, o analista aparece também refrangido na possível re-integração narrativa do passado do analisando: trata-se de uma *coenunciação dialogizada criativa*. Portanto, prospectamos que a criação de sentidos na análise via interpretação não é autoritária, como pensara Volóchinov (2017), mas alteritária: preservando-se os papéis de ambos – analisando e analista – na atividade psicanalítica, à fala do primeiro corresponde a interpretação do segundo, como defende Celes (2005b), de tal modo que o primeiro possa assimilar, reelaborar e reacentuar os sentidos outros que só o segundo poderia proporcionar, inclusive com o recurso à imaginarização. Parafraseando Freud (2018b), diríamos que verdade analítica entretecida na alteridade é tão potente, que a construção dela advinda pode ter o peso de uma lembrança reconquistada, de uma imaginação vivenciada.

Como ocorre, então, a reconquista da lembrança possível do próprio passado no entrechoque com as palavras do outro? Quais processos valorativos estão presentes na enunciação do passado? Volóchinov (2017) indica que movimentos de desvelamento e de ocultamento são típicos da dinâmica discursiva na sessão de psicanálise. Entre as palavras do eu e do outro, a palavra analítica promove um jogo de mostrar e esconder. Desperta-nos o interesse os movimentos de aproximação e de distanciamento entre eu e outro, comportados no interior do enunciado em coenunciação dialogizada criativa; sobre isso será nossa próxima seção.

4.2 REMEMORAÇÃO, EMPATIA E EXOTOPIA: PALAVRA DO ANALISTA COMO EXCEDENTE DE VISÃO

A noção freudiana de construção pede-nos um olhar mais atento ao processo de rememoração e autocontemplação, que, para Bakhtin e o Círculo, é sempre alteritário, além de sempre implicar certa distância produtiva e avaliativa entre eu do presente e eu rememorado. Nisso reside, inclusive, um dos aspectos de crítica ao método psicanalítico em *O freudismo*: “No passado, vemos apenas o que é essencial para o presente, para o momento em que recordamos do nosso passado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 81). Volóchinov (2017, p. 81) defende que o trabalho com a lembrança relatada enquanto método de tratamento faz revelar, nos enunciados, “o colorido valoral característico apenas do presente”, e não necessariamente do passado. Segundo o referido autor, isso diminuiria a validade metodológica e científica do *sentido* do sintoma, sendo ele fruto de uma verdade histórica em Freud, e não resultante da vivência rememorativa conjuntamente ao psicanalista.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, diz-se que a orientação dentro do discurso interior “é realmente inseparável da orientação dentro de uma situação social concreta da vivência” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 134). A partir desse apontamento, entendemos que a lembrança do passado é uma atividade que possui determinada função social, visto que nenhuma recordação é fortuita; ela tanto remonta dialogicamente a uma cena social e concreta do passado, quanto responde a uma necessidade presente de lembrar-se. Com isso, a verbalização da lembrança contempla, na materialidade do enunciado, indícios do tipo: para que(m), por que, quando, onde a necessidade de lembrança se instaura etc. No ato de lembrar, portanto, o passado é sempre reelaborado pelo ponto de vista tanto do presente, quanto da situação de interação discursiva animadora da lembrança.

Ademais, Volóchinov (2018, p. 133) defende que quando a auto-observação é verbalizada, ela “assimila e diferencia a vivência em direção ao relato psicológico preciso sobre ela”. Ou seja, a auto-observação verbalizada – ou em nosso caso, rememoração, lembrança – elabora o passado a ponto desse processo exercer efeito inverso na memória, estruturando-a, diferenciando-a. A expressão representa um “teste” ao mundo interior, ajustando-o às condições enunciativas de endereçamento ao outro (mesmo que seja a si mesmo).

Bakhtin (2017b), em *Por uma metodologia das ciências humanas*, valoriza a memória como um dos tópicos centrais da filosofia de sua época, registrando uma reflexão consentânea à de Volóchinov (2017; 2018). Nesse texto, a teorização sobre memória desenvolve-se *pari passu* com a teorização sobre o sentido – em seu estatuto dialógico e inesgotável – e sobre a alteridade – o encontro entre centros valorativos, mesmo nos limites do próprio eu. Por isso, a lembrança é um movimento inacabado, a ser “preenchido” no momento presente, com a ressonância dialógica do passado, assim como se orienta à “antecipação” do futuro, das possíveis respostas de um terceiro social que a interpreta (BAKHTIN, 2017b, p. 64). Para o autor, “percebemos e interpretamos o lembrado no contexto de um passado inacabado” que se presentifica na consciência à luz do contexto interpretante do sujeito – seus tons emotivo-volitivos, seu campo aperceptivo de percepção, sua situacionalidade histórica etc. – que está ligado ao fronteiro tempo de uma dada cultura, em que o evento de lembrar é apenas um elo histórico e inconcluso aos demais eventos humanos (BAKHTIN, 2017b, p. 64).

Logo, o enfoque à memória traz à cena os processos dialógicos constitutivos do *sentido*, que permitem, nas palavras do autor, a “transfiguração” de um passado semanticamente não-determinado: “Não se pode mudar o aspecto efetivamente *material* do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre)” (BAKHTIN, 2017b, p. 60). Em nosso entendimento, essa assertiva não opera na zona do relativismo, como se o passado pudesse ser modificado em face às demandas solipsistas do ensejo rememorativo imediato. Trata-se, antes, do comprometimento com o princípio da liberdade do sujeito (FARACO, 2009), que dialoga com seu passado via verdades *pravda*, situacionais, acerca de si mesmo. Sendo diálogo, a memória do passado liberta-se da coerção histórica, reiterando a materialidade vivida no re-enformamento, na revalorização, suscitando novos sentidos:

O sentido não quer (e não pode) mudar os fenômenos físicos, materiais e outros, não pode agir como força material. Aliás, ele nem precisa disso: ele mesmo é mais forte que qualquer força, muda o sentido total do acontecimento e da realidade sem lhes mudar uma vírgula na composição real (do ser); tudo continua como antes mas adquire

um sentido inteiramente distinto (a transfiguração do ser centrada no sentido) (BAKHTIN, 2017b, p. 71).

Sobre o processo de narrar a vida passada, Santos e Torga (2020), em diálogo com as reflexões desenvolvidas por Philippe Lejeune e Leonor Arfuch, dentre outros, reiteram o caráter dialógico da memória enunciada no “gênero autobiografia”, entendido como “escritas de si” ou “formas de narrativas do eu”. Segundo os autores, há um “eu que dá margem em sua voz presente às memórias que ressoam dialogicamente com o momento atual, sob a forma de *marcas enunciativa-dialógicas*” (SANTOS; TORGA, 2020, p. 134). Tais marcas enunciativas inscrevem o diálogo como categoria constitutiva da lembrança enunciada, visto que elas “são ressaltadas nos fios dialógicos da tapeçaria mnemônica”, constituindo-se “como refrações do passado mergulhadas inevitavelmente no olhar presente” (SANTOS; TORGA, 2020, p. 134). Na esteira desses apontamentos, tanto o diálogo, quanto a refração – incidentes no processo de rememoração – relacionam-se com as passagens de Volóchinov (2018) e Bakhtin (2017b) anteriormente destacadas.

O aspecto expressivo e falante do passado revela as relações dialógicas entre eu do presente e eu da memória, unidos responsivamente: “Aquilo que a nada responde se afigura sem sentido para nós, afastado do diálogo” (BAKHTIN, 2017c, p. 41). Sendo dialógicas, essas relações são personalistas, intercorpóreas (PONZIO, L., 2019): vivificam o passado, correlacionam-no ao presente, à consciência participativa e encarnada da lembrança situada. Vivificar os temas, as vozes heterodiscursivas, os *outros do/no eu* são, como vimos, aspectos relevantes da dialogização dessas vozes, temas e tons na sessão de psicanálise. Como poderíamos prospectar, então, o encontro entre o eu-analisando e o outro-analista na rematização dialogizada do passado com a função social de terapia? Observemos, primeiro, as possíveis contribuições bakhtinianas para o entendimento discursivo e alteritário desse processo.

Para Bakhtin (2011b), o processo de auto-contemplação é, assim como a memória, inacabável e inesgotável. Tal inacabamento é o privilégio da *distância criativa*, da exotopia constitutiva desse processo. O exemplo dado pelo autor é do campo estético. Para Bakhtin (2011b), uma tônica do enformamento estético é a não-coincidência entre autor-pessoa e autor-criador, assim como entre autor-criador e personagens, haja vista que tal não-coincidência é a prerrogativa do acabamento enunciativo e axiológico da visão artística: “A eficácia do acontecimento não está na fusão de todos em um todo mas na tensão da minha distância e da minha imiscibilidade, no uso do privilégio do meu lugar único fora dos outros indivíduos” (BAKHTIN, 2011b, p. 80).

Também, o autor dá-nos elementos para pensar todo e qualquer mecanismo de auto-objetivação, de expressão de si mesmo, como um processo de alteridade, seja na vida, seja na arte. Referindo-se ao sonho e ao pensamento ainda interiorizado, Bakhtin (2011b, p. 29) reflete sobre “as dificuldades éticas e estéticas da auto-objetivação”, chegando à seguinte conclusão: “A objetivação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força efetivamente real, de cujo interior eu poderia ver-me como outro”. Existe um certo “espaço” para que as relações dialógicas ocorram quando o sujeito se expressa: “Ao me objetivar (isto é, ao me colocar para fora de mim mesmo) ganho a possibilidade de uma relação autenticamente dialógica comigo mesmo” (BAKHTIN, 2016b, p. 98). Portanto, existe uma extralocalização exotópica, distanciada, do sujeito em relação a si mesmo para que, no processo de *dizer de si*, seja na vida, seja na arte, ocorra um enfrentamento ético (relação eu-para-mim) e estético (entendido, no discurso extra-estético, como avaliação do eu-para-mim).

Conseqüentemente, o enunciado enformado, resultante do processo de lembrança, dá um *acabamento relativo* ao passado. Esse acabamento é fruto do ato cognitivo, ético e estético-avaliativo resultante da experiência de perceber-se como outro. Realizado nos limites da distância privilegiada do eu consigo mesmo, o acabamento reveste tanto as palavras que posso empregar, quanto os sentidos, as verdades que sobre mim posso relatar, desde que eu me veja como outro (BAKHTIN, 2011b). Nesse processo, incidem contingências situacionais, de espaço-tempo de enunciação, as quais têm a ver tanto com a distância temporal e espacial em relação ao passado reelaborado, quanto com o propósito da lembrança – suas refrações sociais, como discutem Santos e Torga (2020).

Nesse mesmo ensaio, Bakhtin (2011b) traz importantes reflexões sobre espaço, tempo e sentido no processo de auto-observação. Para tanto, o filósofo russo discute a (auto)biografia. O movimento (auto)biográfico engendra uma forma de objetivação enunciativa *transgrediente*, extralocalizada em relação ao tempo presente da vida vivida, ou seja, afastada e englobante do passado: “Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida” (BAKHTIN, 2011b, p. 139). Segundo o pensador, também incide na (auto)biografia a alteridade: “Nem na biografia, nem na autobiografia o *eu-para-si* (a relação consigo mesmo) é elemento organizador da forma” (BAKHTIN, 2011b, p. 138). A (auto)biografia reorganiza “o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida”, sendo uma “forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida” (BAKHTIN, 2011b, p. 139). Então, olhar o passado é *re-conhecê-lo*, é com ele não coincidir, mas dele se conscientizar diferentemente no e pelo próprio movimento de a ele se debruçar. Sobre essas relações, Santos

e Torga (2020) argumentam sobre a importância da extralocalização na ressignificação do passado no “gênero autobiografia”. Na narrativa escrita, o autor deve:

distanciar-se do seu eu atual e mergulhar no espaço da memória para trazer à tona experiências vivenciadas, deixando que seu excedente de visão, dada a sua extraposição em relação a si mesmo, lhe permita reconstruir o já vivido sob um olhar ressignificado. Dessa forma, as experiências são transmitidas com tons diferentes, já que o eu que as revisita se encontra num estado de acabamento distinto daquele que as vivenciou (SANTOS; TORGA, 2020, p. 135).

Bakhtin (2019a) ainda indica que o dizer da própria vida é um movimento análogo à contemplação ao espelho, o qual não implica *mesmificação* ou *duplicação* da imagem observada, mas alteridade, mudança e renovação. Mesmo quando nos olhamos ao espelho, não vemos um duplo: “Dos meus olhos olham os olhos alheios” (BAKHTIN, 2019a). Isso porque na auto-observação atua a posição discursiva do “outro possível, que se infiltrou na nossa consciência e frequentemente dirige nossos atos, apreciações e visões de nós mesmos ao lado do nosso *eu-para-si*” (BAKHTIN, 2011b, p. 140). Esse “outro possível” são os “narradores possíveis” de si mesmo: os enunciados concretos circundantes na cultura, com os quais o sujeito se deparou em sua vida, como, por exemplo, a voz cuidadora, que me batiza; a voz política, que circunda a estratificação da sociedade; a voz do outro significativo, que me ama etc. Normalmente, na lembrança, a voz do outro possível contorna o dizer sobre o passado⁵¹.

De acordo com Augusto Ponzio (2020b), a rememoração implica o enfrentamento à alteridade material da memória (o outro que encontramos em nosso passado pela voz dos outros), assim como a possibilita conhecer-se diferentemente pelos narradores outros de nossa vida: “*O recordar vem dos outros. É a relação com outros que abre à relação do sujeito com o fora do mundo e com a alteridade de seu corpo, da qual ao sujeito vem a recordação*” (PONZIO, A., 2020b, p. 231, grifo do autor), sendo o *corpo*, a *presença* frontal com o outro uma das facetas da intercorporeidade dialógica (PONZIO, L., 2019). O efeito do diálogo com o outro é o efeito da (re)criação da memória possível, encarnada na história de nossas vidas e de nossos corpos.

⁵¹ No sentido dessa discussão, observando o gênero literário autobiografia e o si-próprio como destinatário, em diálogo com Beatriz Sarlo e Leonor Arfuch, Santos e Torga (2020, p. 136) referem um processo de reconhecimento alteritário de si, designado pelo termo “*eu-outro-de-mim-mesmo*”: “No caso de uma enunciação em que eu tomo a mim mesmo como destinatário de meu enunciado, constrói-se uma referência do eu para consigo mesmo, uma orientação *eu-outro-de-mim-mesmo*”. Neste caso, a “narração de si” subentende “um diálogo entre o sujeito que enuncia com seu eu-*alter* através do curso mnemônico” (SANTOS; TORGA, 2020, p. 138).

Esses apontamentos parecem corroborar o papel do analista como outro concreto que, com sua presença de escuta – inclusive presença corpórea –, é mais uma voz que encorpa a coenunciação de um passado rememorado com o respaldo das vozes heterodiscursivas. A linguagem do analista é a linguagem que convida à alteridade; é a orquestração, pela técnica analítica, das vozes possíveis de encarnar uma rememoração outra da história do analisando. No diálogo instaurado no gênero sessão de psicanálise, o analista vai iluminando ao analisando narradores possíveis com os quais pode ele lembrar o passado e, eventualmente, assumi-lo como próprio.

Se a sessão de análise é um evento sociológico e discursivo situado, então o analista é um outro concreto que vincula o processo de lembrar a um tempo, a um espaço e a um propósito de gênero (terapia). A palavra outra emergente do gênero traz marcas temporais, espaciais e axiológicas que se entrecrocavam entre a palavra do analisando e a palavra do analista, capaz de imaginarizar tempos outros e propô-los na construção. Há um tempo da recordação que se dialogiza com o tempo da sessão de psicanálise, remetendo à interpenetração de esferas e cronotopias a que nos referimos. Esse tempo, instaurado discursivamente nos e pelos enunciados trocados, é responsável por *reavivar* o passado enquanto relato de envolvimento com outros, para o outro concreto: “O sujeito a quem acontece o recordar não é o *sujeito só*, mas o sujeito *em relação aos outros*” (PONZIO, A., 2020b, p. 279, grifo do autor).

A compreensão responsiva do tempo rememorado pelo analisando só se dá, para o analista, na distância, a qual torna eficaz e produtiva a contemplação responsável da subjetividade que se revela livremente, a ponto de a ela propor algo fora de seu alcance afetivo (resistência), verbal (palavra em elaboração) ou cognitivo (esquecimento) no momento da enunciação. Em reforço às nossas análises, registramos um trecho de *Análise terminável e interminável*, texto de 1937, em que Freud (2018c) notabiliza um sucesso maior da análise quando há uma distância temporal nutrida pelo paciente em relação ao sintoma relatado, visto que, assim, pode-se ter maior espaço para elaborá-lo:

O trabalho analítico procede da melhor maneira quando as vivências patogênicas são do passado, de forma que o Eu pôde ganhar distância delas. Em estado de crise aguda, a análise é praticamente inutilizável. Todo o interesse do Eu é solicitado pela realidade dolorosa e ele se esquiva à análise, que pretende ir além dessa superfície e desvendar as influências do passado (FREUD, 2018c, pp. 296-297).

Em nosso olhar, a citação destacada revela uma provável relação orgânica entre análise, distância-extralocalização e sentido. Existiria uma necessidade de distanciamento em relação ao sintoma para que, no processo de análise, este pudesse ser elaborado, dialogizado e, então,

enformado. No momento presente do conflito, o analisando facilmente se identificaria com sua queixa, coincidiria empaticamente com sua condição – não a percebendo como outra – e, então, não conseguiria fazê-la expressar-se e falar *com* o presente e *com* o analista. Elaborar o passado é tomá-lo como outro, encorpá-lo enunciativamente como “adversário digno” a que na análise, como esforço conjunto, será possível tecer contornos verbais. Como, então, a distância temporal incidiria na dinâmica das construções em análise?

Podemos encontrar caminhos a essa pergunta enfocando a relação entre a palavra do analista e a inscrição dos indícios discursivos do analisando em um tempo outro. Para Celes (2005b), a construção *temporaliza* o conteúdo emergente na livre-associação. Nesse sentido, a escuta analítica tem “a função de crítica do discurso do analisando, tomando-o como fala – fala que diz o infantil, que fala o esquecido” (CELES, 2005b, p. 41). Consentânea a essa ideia, Grippi (2012, p.100) entende que a construção “é o ato de pontuar a história que está sendo lembrada”, asseverando aquilo que já vem sendo trazido pelo analisando no processo de análise. Segundo Silva (2011, p. 72), a temporalização contida na construção é uma “tentativa de integralização da ordem simbólica do indivíduo”. Assim, a construção complementa o discurso do analisando, “delineando a contextualização histórica dos fatos e marcando, sobremaneira, a inscrição do tempo na subjetividade do indivíduo” (SILVA, 2011, p. 89).

Como sabemos, a dimensão temporal e espacial do enunciado é de extremo relevo às análises bakhtinianas. Para Bakhtin (2018b, p. 12), o conceito de cronotopo refere à interligação essencial entre espaço, tempo e axiologia na produção de sentidos e enunciados, podendo-se dizer que “o gênero e as modalidades de gênero são determinados justamente pelo cronotopo”. Ao analisar a literatura, o autor indica que diferentes cronotopos “podem incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontrar-se em inter-relações mais complexas” (BAKHTIN, 2018b), num processo dialógico. Também, Bakhtin (2018b, p. 236) traça relações orgânicas entre a experiência discursiva e semântica dos sujeitos e a relação espaçotemporal, defendendo que “qualquer entrada no campo dos sentidos só se concretiza pela porta dos cronotopos”.

O gênero discursivo sessão de psicanálise pode ser entendido como uma atividade, situada no tempo e no espaço, cuja cronotopia propicia a tensão de tempos e espaços constitutivos da vivência passada do analisando. Há um entrechoque dialógico de cronotopos que opera na dialogização da vivência, sendo que tal entrechoque relaciona-se intimamente com os tons emotivo-volitivos do analisando – os quais, porque encarnados, reenviam o passado ao espaço tempo de sua assunção presente. Então, o cronotopo da lembrança reatualizada na sessão de psicanálise funciona como mais um elemento concreto do tratamento. Esse espaço co-

construído no pequeno acontecimento social psicanalítico opera, discursivamente, como um ponto de referência em relação ao qual é possível “ir e vir”: tratar do passado e presentificar, ponderar sobre o futuro e retornar... E, com isso, o dizer de si vai se elaborando agora com os recursos do tempo e do espaço, os quais são essenciais ao sentido.

Para Ricoeur (2010), o decurso de tempo referente à história de uma vida é um fator essencial para a elaboração de uma narrativa inteligível de si mesmo. O tempo é caracterizado “pela integração, pela culminação e pelo encerramento, graças ao qual a história recebe uma configuração” (RICOEUR, 2010, p. 199). O autor inscreve uma função narrativa na terapêutica freudiana, argumentando que a psicanálise “ocupa-se com começos, desenvolvimentos e, portanto, com uma dimensão temporal” (RICOEUR, 2010, p. 219). Então, para o filósofo, a narrativa ocupa função privilegiada tanto na constituição da doença, quanto na perspectiva de cura:

Na constituição da doença porque o que chamamos de ‘dessimbolização’ é também uma ‘desnarrativização’, isto é, o paciente não é capaz de constituir uma narrativa inteligível e aceitável de sua própria vida. Os sintomas aparecem como fragmentos, migalhas de narrativas não coordenadas numa narrativa coerente (RICOEUR, 2010, p. 218).

Não se pode dizer que toda a finalidade da cura é ajudar o paciente a construir a narrativa, a história de sua vida, com o caráter de inteligibilidade e de aceitabilidade que falta a essas migalhas de narrativa inconsistentes e insuportáveis que o paciente traz? (RICOEUR, 2010, p. 220, grifos nossos).

Como assinala Ricoeur (2010), a narrativa construída na análise deve ser “aceitável” e “inteligível”. A aceitabilidade, a nosso ver, não implica a inscrição dessa narrativa na ideologia oficial do discurso (VOLÓCHINOV, 2017), como se fosse preciso enformá-lo ao olhar crítico dos grupos que detêm a autoridade sobre os sentidos. Por nossa parte, entendemos o “aceitável” e o “inteligível” de uma narrativa coconstruída, coenunciada criativamente como *aceitável-e-inteligível para mim* em resposta ao analista; ou seja, um sentido objetivado em material semiótico compartilhado que cumpre função terapêutica justamente na consonância com a assunção interna do sujeito e dos outros que o constituem.

Para o convencimento interno do analisando – o que, em última instância, é *assunção interna* da palavra analítica, entretecida nas condições cronotópicas, ideológicas e axiológicas do gênero sessão de psicanálise – a narrativa construída deve tecer estreitas relações dialógicas com a necessitância (*nudtel’nost’*) que obriga o sujeito a dever pensar de uma determinada forma e não de outra. O enunciado concreto na psicanálise, então, é palco de uma tensão de valores, tempos e espaços que são coenunciados discursivamente no processo de elaboração/

dialogização do passado, ancorada numa verdade situada. A coenunciação dessa verdade analítica forja uma complexa atmosfera axiológica, discursiva e ideológica que abarca movimentos de aproximação e de distanciamento entre analista e analisando, assim como entre analisando e sua história relatada. Vejamos como Bakhtin pode contribuir a essa discussão ao contemplar os movimentos empático-exotópicos.

Segundo Bakhtin (2011b), os movimentos de empatia e de exotopia se interpenetram no acontecimento do encontro alteritário. Dando um passo em direção ao outro (*postupok*), o sujeito entra em empatia com o outro, dele se compenetra provisoriamente, experienciando a vida do outro nos tons emotivos do outro. Em seguida, retorna ao seu centro de valores, experienciando ética, cognitiva e valorativamente o conhecimento gerado no encontro com o outro. Esse conhecimento é o excedente de visão lançado ao outro: aquilo que em relação ao outro somente eu posso ver de meu lugar singular, minha *dádiva* ao outro (AMORIM, 2020). Na citação a seguir, observamos um pouco melhor a descrição dos movimentos empático-exotópico, embricados na possibilidade de conhecer o outro sem nele se perder. O exemplo dado é de um escritor que se aproxima da realidade de um sofredor, para, em seguida, dar-lhe enformamento estético:

O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia [o personagem, o outro a ser enformado], colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele [...] de qualquer modo a compenetração deve ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofredor, e só deste lugar o material da compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos ou estéticos; se não houvesse esse retorno, ocorreria o fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio como meu próprio sofrimento, da contaminação pelo sofrimento alheio, e só. [...] Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do *outro*, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. Relacionar ao outro o vivenciado é condição obrigatória de uma compenetração eficaz e do conhecimento tanto ético como estético (BAKHTIN, 2011b, pp. 24-25, grifo do autor).

Compreendemos que a relação por nós traçada deva evidenciar a distinção entre as esferas de reflexão travadas por Bakhtin (2011b) e por Freud (2018a). O primeiro reflete sobre enformamento estético; o segundo, sobre a distância necessária à análise de um sofrimento psíquico, fora da esfera estética. Entretanto, entendemos que o movimento empático-exotópico exista também na esfera cotidiana (não-literária/artística), assim como compreendemos que a atividade estética enformadora possa se relacionar com a atividade axiológica, valorativa, que integra o discurso cotidiano como um dos elementos de enformamento enunciativo. Então, no entrechoque entra a palavra do analisando e a palavra do analista, há a formação de uma verdade

situada em construção a partir de movimentos de empatia e de exotopia. Deve haver uma distância entre o analisando e sua vivência; nesse entre-lugar, o analisando se compenetra dos valores axiológicos da vivência passada, volta ao presente e a relata ao analista. Caso muito aproximado de suas dores, gritaria junto a elas e não conseguiria nem enformá-las enunciativamente. O analista também não pode se fundir às dores do analisando; deve compenetrar-se das axiologias encarnadas em sua narrativa, mas retornar a seu centro de valores para então compreendê-las ética e cognitivamente e propor uma construção.

Ao pensarmos a construção numa perspectiva bakhtiniana, diríamos que esta representa o *excedente de visão* do analista em relação ao analisando. O excedente de minha visão em relação ao outro, de acordo com Bakhtin,

[...] condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se (BAKHTIN, 2011 b. pp. 22-23).

O que implica compreender a construção-interpretação do analista como o excedente de visão? Implica ressaltar a relação entre distância, tempo e valoração no entrechoque entre palavra do analista e do analisando. É da posição distanciada que o analisando pode lançar um olhar extralocalizado, exotópico, em relação ao seu outro, contemplando-o em seus elementos espaciais e temporais e encarnando-o enunciativamente, em associação livre, direcionada ao analista. O analista, em posição extralocalizada em relação ao analisando, contempla o todo do material discursivo, capta os indícios espaciais e temporais desconexos e propõe partes outras de uma narrativa inteligível, integrativa dos tempos em tensão – passado e futuro. O papel do analista é prestar uma contrapalavra interpretativa *relativamente* acabada, a fim de suscitar novas reações responsivas pelo analisando. De acordo com essas reações, condicionadas à necessitância que impregna o centro axiológico de seu ser, o analisando toma como próprio tal acabamento relativo ou não.

Tentaremos, com isso, sistematizar as reflexões desta seção acerca dos processos que incidem na rememoração e que contribuem para pensar os caminhos que levam à tessitura da “palavra que (me) cura” no gênero sessão de psicanálise. Ao falar sua história ao analista, o analisando fala e ouve-se falar (CELES, 2005b). Nisso, já há a alteridade constitutiva de enformar-se enunciativamente e ouvir-se enformar a si mesmo, no endereçamento ao outro. Logo, centros axiológicos singulares se entrechocam na autocontemplação e na contemplação do outro, que, na arquitetura do gênero, possibilitam ao analista construir-interpretar, a partir

de sua posição extralocalizada, gerando um excedente de visão em relação ao analisando.

Nesse processo, tempos e espaços se tensionam no interior dos enunciados concretos. O analisando-para-o-analista é convidado a rememorar, a tomar-se como outro, a nutrir uma posição extralocalizada em relação a si mesmo e, dela, lançar o excedente de visão possível à vivência. Então, o analisando a relata, trazendo os tons emotivo-volitivos, os espaços e os tempos constitutivos das lembranças. No circuito de responsabilidade do gênero, o analista-para-o-analisando lança seu excedente de visão, construindo um tempo e um espaço em seu enunciado, o que contribui para que o analisando se perceba pelos tons valorativos do outro, marcados pelo tempo e pelo espaço da sessão de psicanálise. Enquanto interpretação ampliada, a construção encarna em enunciado um tempo e um espaço do qual o analisando não consegue, não pode ou não quer se lembrar, mas que podem vir a se tornar internamente persuasivos ao sujeito que busca a cura.

A inscrição da vivência na atividade social de terapia estrutura enunciativamente a passagem do discurso interior em exterior, definindo e organizando-a pela influência inversa da expressão. O analisando entra em empatia com o analista, experimenta o ambiente seguro – *setting* e transferência – para narrar sua história. Em todos os momentos, o componente objetivo da interação discursiva parece ser determinante da cura. Somente na concretude dos sentidos forjados em diálogo podem as palavras do analisa e do analisando se entrecrocarem *fora* da consciência individual de ambos e *dentro* do espaço-entre (ZYGOURIS, 2011). A escuta e a interpretação do analista são movimentos discursivos que dão ao analisando a estruturação ideológica, enunciativa e axiológica pela qual este pode retomar, reelaborar e reacentuar sua história. Então, podemos compreender o tratamento psicanalítico como um empreendimento de reencontro de si no e pelo entrechoque entre as palavras minhas e as palavras do outro.

O processo debatido por nós foi feito tal como colocássemos uma lupa nos processos alteritários e discursivos encarnados nos enunciados trocados entre analista e analisando. Precisamos, agora, como recomenda Volóchinov (2018) em suas orientações metodológicas, lançar mais uma vez um olhar global à interação discursiva, visando prospectar um processo macro que engendre a assunção das experiências vividas no entrechoque entre palavras minhas e palavras do outro. Este é o empreendimento de nossa próxima seção.

4.3 ALTERIDADE, DIÁLOGO E TERAPIA: “PALAVRA QUE (ME) CURA” E INCONCLUSIVIDADE

Seguindo a metodologia de Volóchinov (2018), lançamos, no capítulo anterior, um olhar global à interação discursiva no gênero sessão de psicanálise, que pôde ser prospectada a partir da leitura dos textos freudianos. A seguir, voltaremos a lançar um olhar global ao processo terapêutico, visando a apontar, ainda que modestamente, condições discursivas englobantes para a assunção da palavra psicanalítica como transformadora pelo sujeito, cujo projeto discursivo é a cura. Para isso, iremos focar as ressonâncias dialógicas promovidas no entrechoque entre a palavra do analista e a palavra do analisando.

Em *Análise terminável e interminável*, Freud (2018c) reflete acerca da distinção entre o conhecimento comunicado pelo analista e o saber do analisando. A essa diferença corresponde a distância entre a palavra interpretativa e construtiva do analista e a convicção interna do analisando – a qual não pode ser explicada em termos racionais, mas afetivo-vivenciais. O autor ressalta que *ouvir* determinada interpretação em um momento inoportuno, ou cujo conteúdo não se relacione com a real condição do analisando, não desperta, necessariamente, efeitos analíticos. Na citação seguinte, há um exemplo dessa dinâmica:

Falamos ao paciente sobre a possibilidade de outros conflitos instintuais e despertamos nele a expectativa de que tais coisas também possam lhe ocorrer. Esperamos que essa comunicação e advertência terão a consequência de ativar nele um dos conflitos insinuados, em grau modesto, mas suficiente para o tratamento. Dessa vez, no entanto, a experiência dá uma resposta inequívoca. A consequência esperada não se produz. **O paciente escuta a mensagem, mas não há ressonância.** Ele talvez pense: “Isso é muito interessante, mas não sinto nada disso”. Aumentamos seu conhecimento, mas nada alteramos nele (FREUD, 2018c, pp. 298-299, grifos nossos).

No caso exemplificado por Freud (2018c), evidencia-se que: (i) a relação entre interpretação-construção e efeito-consequência analíticos não é unívoca e (ii) na psicanálise, os analisandos não se apropriam de comunicações do analista, mas de experiências mais ou menos transformadoras ligadas a um saber situado, a depender da ressonância dessa experiência no analisando. Em *Construções na análise*, reflexão semelhante é registrada. Freud (2018b) admite ser possível que a construção proposta esteja “errada”, desalinhada com o caso clínico atendido. O primeiro indício desse desvio interpretativo é a falta de reação do analisando. Por exemplo, o simples “sim” do analisando pode revelar tanto a irrelevância da interpretação-construção, quanto uma rápida aquiescência à solução do analista, como resistência à elaboração conjunta dessa verdade, processo muitas vezes doloroso.

Então, a construção opera num espaço de incertezas, de liberdade e de mútuo engajamento no caso clínico. Principalmente, a construção opera na *continuidade*, visto que seu efeito não é instantâneo, mas organicamente relacionado ao caráter processual e elaborativo do

próprio tratamento: “Já que toda construção é incompleta, abrange somente uma pequena parte do que foi esquecido, temos liberdade para supor que o analisando não nega propriamente o que lhe foi comunicado, mas sustenta sua oposição diante da parcela ainda não revelada” (FREUD, 2018b, p. 336). Isso reitera a sessão de psicanálise como espaço convidativo ao “não saber”, a um saber em construção, conforme o autor já tivera asseverado em *Compêndio de psicanálise* (FREUD, 2018a).

O pensamento bakhtiniano, como dissemos anteriormente, preza pela liberdade do sujeito, por sua inconclusividade (FARACO, 2009). A incompletude da construção parece relacionar-se tanto com o caráter de *conjectura*, de criatividade do analista que busca suscitar uma palavra outra do analisando, tanto com o caráter inconcluso do sujeito, que não pode ser “fechado” nem pela sua palavra, nem pela palavra do outro. “O [sujeito] nunca coincide consigo mesmo. A ele não se pode aplicar a forma de identidade: A é idêntico a A. [...] A vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque *dialógico*, diante do qual ele pode responder *por si mesmo* e se revela livremente” (BAKHTIN, 2018a, p. 67, grifo do autor). Então, para pensarmos o sujeito bakhtiniano que co-constrói a “palavra que (me) cura”, devemos salientar as relações dialógicas que agem nesse processo.

Vimos que o sujeito, tornado objeto do discurso rememorativo, é perpassado pelo olhar de si mesmo e pelo olhar do analista. Então, criam-se relações dialógicas complexas entre a compreensão da própria subjetividade pelas lentes do analisando, em contraposição com a palavra do analista. A ocorrência de relações dialógicas nesse entrechoque ancora-se na objetivação dos enunciados, criando uma arena tensa, contrapontística, não-coincidente entre pontos de vista, avaliações, vozes heterodiscursivas. Ou seja, é algo que não se dá no psiquismo do analisando, nem no psiquismo do analista, unicamente, mas no espaço discursivo, concreto, *entre eles*.

As relações dialógicas remetem à noção de diálogo, entendido para além da interação face. O diálogo em sua acepção ampla é, como vimos, condição de possibilidade da manifestação do diálogo face a face, assim como é condição de possibilidade da manifestação da consciência como força ativa da existência. O que une ambas as acepções é o *sentido*, que, de “índole responsiva”, “sempre responde a certas perguntas”, sendo forjado na forma de diálogo (BAKHTIN, 2017c, p. 41):

O sentido é potencialmente infinito, mas só pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele sempre deve contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no

contexto). Um sentido atual não pertence a um sentido (isolado), mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se contataram (BAKHTIN, 2017c, pp. 41-42).

Pelo viés do sentido, compreendemos a acepção ampla de diálogo como forma de estar no mundo, visto que esse estar é uma inter-constituição do enunciado e da consciência no encontro com a palavra do outro. Por isso, como afirma Augusto Ponzio (2012a, p. 94), a concepção de diálogo para Bakhtin e o Círculo informa a própria noção de sujeito, que não pode ser pensado apartado do sentido: “A estrutura egológica é dialógica. O diálogo não está entre um emissor e um receptor, mas é constitutivo deles”. Segundo o pensador referendado, essa concepção de diálogo realiza uma revolução nas ciências humanas, uma *revolução bakhtiniana*, fundando uma *razão dialógica*: “Essa é centrada na responsabilidade sem álibis na qual cada um encontra nela [na responsabilidade] sua inalienável *alteridade*. Tal alteridade apresenta uma *irreduzível materialidade* em relação à *identidade*”, tanto individual, como coletiva, atinente aos grupos sociais (PONZIO, A., 2016a, p. 233, grifos do autor). Inspirado também em Levinas, Ponzio (2018, p. 15, grifo do autor) indica que a *dia-lógica* bakhtiniana implica “exatamente a possibilidade de descobrir a alteridade *no coração da identidade*, de reencontrar o outro no mesmo [...]”, de perceber que qualquer sentido se constitui na resposta a outro sentido.

Encarnado materialmente, o sentido forja o enunciado de forma que este sempre se volte ao interlocutor (mais imediato, no diálogo face a face, ou menos imediato, na estrutura da própria consciência), aos não-ditos heterodiscursivos, e aos valores sociais concorrentes num certo horizonte ideológico coletivo. A concretude do enunciado manifesta as relações dialógicas como lógica de sua construção. Como afirma Bakhtin (2018a, p. 210), as relações dialógicas “são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria”. Ou seja, as relações dialógicas precisam de algum material discursivo para se corporificarem, mas o engrandecimento do encontro dialógico não é redutível à materialidade discursiva, transcendendo-a no pequeno e no grande tempo. Além disso, as relações dialógicas *personificam* o enunciado, visto que o sentido é contato entre pontos de vistas encarnados, dotando-lhe de “uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente” (BAKHTIN, 2018a, p. 210). Por isso, a definição de relações dialógicas em *Apontamentos de 1970-1971* acena ao encontro entre sujeitos no enunciado, na concretude ideológica de um dado discurso:

[...] Relações entre sujeitos – as relações pessoais, as relações personalistas: relações dialógicas entre enunciados, relações éticas, etc. Aí se situam quaisquer vínculos semânticos personificados. As relações entre consciências, verdades, influências

mútuas, a aprendizagem, o amor, o ódio, a mentira, a amizade, o respeito, a reverência, a confiança, a desconfiança, etc. (BAKHTIN, 2017c, p. 30).

Lançando um olhar global à sessão de psicanálise, diríamos que as relações dialógicas enquanto interorientação de consciências, enquanto contraponto de cosmovisões ou enquanto acolhimento à palavra do outro com a presença concreta de escuta parece ser o motor do tratamento. No tratamento, o enunciado concreto é o elo entre o interior e o exterior, entre a lembrança e o presente e entre analista e analisando. É palco de relações intersubjetivas em que é possível encontrar o outro, renovando-se na resposta. Por esse viés, a sessão de psicanálise relaciona-se com a lógica curativa de outras terapias pela palavra, as quais também promovem o acolhimento, a validação e a orientação verbalizada do discurso individual na relação dialógica com o outro⁵².

Lançando um olhar específico à psicanálise, entendemos que a coenunciação dialogizada criativa – a construção do analista –, enquanto palavra do outro, bombeia de concretude ideológica e axiológica o processo de lembrar de si mesmo, dando-lhe um ponto de referência exterior (o analista e seu enunciado concreto) para o qual o processo interno – a corporificação do microdiálogo em enunciado, a dialética entre discurso interior e discurso exterior – pode se endereçar. A ancoragem no enunciado concreto do analista, que propõe a construção, é a mola propulsora de um processo inconclusivo de diálogo consigo mesmo e com o outro, fazendo do sentido o palco concreto de transformação e de revelação de sentidos outros.

Tal diálogo é o ponto de referência para debatermos a “ressonância” das palavras do analista no analisando (FREUD, 2018c). A ressonância de uma construção é, para nós, dialógica, visto que depende do nível intersubjetivo da palavra analítica co-construída. A construção freudiana entendida como intervenção do analista é um elemento objetivo, enformado, que possibilita o travamento de relações dialógicas no interior da sessão de psicanálise. A assunção da palavra em elaboração é um processo que demanda o confronto entre criatividades, entre valorações possíveis, entre dado e criado.

Se a construção é uma interpretação expandida e se sua função é exercer um efeito continuador do trabalho de psico-análise (CELES, 2005b), então a palavra do analista não visa a *comunicar*, mas sim a *ressoar* no centro axiológico do analisando. É na ressonância que algum

⁵² Também, como relevante contraponto polêmico ao que viemos defendendo até agora, por esse viés é possível criticar aspectos da psicanálise freudiana. Como afirma Jobim e Souza (2012, p. 54), embora a psicanálise se constitua como um “saber transgressor” por instar o inconsciente no panorama científico e clínico, seu método investiga relações de causa-efeito entre sintoma e inconsciente dadas desde a primeira infância, o que licencia pensar que o “causalismo determinista perpassa todo o seu método”. Essa assertiva polemiza com a psicanálise em seu estatuto de “inacabamento necessário”, conforme defende Mezan (2003, p. 134), o que será desenvolvido ainda nesta seção.

saber novo sobre si mesmo pode se dar por meio da palavra do outro, no entrecruzamento com ela. A transformação subjetiva, então, ocorre por conta da completa alteração que o olhar do outro proporciona – como diria Miotello (2018a, p. 23), o outro “me tira desse lugar de ser sempre o mesmo, ele vai me constituindo único em cada relação de alteridade”. Por conta do sigilo, do longo tempo de trabalho, da atmosfera axiológica vincular entre o par, é possível que a contraposição concreta entre os polos do eu e do outro promova significativas mudanças – inclusive, criando condições para que o próprio analisando passe a se ver como outro.

Na resposta à intervenção do analista, o analisando reacentua e elabora a vivência na e pela reação à palavra do outro. No mar de vozes heterodiscursivas, cria-se a possibilidade de assumir novas posturas autorais e singulares frente a enunciados que, em outros gêneros do discurso, não se verbalizariam com tamanha autonomia e confiança. Nisso, o analista destina, com sua palavra, acabamento relativo ao diálogo travado na sessão, convidando o processo interno de dialogização por parte do analisando a se presentificar no palco concreto da troca enunciativa. Ao mesmo tempo, o analista é a força concreta que convida ao diálogo interior, animando a verbalização, a participação na função social terapêutica do diálogo exterior travado. Por isso, Ricoeur (2010) entende a elaboração/perlaboração na análise como um contínuo e infindo processo de narrar a própria vida a si mesmo e ao outro:

Pode-se até dizer então que o paciente é, ao mesmo tempo, ator e crítico de uma história que ele é, para começar, incapaz de narrar. O problema do autorreconhecimento é o da reconquista do poder de narrar sua própria história, do poder de continuar infatigavelmente a conferir a forma de uma história à reflexão sobre si mesmo. A perlaboração não é senão essa narração continuada (RICOEUR, 2010, p. 49).

Aproximamos o caráter continuado do processo analítico de verbalização/narrativização, nos termos de Ricoeur (2010), ao papel da objetivação em Volóchinov (2018), que influencia inversamente o psiquismo, dando-lhe alguma estruturação. Sempre que falamos, reorganizamos nosso mundo interior com base nas possibilidades de falar. Na sessão de psicanálise, o centro de agência criativa e produtiva destinado ao diálogo consigo mesmo parece ser privilegiado; esse gênero é receptivo ao discurso do eu sobre si mesmo e subsidia, com elementos ideológicos e concretos, meios enunciativos para amplificar a orientação dialogizante objetiva desse processo. Pelo viés da inconclusão, a assunção da palavra analítica pode ser pensada como uma resposta ao mesmo tempo afirmada e continuada à experiência de análise.

No diálogo, no endereçamento ao analista, a presença de escuta do outro me convida a sair de mim para, ao respondê-lo, encontrar-me diferente e alterado. Retomando a já citada

passagem bakhtiniana: “Ao me objetivar (isto é, ao me colocar para fora de mim mesmo) ganho a possibilidade de uma autêntica relação dialógica comigo mesmo” (BAKHTIN, 2016b, p. 98). O pequeno acontecimento social da sessão de psicanálise, então, incentiva o diálogo do eu consigo mesmo e com o outro. É no centro desse diálogo que a assimilação, reelaboração e reacentuação das palavras alheias surgem na forma de uma resposta afirmada transformadora, realinhada a uma nova/outra necessitância do ser. A cura, então, em nenhum momento é quantitativa ou experimental; biológica ou subjetivista. Pelo contrário, é profundamente *dialógica* e, por isso, humana, alteritária e concreta. E é a concretude do evento, ancorado nas complexas relações alteritárias entre analista e analisando, que permite tanto a resposta afirmada ao sintoma, como a inconclusão como espaço de liberdade do sujeito.

Há, para Mezan (2003, p. 134), um “inacabamento essencial” na metapsicologia freudiana, visto que esta se ancora na livre associação, na qual as ideias se “ramificam” em muitas direções, contrariamente à “linearidade” cartesiana. Entendendo que os textos freudianos (a metapsicologia) refletem o que se espera da prática analítica, compreendemos que um final de análise comporta seu essencial inacabamento, sendo o término dos encontros a porta de entrada para que os sentidos sigam ressoando no tempo grande da vida do analisando. Em termos bakhtinianos, afirmaríamos que o diálogo inconcluso da vida passa a conter as reverberações do diálogo travado na experiência de análise, sempre surgindo novas perguntas e novos anseios por resposta.

Então, buscando uma resposta ao mesmo tempo específica e ampla à nossa terceira pergunta de pesquisa, os elementos teóricos que guiam a assunção da experiência analítica como válida ao sujeito que visa à cura são: (a) o teor semanticamente aberto, orientado à persuasão interna, dos sentidos dialogizados e co-enunciados em análise; (b) as dinâmicas de aproximação e de distanciamento alteritário e discursivo entre analista e analisando, assim como analisando e seu outro, as quais engendram o encontro com suas excedências de visão e (c) o diálogo como dinâmica discursiva global, a qual promove o acolhimento do discurso individual, o relativo acabamento dos sentidos e seu inacabamento. Terminamos este capítulo registrando a concretude criativa que ampara a falta, a angústia, a mazela psíquica pela presença inegável do outro no eu no diálogo inconcluso:

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do [sujeito] é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o [sujeito] participa por inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido

dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2018a, p. 329, grifos do autor).

A partir da citação destacada, entendido de forma ampla, o diálogo na sessão de psicanálise abarca: (i) os distintos movimentos de alteridade que se dão no interior dos enunciados trocados entre o par analítico; (ii) a oportunidade de assumir novas posturas, de questionar centros de *dever ser* e de necessitância em resposta ao analista; (iii) o trabalho de dialogizar, conjuntamente, vozes heterodiscursivas, temas e motivos que povoam a memória das vivências passadas, atuando nesse processo de maneira mais ou menos criativa e, finalmente, (iv) a oportunidade de apropriar das experiências objetivas vivenciadas no gênero, estruturando minha consciência com os matizes do contato discursivo com o outro.

Viver é responder. Viver, também, é participar do diálogo inconcluso. Nesse sentido, a inconclusão de nossa consciência pode ser experienciada e vivida como a *certeza* de que, concretamente, a história humana se fez no diálogo e na resposta, sendo por meio desses movimentos alteritários que o sujeito pode se reencontrar novamente, alterado pelo outro.

DIÁLOGOS *TERMINÁVEIS* E *INTERMINÁVEIS*: CONSIDERAÇÕES PARA A CONTINUIDADE

*Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras.
Sou formado em desencontros.
A sensatez me absurda.
Os delírios verbais me terapeutam.
Posso dar alegria ao esgoto (palavra aceita tudo).
(E sei de Baudelaire que passou muitos meses tenso
porque não encontrava um título para os seus poemas.
Um título que harmonizasse os seus conflitos.
Até que apareceu Flores do Mal. A beleza e a dor. Essa
antítese o acalmou.)*

As antíteses conçoçam.

(BARROS, 2015, p. 99).

É chegado o momento de darmos acabamento relativo a esta pesquisa. No ideário bakhtiniano, toda conclusão é relativa e toda palavra é, por natureza, apelo à continuidade do diálogo: “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo” (BAKHTIN, 2016a, p. 26). No ideário freudiano, semelhante situação ocorre, em termos práticos: uma análise “termina” quando os encontros entre analista e analisando cessam, mas, caso tenha sido bem sucedida, a análise torna-se potencialmente interminável. Para Freud (2018c), o inconsciente é uma força que não pode ser suprimida; ela segue agindo ao longo de nossas vidas. Isso demarca um importante distanciamento em relação à ficção da normalidade psíquica, para a qual a cura seria a eterna eliminação de sintomas. Conforme lemos na passagem abaixo, pelo recurso a uma comparação, uma análise eficaz é aquela que “acorda os cães” que dormem em nosso psiquismo para saber lidar com eles tanto durante sua vigília, quanto *a posteriori*, ao longo da vida:

A advertência para ‘não despertar os cães que dormem’, que frequentemente se faz quanto a nossos esforços de pesquisa do submundo psíquico, é particularmente inadequada para as condições da vida psíquica. Pois se os instintos causam distúrbios, isso é uma prova de que os cães não dormem, e, se eles realmente parecem dormir, não está em nosso poder despertá-los (FREUD, 2018c, p. 295).

Por um lado, não está sob o domínio do sujeito freudiano o inconsciente e seus efeitos; por outro, o sujeito bakhtiniano não controla os efeitos dialógicos da palavra, seja no pequeno, seja no grande tempo. A distinção entre as perspectivas de sujeito em questão, conforme mostra esta pesquisa, está no teor explícito da responsabilidade do sujeito dialógico, que deve

responder, sem álibis e responsabilmente perante seus atos (BAKHTIN, 2017a). Para Bakhtin, entretanto, (2017c, p. 31), a responsabilidade concreta se tensiona com a abertura e a não-finalização, o que complexifica tal estatuto de sujeito: “Definição de sujeito (pessoa) nas relações entre sujeitos: concretude (nome), integridade, responsividade, etc., inesgotabilidade, inconclusibilidade, abertura”. Ainda que possamos arriscar um espaço de ressonância constitutiva do outro no eu como ponto de diálogo entre os autores – seja o outro concreto, seja o inconsciente –, a alteridade do inconsciente freudiano parece diferir da alteridade bakhtiniana, cujas leis são, ao longo de todos os escritos do Círculo, sociais. Entretanto, em nosso entendimento, a *continuidade* da ressonância do outro no eu ao longo da vida do sujeito, a inconclusão do ser produtor de sentidos, é um possível ponto em comum entre Freud e o Círculo de Bakhtin, e é pelo viés da concreta inconclusão dialógica que teceremos nossas considerações para a continuidade desta pesquisa.

As reflexões deste capítulo se organizam em três momentos. Primeiramente, iremos fazer uma breve recapitulação das nossas perguntas de pesquisa, o que nos levará a apontar as principais leituras responsivas que nós prospectamos a Freud no ensejo de compreender a cura pela palavra. Nesse movimento, retomaremos nossos objetivos específicos de pesquisa, visando a relatar como os desenvolvemos e, assim, fornecer, com eles, respostas integradoras e exotópicas. Depois, exotopicamente, retornaremos ao título desta dissertação, assim como às epígrafes que prefaciaram alguns de nossos capítulos, tecendo considerações globais ao nosso objetivo geral. Por fim, registraremos as limitações que permearam nosso empreendimento, transformando-as em perguntas que possam despertar investigações outras a partir deste estudo.

Tomamos como amplo tema de investigação a polêmica de Volóchinov com Freud, registrada em *O freudismo*. Enfocamos, por um lado, a contrapalavra do primeiro ao segundo e, por outro lado, a salvaguarda do sucesso prático da terapêutica psicanalítica (VOLÓCHINOV, 2017). Com esse enfoque, nossa circunscrição temática contemplou dois aspectos: a) observar a tônica do *sujeito* bakhtiniano que se robustece na resposta ao sujeito do inconsciente e b) prospectar leituras alternativas à teoria freudiana no ensejo de conceber esse sujeito numa sessão de psicanálise, de forma a criar inteligibilidades sobre o sucesso prático da psicanálise pelo viés dialógico. Relativamente ao aspecto “a)”, avaliamos que o tema seja caro à comunidade brasileira de pesquisadores bakhtinianos que, como tentamos evidenciar em nossa fundamentação teórica, ainda não reuniu extensiva bibliografia sobre a relação entre dialogismo e psicanálise. Também, é um tema caro à Linguística, tendo em vista a necessária atenção que as vertentes conceituais acerca da linguagem devem ter às bases filosóficas, as quais esclarecem o estatuto do sujeito em face aos meios de expressão e de construção de

sentidos. O aspecto “b)”, por sua vez, representa o ânimo em contribuir para a criação de modestas pontes dialógicas entre uma teoria do discurso pouco associada à psicanálise e os conhecimentos psicanalíticos, os quais encontram produtividade em outras vertentes dos estudos discursivos.

Numa avaliação ampla desta pesquisa, compreendemos que a referida ponte dialógica permite-nos lançar um olhar a *O freudismo* que, embora considere a polêmica, a ela não se limita. A polemização com a psicanálise ressalta as diferenças epistemológicas entre o Círculo e Freud, as quais não impedem o diálogo, mas reforçam, como aponta Jobim e Souza (2012), a necessidade da atuação responsável do pesquisador em lidar com o inconsciente. Em nosso caso, demos relevo à concretude do ato – ao materialismo dialético, ao teor objetivo e não-causalista dos sentidos etc. – a partir da qual as perspectivas de subjetividade e de discurso se erigem. Com isso, julgamos ter podido pontuar alguns aspectos que *excedem* entre um ideário e outro, o que dialogicamente complementa os distintos ideários em contraposição, como defendem Pinheiro, Aguiar e Carvalho (2019). Para as autoras, esse gesto de diálogo favorece “a ampliação do olhar tanto para a psicanálise [,] quan[t]o para o dialogismo, como se uma pudesse ser o excedente de visão da outra” (PINHEIRO; AGUIAR; CARVALHO, 2019, p. 272).

Em *O freudismo*, a orientação argumentativa de Volóchinov (2017) vai delineando um estatuto de sujeito contrário àquele cindido pelo inconsciente, entendido como reino autogerido e associal. Pela contrapalavra, o autor registra seu excedente de visão à psicanálise freudiana, reiterando pressupostos teórico-metodológicos registrados desde *Para uma filosofia do ato*: mais além de ser racional, o sujeito é responsável (BAKHTIN, 2017a) e sua vida na linguagem coincide com a formação da consciência de si mesmo e do outro (VOLÓCHINOV, 2018; BAKHTIN, 2015; BAKHTIN, 2017c). Nosso tema requisitou-nos especial atenção aos aspectos da teoria bakhtiniana que explicitassem o entrecruzamento entre linguagem e consciência, subjetividade e alteridade, diálogo e sentido em *O freudismo* na relação com as demais obras do Círculo. Com isso, pudemos enfatizar o argumento de Moura-Vieira (2016) de que as discussões travadas neste livro são nodais à construção do pensamento dialógico, desfazendo qualquer ilusão de que essa obra se tratasse de um texto menor ou fortuito. Pelo contrário, os viéses contrários à psicanálise encontram ressonância no contexto ideológico soviético dos anos 1920, como nota Grillo (2017), o que intentamos endossar em nossos diálogos pontuais com Vygotsky.

Volóchinov (2017) critica o discurso freudista a partir dos conceitos concernentes, primordialmente, à primeira tópica freudiana, desenvolvida até 1924. Freud é entendido como

interlocutor contrário ao materialismo histórico e dialético homogêneo no cenário soviético dos anos 1920 (GRILLO, 2017). Vygotsky (1987a; 1987b; 2007; 2008), importante psicólogo soviético, também se debruçou sobre a psicanálise na tentativa de definir a psicologia como o estudo integral de um sujeito constituído na sociedade e na cultura, visto que nelas é possível interiorizar a linguagem. Para Vygotsky (1987a), embora tenhamos processos psicológicos não-conscientes, eles de forma alguma seriam não-sociais, apartados do conjunto daquelas funções intrapessoais socioculturalmente desenvolvidas. Ambos os autores reconhecem a presença de aspectos “não conscientes” no psiquismo, mas demonstram, por caminhos teóricos, filosóficos e ideológicos, a incongruência entre o materialismo dialético e a psicanálise.

Em nossa perspectiva, amparados por Augusto Poncio (2016a), compreendemos que Vygotsky (1987a) e Volóchinov (2017; 2019a) valorizam a alteridade como aspecto fundamental do estudo do psiquismo e dos sentidos. A partir do necessário enfrentamento a um grau amplo de alteridade – social, cultural e ideológico – assim como a um grau mais imediato – a relação de interação com o outro – é que se poderia compreender a consciência como força da existência (VOLÓCHINOV, 2018); a mente como força da psicologia (VYGOTSKY, 1987b). Por esse viés, Volóchinov (2017) entende que a sessão de psicanálise é tida como “pequeno acontecimento social”, no qual a interação analista-analisando é mote para a verbalização dos motivos interiores e para a conseqüente encarnação enunciativa; logo, essa fora nossa inspiração para delinear nosso objeto de estudo.

Aspectos sobre relação entre ideologia, linguagem e consciência na contrapalavra à psicanálise encontram-se documentados em nosso campo (LIMA, PERINI, 2009; MOURA-VIEIRA, 2016; BEZERRA, 2017; GRILLO, 2017). Entretanto, um aspecto ainda pouco estudado – que veio a dar origem a nosso objeto de pesquisa – é a salvaguarda da eficácia terapêutica da psicanálise no tratamento das psiconeuroses (VOLÓCHINOV, 2017; VOLÓCHINOV, 2019a). Entendemos a inexequibilidade da pesquisa de Volóchinov (2017; 2019a) acerca do sucesso prático do método clínico freudiano seria, justamente, a faceta praxiológica, atitudinal, concreta e vivencial da atividade psicanálise. Os breves diálogos que fizemos com a Clínica da Atividade (CLOT; FAÏTA, 2016) e com a área da Linguagem e Trabalho (MOURA-VIEIRA, 2002; 2004a; 2004b) serviram-nos para compreender a diferença entre os conceitos de gênero da atividade e gênero do discurso, assim como a produtividade do primeiro ao estudo das atividades clínico-laborais. Volóchinov (2017; 2019a), não dispondo de meios ou interesse para uma pesquisa *in locu*, poderia apenas prospectar, a partir da leitura crítica dos textos de Freud, questões como a resposta verbalizada e o pequeno acontecimento social psicanalítico enquanto vetores da eficácia da terapêutica freudiana.

Entretanto, nosso ensejo de circunscrever a cura pela fala freudiana como objeto de pesquisa fez-nos realizar uma série de recortes atinentes às lentes pelas quais a compreendemos – a partir de *textos-enunciado*, operando na esfera teórica –, assim como à materialidade discursiva privilegiada – o enunciado verbalizável ou verbalizado, observado numa concepção ampla de gênero do discurso. Ressaltamos: realizamos uma pesquisa teórica que registra reflexões sobre a vida vivida, mas não analisa uma situação concreta de terapia psicanalítica; logo, não pudemos demonstrar em nosso texto de pesquisa, por exemplo, os deslocamentos entre atividade e relato sobre a atividade (MOURA-VIERA, 2002). Entretanto, pudemos responder criativamente aos textos-enunciado que tínhamos em mãos, num movimento de prospecção, intentando criar inteligibilidades plausíveis ao processo de cura pela fala.

Com isso, formulamos três **perguntas norteadoras** que nos possibilitassem fazer um duplo percurso: indagarmo-nos sobre a concepção de sujeito surgida na contrapalavra ao inconsciente freudiano, assim como sondar o sujeito bakhtiniano sequioso de efetiva cura numa sessão de psicanálise. Foram elas: i) De que forma as críticas à psicanálise, registradas na obra *O freudismo*, reiteram uma perspectiva de sujeito alinhada ao ideário de Bakhtin e do Círculo?; ii) Que elementos teóricos especificam o gênero discursivo sessão de psicanálise, tendo em vista os possíveis processos alteritários e discursivos implicados na terapia freudiana?; iii) Quais as condições e as dinâmicas discursivas e alteritárias engendradoras da assunção da experiência psicanalítica como válida e própria ao sujeito que visa à cura?

A partir das elencadas perguntas norteadoras, foi proposto o seguinte **objetivo geral**: perscrutar, a partir do ideário bakhtiniano, possíveis inteligibilidades teóricas acerca de dinâmicas alteritárias, dialógicas e discursivas atinentes ao tratamento psicanalítico freudiano. Para operacionalizar esse grande objetivo ao longo da pesquisa, propomos três **objetivos específicos** intimamente ligados às nossas perguntas norteadoras: i) Investigar a concepção de sujeito que subjaz à contrapalavra de Volóchinov a Freud; ii) Prospeccionar processos alteritários e discursivos envolvidos na cura pela fala freudiana, considerando a sessão de psicanálise como gênero do discurso e iii) Discutir as possíveis condições e os possíveis processos engendradores da assunção da experiência psicanalítica como transformadora pelo sujeito que visa à cura, tendo em vista os entrecosques entre a palavra minha e a palavra do outro.

Nossos objetivos deram corpo a uma investigação teórica que se valeu de pesquisa bibliográfica e de cotejo entre os textos bakhtinianos e freudianos, em diálogo com pesquisadores de ambas as áreas. Em termos metodológicos, seguimos as orientações de Volóchinov (2018) ao propor o método sociológico, assim como nos inspiramos na argumentação do mesmo autor em *O freudismo*, propondo visões alternativas ao fenômeno

psicanalítico, valorizando o discurso e a ideologia (MOURA-VIEIRA, 2016; GRILLO, 2017). De nossa parte, assumimos como gesto de pesquisa uma leitura não desabonadora da psicanálise, buscando, ao contrário, um diálogo conciliador.

A ponte entre os autores foi feita pelo enfoque à dinâmica objetiva de fala e escuta prospectada ao evento psicanalítico. Para tanto, as contribuições de pesquisadores da área da psicanálise, especialmente Celes (2005a; 2005b), foram imprescindíveis na delimitação de nosso objeto, o que envolveu a afinação da forma como compreendemos “cura” e “fala”. Em diálogo com Cordioli e Grevet (2019) e Pimentel e Amarante (2020), buscamos contextualizar a psicanálise em face às demais psicoterapias, assim como analisá-la desde as oportunidades nela engendradas para o diálogo em sentido amplo. Juntamente a Zygouris (2011), observamos a função social da terapia em nossa cultura e compreendemos que a presença de um outro concreto, com sua escuta qualificada, seja condição basal à cura entendida como (trans)formação subjetiva no e pelo discurso. Os escritos de Freud (2010a, 2010b, 2010c, 2010e, 2010f, 2010g, 2010h, 2013a, 2013b, 2014, 2016, 2018c) permitiram-nos elicitare a livre associação, a interpretação, a resistência, a transferência e a elaboração como conceitos nodais à cura psicanalítica. Celes (2005a; 2005b) foi essencial à circunscrição da cura como *trabalho de fazer falar... e fazer ouvir* e, juntamente com as abordagens hermenêuticas de Ricoeur (2010) à psicanálise, elegemos a verbalização enunciativa como materialidade discursiva enfocada.

Com o ideário bakhtiniano, propomos conceber a cura psicanalítica como “cura pela palavra”, na qual “palavra” acena às formas ideológica e axiologicamente saturadas de produção semântica no e pelo discurso (signo ideológico, discurso interior e exterior, palavra e enunciado). A dinâmica de cura pela palavra fora prospectada, de forma macro, no gênero discursivo sessão de psicanálise; as condições de efetividade de um trabalho analítico foram prospectadas a partir de dinâmicas alteritárias, firmadas enunciativamente, entre analista e analisando. Nossa meta micro seria desvelar as dinâmicas que permitissem a assunção da experiência analítica como válida pelo sujeito sequioso de cura. Para o estudo desse segundo processo, formulamos a expressão “palavra que (me) cura”. Essas e outras delimitações de limites conceituais estão registradas em nosso capítulo segundo: *“Cura pela palavra” e “palavra que (me) cura: um olhar metodológico responsivo ao objeto*.

Nosso primeiro objetivo específico foi explorado no capítulo primeiro, intitulado *O sujeito que fala na análise: caminhos teóricos de pesquisa*. Para tanto, as reflexões de Augusto Ponzio (2012a, 2012b, 2017, 2018, 2020a, 2020b), de Luciano Ponzio (2019) e de Petrilli (2019) sobre alteridade e diálogo, quanto as reflexões de Di Fanti (2003; 2020) e Barbosa e Di Fanti (2020) sobre a incidência do ideário filosófico bakhtiniano nas teorizações sobre

linguagem e discurso foram essenciais. Bubnova (2011; 2013) auxiliou-nos compreender o encontro de subjetividades no ato ético e no enunciado, o que nos levou a pensar os conceitos de linguagem, diálogo e relação eu-outro como aspectos definidores tanto do sujeito, quanto dos sentidos. Disso resulta que os apontamentos sobre ideologia e consciência registrados em *O freudismo* encontram amparo em outros escritos do Círculo, ressaltando o potencial heurístico dessa obra na constituição da perspectiva bakhtiniana sobre a linguagem.

Retornando exotopicamente à nossa primeira pergunta norteadora, sublinhamos que a perspectiva de sujeito responsiva ao inconsciente freudiano correlaciona-se ao todo da teoria bakhtiniana: reitera a consciência participativa dos escritos filosóficos primeiros (BAKHTIN, 2017a); prevê, com o caráter ideológico da consciência, a influência da interação discursiva na construção do psiquismo e dos sentidos (VOLÓCHINOV, 2018a, 2019b, 2019c), assim como dialoga com as relações entre o caráter interior e o exterior da palavra, do heterodiscurso e dos gêneros discursivos na vida e no romance (BAKHTIN, 2015, 2018a; MEDVIÉDEV, 2012). Ou seja, concordamos com a chave de leitura continuísta de Morson e Emerson (2008), no sentido de que um autor teria aprendido com as reflexões dos demais e as incorporado de maneira singular aos seus escritos.

Pelo viés da alteridade constitutiva e da consciência participativa, assim como da consciência socioideologicamente constituída, os escritos do Círculo do Bakhtin vão delineando contornos conceituais à subjetividade atrelada ao diálogo, afirmando a natureza e potencialidade dialógica do sujeito. Por isso, o sujeito que fala na análise é o sujeito que passa por uma *(trans)formação subjetiva* no e pelo diálogo em sentido amplo, manifesto objetivamente num diálogo face a face inscrito nas tipificações relativamente estáveis da interação discursiva dos gêneros, dentre eles, a sessão de psicanálise. Falar de subjetividade implica ressaltar as dinâmicas objetivas que concretizam os movimentos de alteridade, explicitando o encontro de sujeitos na própria produção dos enunciados. Pelo viés da influência inversa da expressão no psiquismo (VOLÓCHINOV, 2018), assim como da interiorização dos gêneros discursivos (MEDVIÉDEV, 2018; VYGOTSKY, 2007), evidenciamos, acima de tudo, a “dialógica-egológica” (PONZIO, 2012a); uma *dramática* de distintas posições subjetivas projetadas nos enunciados, ancoradas no contexto ideológico e axiológico exterior e modificadas pelo outro. Nisso, não concebemos um inconsciente enquanto algo aquém ou além do social, mas ressaltamos a abertura do ato ao outro, ao diferente constitutivo, à possibilidade inconclusa de ser em resposta.

Na crítica ao inconsciente, ressaltamos que o sujeito bakhtiniano, assim como o vygotkskyano, é concebido segundo tramas ideológicas e discursivas mais complexas do que o

sujeito advindo de uma visão pragmatista da interação verbal: intencional, senhor dos sentidos e controlador das trocas verbais. Retornando a Morson e Emerson (2008, p. 190), entendemos que a contrapalavra à psicanálise pode ter se revelado um importante processo de refinamento da consciência socioideológica: “eles [O Círculo] resistiram à concepção de uma estrutura separada e inacessível de onde provém nossos impulsos [...] e preconizavam uma descrição mais rica, mais variada e mais diversa da *consciência*”.

Entendemos que a complexificação da consciência se dá pela incontornável presença do outro em toda e qualquer manifestação do ato participativo. Se, por um lado, o outro é um elemento concreto da existência, por outro lado o outro é um ponto de interrogação: ele representa aquilo que desconhecemos e de que não podemos ter total controle e ciência (*awareness*). Então, pelo viés discursivo, sociológico e alteritário, percebemos que a perspectiva bakhtiniana, em diálogo com o contexto soviético dos anos 1920, promove um contorno do inconsciente como reino autogerido pela incorporação da não-ciência do outro enquanto lei não estranha ao materialismo; pelo contrário, a não-ciência completa do outro é o contexto próprio do ato ético arriscado, não-determinado, aberto às contingências do encontro.

Se, em Freud (2014), o sujeito não é senhor de sua morada, de sua consciência individual, porque ela é ocupada pelo inconsciente, para o Círculo poderíamos entender que o sujeito não é senhor dos sentidos, mas é por eles *responsável*. A obrigação não é pelo controle do sentido, mas pela resposta responsável ao outro, ao encontro com o outro. Nisso, aspectos como os já-ditos e os não-ditos heterodiscursivos, os sentidos semi-latentes da palavra alheia na palavra autoral e a memória cultural dos gêneros discursivos alargam a categoria da consciência, não requisitando dela a total *ciência* dos sentidos, mas nela inserindo a responsabilidade como condição para a *liberdade de resposta não-determinada, mas singular e responsável*, às complexas tramas discursivas da vida vivida (FARACO, 2009). O foco recai na agência, no movimento de dar um passo em direção ao outro (PONZIO, A., 2017), e somente nesse movimento podemos ver a construção infinda de uma subjetividade dialógica. Por isso, precisávamos prospectar o sujeito bakhtiniano numa sessão de psicanálise, o que fizemos em nosso terceiro capítulo.

No capítulo intitulado *O gênero discursivo sessão de psicanálise: especificações da “cura pela palavra”*, tomamos a acepção de Medviédev (2012) sobre especificação como mote de uma discussão acerca das possíveis particularidades qualitativas da sessão de psicanálise. O texto freudiano *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914, serviu de norte para compreendermos o papel do discurso rememorativo na elaboração discursiva dos sintomas. Desse capítulo, retomamos nossa segunda pergunta de pesquisa e ressaltamos dois aspectos referentes às

relações entre: i) *setting* e arquitetônica; ii) livre associação, interpretação, transferência e o tom axiológico do gênero; iii) terapia e acabamento estilístico do enunciado.

Em relação ao primeiro aspecto, entendemos, por meio das noções de endereçamento e circuito de responsabilidade (MACHADO, 2020), que a especificação das distintas formas de interação discursiva deve referir-se à especificidade das relações de responsividade entre os participantes do evento. No vínculo dialógico com o outro, as disposições dos centros de valores vão servindo aos distintos propósitos sociais dos gêneros, dentre eles a terapia. O psicanalista é um dos ouvintes disponíveis à escuta do discurso íntimo em nosso repertório cultural de práticas discursivas; sua especificidade técnica está na instalação de um *setting* que baliza, axiológica, ideológica e discursivamente, os limites e as potencialidades da análise. Porém, como vimos com Pimentel e Amarante (2020), a cura, em sentido amplo, depende de uma “ética dialógica” no atendimento em saúde mental, o que nos encoraja a ampliar o escopo da cura pela palavra para além da psicanálise, como veremos ao final desta dissertação.

Em relação ao segundo aspecto, salientamos que uma especificidade do gênero sessão de psicanálise é o convite ético ao falar liberto de sanções prévias, num regime discursivo que não é encontrado em outros gêneros. A resposta acolhedora do analista destina ao dizer em construção sua validação; é por esse viés que pudemos prestar uma leitura outra ao conceito freudiano de interpretação. A escuta interpretativa do analista, correspondente ao falar livre do analisando (CELES, 2005a), é engendrada num contexto axiológico englobante da interação, típico do gênero e balizado pelo *setting*, que consolida o vínculo emotivo-volitivo entre o par analítico. É com essa ideia de amparo valorativo e ideológico que compreendemos a transferência como dinâmica dialógica de sustentação da interação discursiva. Tal dinâmica é uma força concreta do gênero, estabilizando um ponto de apoio seguro e produtivo *entre* os sujeitos implicados no evento, o que anima a passagem do discurso interior a discurso exterior.

Por fim, em relação ao aspecto terceiro, entendemos, desde um viés amplo, que a terapia possa ser entendida como uma co-construção estilística do dizer de si. Essa co-construção insere o outro no enunciado autoral, refrangindo-o na consciência individual e promovendo a estruturação ideológica da consciência via movimentos de alteridade dialogicamente referidos. Por esse viés de terapia, compreendemos o sintoma como alteridade constitutiva, com o qual é justo e necessário entrar em trabalho de elaboração, entendido como dialogização de vozes e temas sociais ainda não verbalizados. Então, a cura pela palavra pode ser compreendida como uma travessia elaborativa (CABAS, 2009), como *coenunciação dialogizada*. Esse processo macro de dialogização envolve: a) o encontro analista-analisando (a transferência); b) a dialogização cronotópica de espectros rememorativos passados com a demanda presente por

terapia e o ensejo futuro por cura, o que implica o reavivamento de temas, projetos discursivos e vozes sociais silenciadas, assim como o destronamento de palavras autoritárias e c) a interpenetração de temas e motivos advindos de outras esferas da atividade humana, os quais podem ser reavaliados em terapia.

Era necessário, além do olhar macro, lançar um olhar micro às dinâmicas de estruturação do enunciado no gênero sessão de psicanálise. Isso foi feito no capítulo “*Palavra que (me) cura*”: a assunção da experiência psicanalítica no entrelaço entre a palavra minha e a palavra do outro. Para nossas discussões, enfocamos o texto freudiano *Construções na análise*, de 1937, visto que este apresentava frutíferas brechas à emergência da alteridade como caminho de cura rememorativa, estabelecida no e pelo falar de si endereçado ao outro. Observamos uma especificação da interpretação freudiana pelo conceito de construção, a partir das reflexões bakhtinianas sobre palavra de autoridade, rememoração, empatia, exotopia, excedente de visão e diálogo inconcluso.

Contemplando nosso terceiro objetivo específico, assim como nossa terceira pergunta norteadora, vimos que a palavra do analista tem a persuabilidade interna como condição de ressonância no centro axiológico e heterodiscursivo do analisando; ou seja, embora o analista cumpra papel hierárquico distinto e específico na atividade clínica, própria dos saberes profissionais do *métier* (CLOT, FAÏTA, 2016), o momento dialógico forjador das verdades analíticas demanda certa horizontalidade semântica e axiológica como espaço de mútua responsividade. Também, vimos que a construção alarga o vivenciamento da alteridade pelo par analisando e analista, visto que a reconstrução imaginativa de fragmentos coligidos do passado do primeiro pelo segundo implica a disposição para imaginar e experimentar o que vem do outro (PONZIO, A., 2020b).

Com base em Bakhtin (2017), fizemos relações entre ato-imaginação e ato-assumido, ambos perpassados pela singularidade do sujeito que imagina, cria e se revela no diálogo. Também com base em Bakhtin (2011b), estudamos a rememoração como encontro com o outro; a verbalização do lembrado como diálogo com os narradores possíveis, narradores outros de minha própria vida. Então, o alargamento da experiência de alteridade na verbalização e no processo rememorativo que a engendra torna-se condição para a assunção da palavra que (me) cura.

Com nossas reflexões, propomos a compreensão da construção freudiana como *excedente de visão* do analista em relação ao analisando. Trata-se daqueles aspectos técnicos e humanos, atualizados pela atividade do analista, que completa o discurso do analisando naquilo que ele mesmo não poderia completar-se. Esse excedente traz consigo as marcas da vivência

emocional, da imaginarização de um passado outro, da criação de um passado possível de ser enunciado *porque* fora co-construído. Por isso, propomos o entendimento da construção como *coenunciação dialogizada criativa*. Não se trata de uma distinção conceitual, porque interpretação e construção não se opõem no ideário freudiano, mas, antes, trata-se de um aspecto mais específico encontrado na dinâmica analista-analisando. Além de dialogizar o dado, a terapia co-constrói o *criado*, valendo-se do diálogo em sentido amplo como possibilidade de projeção de novas posições subjetivas acerca de si mesmo e da forma como lidamos com os outros.

Neste ponto, daremos especial realce ao diálogo inconcluso e à interminabilidade da análise, parte do segundo movimento necessário às nossas considerações para a continuidade. Observando o título de nossa dissertação, *A cura pela palavra: um olhar bakhtiniano para a interação discursiva no tratamento psicanalítico freudiano*, entendemos que nosso objetivo geral é contemplado ao mostrarmos a produtividade do diálogo teórico entre o Círculo de Bakhtin e Freud. Com o diálogo, pudemos criar inteligibilidades alternativas à terapêutica freudiana, contemplando a alteridade, o diálogo e a materialidade discursiva durante e após um processo de análise. Numa visão mais estreita, nosso enfoque foi conduzido pelas condições de eficácia de uma psicanálise; numa visão mais ampla, entretanto, retomamos Pimentel e Amarante (2020) ao indicar que a “ética dialógica” pode ser uma lente explicativa mais abarcadora às terapias da palavra. Não é a especificidade técnica da psicanálise que transforma, visto que palavra é transformação por natureza; entretanto, há especificidades na técnica psicanalítica que, aliadas ao diálogo, podem propiciar um espaço privilegiado à rememoração como processo de vir a ser diferentemente. Qual elemento da teoria bakhtiniana poderia referir o salto qualitativo, que envolve diálogo, verbalização e experiência alteritária, como súmula de nosso entendimento acerca da cura pela palavra?

Para nós, o diálogo inconcluso, estrutural da egológica (PONZIO, A., 2012b), é o único capaz de proporcionar ao sujeito aquilo a que Bakhtin (2019b) se referira, em *Sobre as questões de autoconsciência e de autoavaliação* (1940) como **Momento de Maomé**, observado nas narrativas de Dostoiévski:

A organização do tempo e do espaço. A inteira ação se realiza no momento de Maomé. O momento de crise. Tudo, desde o início, é conhecido e pressentido. O tempo não mortifica nem gera nada, no melhor dos casos serve apenas para esclarecer. **A vida toda em um único momento**” (BAKHTIN, 2019b, p. 58, grifos nossos).

O instante de Maomé é um momento dialógico imprescindível da autopercepção, a qual só se realiza no reconhecimento do outro constitutivo. Trata-se de um instante que bordejando crise e salvação, obnubilação e clareamento, pressentimento e impulso para ação arriscada. No Momento de Maomé, o tempo se reúne ao redor de um único instante, em que passado e presente se dialogizam no entendimento do *sentido* acerca da continuidade da própria vida, como se esse momento refletisse, em mônada, eu, outro e continuidade: uma subjetividade em contínua (trans)formação. Na leitura de Augusto Ponzio (2019, p. 33), o Momento de Maomé se refere a um “sonho acordado, instante mais elevado de autopercepção e autoconsciência”; trata-se de uma condição cronotópica “que não se pode suportar, ao menos que haja transformação”.

O Momento de Maomé é por nós entendido de forma análoga à conhecida *epifania*, estilo narrativo bastante utilizado por escritores a partir do Modernismo. Clarice Lispector, escritora reconhecida, dentre outras coisas, pela mestria técnica do fluxo de consciência e pela descrição de epifanias, dá-nos um exemplo do que estamos discutindo. Abaixo, registramos um dos pontos de virada do personagem Martim, em *A maçã no escuro*, romance de 1956:

E a **coisa** se fez de um modo tão impossível – que na impossibilidade estava a dura garra da beleza. São momentos que não se narram, acontecem **entre trens que passam ou no ar que desperta nosso rosto** e nos dá nosso final tamanho, e então por um instante somos a quarta dimensão do que existe, são momentos que não contam. **Mas quem sabe se é essa ânsia de peixe de boca aberta que o afogado tem antes de morrer**, e então se diz que antes de mergulhar para sempre um homem vê passar a seus olhos a vida inteira; se em um instante se nasce, e se morre em um instante, um instante é bastante para a vida inteira (LISPECTOR, 1999, p. 116, grifos nossos).

A *coisa*, impossível de ser narrada, embora passível de ser experienciada, figura no limiar entre a experiência mais interna e a ânsia de verbalizá-la. Nessa dialética entre interior e exterior, dá-se a autopercepção como percepção do outro, único caminho pelo qual podemos fazer do Momento de Maomé um espaço de criação de sentidos. O momento de epifania dá-se no espaço *entre* e configura-se como *apelo ao outro*: apelo ao ar que vem do mundo, para nos salvar da morte; apelo à palavra do outro, que nos salva dos confins da não-sociabilidade. Se, em Bakhtin (2019b), o Momento de Maomé faz passar a vida inteira diante dos olhos, em Lispector (1999) esse momento é “bastante para a vida inteira”: continua, segue ressoando no diálogo inconcluso.

Para nós, a psicanálise freudiana atua nos e pelos Momentos de Maomé. O sujeito não morre afogado, mas apela à palavra do outro; salva-se pelo sopro dialógico de vida que desnorteia, angustia, “acorda os cães”, mas que também testemunha a elaboração desses

sentimentos em co-presença. Disponível ao outro, o psicanalista acolhe, comenta e acompanha os momentos de (trans)formação do analisando, prestando uma palavra responsiva que atua entre a análise que se encaminha ao término e a análise interminável, ecoante a vida inteira. Nesses momentos, o entrelaço entre a palavra do analista e a palavra do analisando pode ser assumida pelo último como própria e válida, atinente à necessitância de seu ser. Verbalizar, nessa atividade, torna-se coenunciação dialogizada: a experiência interna dialogiza-se com a externa, na convivência com o outro, *sendo em resposta*.

As sùmulas desta dissertação registradas até agora acenam tanto às especificidades, quanto às aberturas da cura pela palavra. Durante todo nosso percurso, observamos as possíveis especificações da cura pela palavra na terapêutica freudiana, erigindo aspectos como a estruturação ideológica na e pela troca enunciativa entre analista e analisando; o *setting* e a atmosfera axiológica do gênero balizando as relações de alteridade entre o par e a apropriação da palavra do outro pela compreensão responsiva, sempre criativa. Entretanto, *a cura refere à palavra*, assim como a definição de sujeito refere à linguagem e assim como a possibilidade de criação semântica refere ao diálogo. Há aberturas em nosso texto que acenam a contextos diversos em que o diálogo atua na vinculação da consciência participativa em correlação ao outro e ao mundo, os quais, em maior ou menor medida, curam o sujeito da desumanização.

Fazendo uma tessitura de nossas epígrafes, desponta no poema “Coral” (1950), de Sophia de Mello Breyner Andresen (2018), uma perspectiva de sujeito que interroga seu outro, para que este se revele livremente, em sua própria linguagem⁵³. O “nome”, a palavra, torna-se palco de encontro alteritário, que transforma eu-outro mutuamente, numa situação de (trans)formação dialógicamente referida. O eu-lírico do poema de Marcos Moura-Vieira (1989) parece ter passado por um Momento de Maomé, compreendendo que se pode “preencher de linguagem / e alçar voo desprezando asas”⁵⁴. Em nosso caso, as técnicas, os enquadres da atividade clínica não estão *a despeito* do diálogo, mas com ele: preenchem-se da linguagem do outro, apostam no vínculo dialógico e podem vir a inclusive modificar a técnica para acolhê-lo. Relativamente à cura pela fala, desprezar asas é apostar no poder curativo da palavra que, por natureza, é transformação e continuidade, promover a democratização da palavra como espaço de (trans)formação subjetiva. Não se trata de des-especificar nosso objeto, mas de integrá-lo

⁵³ “Ia e vinha / E a cada coisa perguntava / Que nome tinha” (ANDRESEN, 2018, p. 81).

⁵⁴ “Enquanto adolescência pensava / Que o homem era um anjo / que se abandonava / Quando envelheci / Apreendi: somos um nada / que pode se preencher de linguagem / e alçar voo desprezando asas” (MOURA-VIEIRA, 1989, p. 21).

num viés mais amplo, o único a partir do qual a especificação não é restritiva e redutora (MEDVIÉDEV, 2012).

Com o excerto de Clarice Lispector (2021), selecionado do romance *Perto do coração selvagem* (1943), vimos o quão difícil pode ser enunciar a palavra mais sincera e interior: o que se sente transforma-se lentamente no que se diz, sendo o resultado final da expressão algo outro, não completamente determinado pelo projeto de dizer. Dito diferentemente, ainda que eu queira, não me curo sem o outro, e a presença do outro modifica tanto meu projeto de enunciar, quanto a ressonância do enunciado em mim mesmo. Esses aspectos nos ajudaram a pensar a sessão de psicanálise como local de receptividade à transformação pelo encontro, algo que se faz na alteridade, no diálogo e na enunciação paulatina de nossas palavras responsivas, mas também nos dá bases para realizar uma investigação semelhante em outros contextos de interação discursiva, nos quais o encontro frutifica em mudança subjetiva, cura, transformação.

Com o poema de Manoel de Barros (2015), trazemos aberturas maiores aos nossos achados. O eu-lírico do poema sem título, publicado em *Livro sobre o nada* (1996), nos diz que a “palavra aceita tudo”. De fato, a palavra não só aceita, como também promove o segundo nascimento social do sujeito; a palavra que circulara pela boca dos outros nos dá o nome, o primeiro amparo e a possibilidade de transformação. A palavra, portanto, é o amparo basal e contínuo àqueles que buscam cura, apaziguamento às mazelas interiores. Fazendo alusão a Baudelaire, a persona lírica fala da agrura dos que passam “muitos meses tenso porque não encontr[aram] um título para os seus poemas”; porque não objetivaram, ainda, a palavra que dará título à criação. *Flores do Mal*, belo e profano, traz a antítese que acalma.

A antítese da palavra, sua dialeticidade interior, é reflexo da dialética histórica da vida vivida. Não há ponto plano nas águas da história; não há fim do questionamento, do trabalho, da luta entre vozes interiores, das disputas socialmente hierarquizadas pelo poder: “O horizonte ideológico está em constante formação, considerando que o [sujeito] não estacou em um atoleiro da vida. Tal é a dialética da vida viva” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 63). A palavra e a consciência interior são esse palco responsivo à contínua (trans)formação de múltiplos sujeitos na e pela linguagem, perpassados pela história do movimento responsivo de fazer(-se) com o outro, entrando e saindo do atoleiro da vida. Apaziguar-se na antítese é apelar ao encontro que, embora não “coloque os cães para dormir” (FREUD, 2018c), lida conjuntamente com eles, na e pela palavra.

Também, o poema traz amplas aberturas aos contextos nos quais a cura pela palavra pode vir a se dar, para além da esfera clínica terapêutica. O autor-criador do poema conseguiu, na esfera artística, encontrar alguma humanização para suas “inconexões”. Ou seja, a linguagem

artística, em estreito diálogo com a vida, opera deslocamentos que engendram possibilidades outras de enunciar a dramática egológica. “Os delírios verbais me terapeutam” (BARROS, 2015, p. 99): a arte demanda do criador a saída provisória da própria linguagem; exige o alargamento da alteridade para consigo mesmo, processos que também se verificam na terapêutica psicanalítica. Por esse viés amplo, há possibilidade de cura na arte, na vida, nas relações de amizade, nas atividades laborais, nas psicoterapias, nos grupos de atendimento psicológico... Inclusive, na escrita de uma dissertação. O convívio mais profundo com o outro, em diferentes esferas, tira-nos dos limites da desumanização, como já afirmamos.

Se nossa leitura alternativa dos textos de Freud conseguiu instigar o leitor a perceber aspectos do diálogo e da alteridade bakhtiniana na terapêutica psicanalítica, então talvez tenhamos também conseguido erguer pontes dialógicas entre os autores, o que traz ganhos para ambas as partes: para impulsionar os estudos sobre consciência e subjetividade como aspecto nodal do enunciado em Bakhtin e o Círculo, assim como para endossar as múltiplas leituras outras que foram feitas a partir da teoria freudiana, no interior do próprio campo psicanalítico, que propõem o social como aspecto constitutivo da psique. O aspecto subjuntivo de nossas considerações acena aos limites de nossos achados, que devem ser enfatizados: a) as dinâmicas alteritárias, dialógicas e discursivas especificadas na teoria freudiana seriam possíveis de serem observadas no fenômeno concreto das sessões apenas se o psicanalista assumisse uma postura dialógica em relação ao analisando; b) a interpretação psicanalítica do enunciado verbalizado/verbalizável não abarca o todo discursivo a que o analista presta sua compreensão respondente e interventiva; há, também, o silêncio, o choro, a não-presença em sessões etc., e c) a série de leituras alternativas poderiam passar do plano da prospecção teórica ao plano da descrição objetiva apenas se analisemos uma sessão concreta, o que demandaria o enfoque à prática laboral da psicanálise em relação com a linguagem.

Entretanto, transformamos o subjuntivo de nossos limites em ânsia por continuidades, o que nos faz registrar possíveis perguntas que possam animar estudos futuros acerca da cura pela palavra. Qual a especificidade do diálogo face a face travado numa sessão concreta de psicanálise, tendo em vista as relações dialógicas, discursivas e alteritárias atinentes à função social de terapia? No acontecimento de entrevistas semi-estruturadas em que emergjam enunciados de psicanalistas e de analisandos em processo terapêutico, o que se pode depreender acerca do papel da alteridade e do diálogo nesta prática clínica? A partir de enunciados emergentes em dois grupos de discussão, um entre analistas e, outro, entre analisandos, de que maneira a eficácia da cura pela palavra é tematizada, sondando pontos de convergência e de divergência axiológica entre as perspectivas do terapeuta e do paciente? Por fim, com

abordagens metodológicas que provoquem a autorreflexão dos sujeitos – como a Autoconfrontação Enunciativo-Discursiva (AED) (MOURA-VIEIRA, 2004a) –, como analistas e analisandos produzem sentidos acerca da função social de terapia na prática clínica psicanalítica, verificando a relação entre os sentidos culturais compartilhados e aqueles assumidos por sujeitos situados? Com essas perguntas, visamos a novos diálogos com nossa comunidade de pesquisadores bakhtinianos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Freud e a escrita de pesquisa – uma leitura bakhtiniana. *Eutomia*, n. 2, p. 1-19, 2009.

AMORIM, Marília. Ensino a distância em perspectiva bakhtiniana: questões filosóficas. *Em Rede: Revista de Educação a Distância*, v. 1, n. 1, p. 120-136, jul. 2014.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 95-114.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Coral e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance*. Trad. Auror Feroni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Goés Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 13-70.

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade (1919). In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a. p. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética (1922-1924). In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b. p. 3-192.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A estilística* (1934 – 1935). Trad. Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso (1952 – 1953). In: _____. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 11-69.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959 – 1961). In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 71-107.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável* (1920 – 1922). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017a.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas (1974). In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 57-79.

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970 – 1971 (1970). In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017c. p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963). Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018a.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018b.

BAKHTIN, Mikhail. O homem ao espelho (1943). In: BAKHTIN, M. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. Trad. Cecília Maculam Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019a. p. 51.

BAKHTIN, Mikhail. Sobre as questões de autoconsciência e de autoavaliação (1940). In: BAKHTIN, M. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. Trad. Cecília Maculam Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019b. p. 53-67.

BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, D; DEUSDARÁ, B.; ARANTES, P. PESSÔA, M. (orgs.). *Em discurso 4 – Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 185-200.

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo* [Antologia]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BEZERRA, Paulo. Freud à luz de uma filosofia da linguagem. In: VOLÓCHINOV, V. *O freudismo: esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. XI-XIX.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 15-30.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 61-78.

BRANDIST, Craig. Os círculos de Vygotsky e Bakhtin: explicando a convergência. In: BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. Org. Maria Inês de Campos e Rosemary H. Schettini. Trad. Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012. p. 91-111.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. *Bakhtiniana*, v. 6, n. 1, p. 268-280, Ago./Dez. 2011.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. Trad. Maria Inês Batista Campos e Nathália Salinas Polachini. *Conexão Letras*, v. 8, n. 10, p. 9-18. 2013.

CABAS, Antonio Godinho. A propósito da cura no discurso analítico. In: PEREZ, Daniel Omar (org.). *A eficácia da cura em psicanálise: Freud-Winnicott-Lacan*. Curitiba: Editora CVR, 2009. p. 45-63.

CELES, Luiz Augusto. Psicanálise é o nome de um trabalho. *Psicologia Clínica*, v. 17, n. 2, p. 157-171, 2005a.

CELES, Luiz Augusto. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*, v. 9, n. 10, p. 25-48, Jul./Dez. 2005b.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CLOT, Yves; FAÍTA, Daniel. Gêneros e estilos em análise do trabalho: conceitos e métodos. Trad. Rozania Moraes, Aline Leontina Gonçalves Farias. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 33-60, 2016.

CORDIOLI, Aristides Volpato; GREVET, Eugenio Horacio. *Psicoterapias: abordagens atuais*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. *E-book*.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos de Juíz de Fora*, v. 7, n. 1/n.2, p. 95-111, jan./dez. 2003.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre a alteridade em Bakhtin. In: PASCHOAL, C. et. al. (Org.). *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, p. 7-28, 2020.

EMERSON, Caryl. The outer word and inner speech: Bakhtin, Vygotsky and the internalization of language. *Critical Inquiry*, v. 10, n. 2, 1983, p. 245-264.

FAÏTA, Daniel. *Análise dialógica da atividade profissional*. Tradução e organização de Maria da Glória Corrêa di Fanti, Maristela Botelho França e Marcos Antonio Moura Vieira. Rio de Janeiro: Express, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Vicissitudes do encontro psicanalítico ou O susto com o momento presente. *Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*, v. 42, n. 43, p. 225-232, jul./dez. 2020.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *A mente do analista*. São Paulo: Escuta, 2021.

FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). *Obras completas*. Volume 14 (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 279-292.

FREUD, Sigmund. Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise (1912). *Obras completas*. Volume 10 (1911 – 1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 255-267.

FREUD, Sigmund. A repressão (1915). *Obras completas*. Volume 12 (1914 – 1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 82-98.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). *Obras completas*. Volume 10 (1911 – 1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. p. 193-209.

FREUD, Sigmund. O início do tratamento (1913). *Obras completas*. Volume 10 (1911 – 1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e. p. 163-192.

FREUD, Sigmund. O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise (1911). *Obras completas*. Volume 10 (1911 – 1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010f. p. 122-132.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). *Obras completas*. Volume 12 (1914 – 1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010g. p. 99-150.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). *Obras completas*. Volume 10 (1911-1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010h. p. 133-146.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise (1910). *Obras completas*. Volume 9 (1909 – 1910). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a. p. 220-286.

FREUD, Sigmund. Sobre psicanálise selvagem (1910). *Obras completas*. Volume 9 (1909 – 1910). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b. p. 324-333.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). *Obras completas*. Volume 13 (1916-1917). Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. O método psicanalítico de Freud (1904). *Obras completas*. Volume 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 321-330.

FREUD, Sigmund. Compêndio de Psicanálise (1940). *Obras completas*. Volume 19 (1937-1939). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a. p. 189-273.

FREUD, Sigmund. Construções na análise (1937). *Obras completas*. Volume 19 (1937-1939). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b. p. 327-344.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). *Obras completas*. Volume 19 (1937-1939). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018c. p. 274-326.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GIROLA, Roberto. *A psicanálise cura?: uma introdução à teoria psicanalítica*. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. *Filol. Linguíst. Port.*, n. 14, v. 2, p. 235-246, 2012.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Marxismo, psicanálise e método sociológico: o diálogo de Volóchinov, marxistas soviéticos e europeus com Freud. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 54-75, 2017.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; AMERICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 7-56.

GRIPPI, Rosanne. Construção e interpretação em Construções em análise (1937), de Sigmund Freud. *Stylus Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro*, n. 24, p. 99-105, 2012.

HERRMANN, Fabio. *O que é psicanálise: para iniciantes ou não...* 14 ed. São Paulo: Blucher, 2015.

JAKUBINSKI, Lev. *Sobre a fala dialogal*. Trad. Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. 13 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LIMA, Sandra Mara Moraes.; PERINI, Ruy. Bakhtin e Freud: aproximações e distâncias. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 80-99, 2009.

LIMA, Francisco Renato. Um olhar sobre a relação médico e paciente nos contextos de atendimento clínico: a abordagem psicanalítica e dialógica de Mikhail Bakhtin, em *O freudismo*, especialmente. *Folha acadêmica do CEGS*, n. 17, p. 13-16, 2018.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 151-166.

MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica à poética sociológica* (1928). Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEZAN, Renato. *Freud: a conquista do proibido*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MIOTELLO, Valdemir. *Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida*. São Carlos: Pedro & João, 2018a.

MIOTELLO, Valdemir. *Bakhtin e o lugar da linguagem na psicologia*. São Carlos: Pedro & João, 2018b.

MOLL, Eduardo da Silva; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; ROSA, Kelli Machado da. A sessão de psicanálise como gênero do discurso: enquadre, terapia e encontro de vozes em visada bakhtiniana. *DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. No prelo (em editoração).

MOLL, Eduardo da Silva; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Alteridade e terapia: um olhar bakhtiniano para o conceito de construção na psicanálise freudiana. *Desenredo*. No prelo (em editoração).

MOLL, Eduardo da Silva; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. O encontro de subjetividades no enunciado: apontamentos sobre linguagem e alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin. *LETRÔNICA*, v. 13, n. esp. (supl.), p. 1-16, 2021.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MOURA-VIEIRA, Marcos. *Aperitivo poético: Coletânea de Poetas Sergipanos*. Aracaju: Prefeitura Municipal / Secretaria da Cultura, 1989.

MOURA-VIEIRA, Marcos. *A atividade, o discurso e a clínica: uma análise dialógica do trabalho médico*. 2002. 290p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

MOURA-VIEIRA, Marcos. Autoconfrontação enunciativa discursiva e análise do trabalho psiquiátrico. *Intercâmbio*, vol. 13, p. 1-15, 2004a.

MOURA-VIEIRA, Marcos. A esfera do trabalho clínico entre os gêneros da atividade e do discurso. *Polifonia*, v. 8, n. 2, 2004b.

MOURA-VIEIRA, Marcos. Bakhtin e Freud em diálogo com Dostoiévski. *Bakhtiniana*, v.1, n.2, pp. 65-79, 2009.

MOURA-VIEIRA, Marcos. O freudismo: uma crítica à ideologia psiquiátrico-psicanalítica. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 49-72.

O DIVÃ para além. [Locução de:] Daniel Omar Perez. [S. I.] Instituto ESPE – Ensino Superior em Psicologia e Educação, 19 out., 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://www.especast.com.br/epis%C3%B3dios/episode/1a8bb2ad/10-o-diva-para-alem>. Acesso em: 25 dez. 2021.

PEREZ, Daniel Omar. *O inconsciente: onde mora o desejo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

PETRILLI, Susan. A visão do outro: palavra e imagem em Mikhail Bakhtin. In: BAKHTIN, Mikhail. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. Trad. Marisol Barenco de Mello e Maria Leticia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 68-105.

PIMENTEL, Ana Paula; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Paradigmas e percepções em saúde mental: um estudo de caso à luz de Bakhtin. *Bakhtiniana*, v. 15, n. 3, p. 8-33, 2020.

PINHEIRO, Marina Assis; AGUIAR, Mariana Bentzen; CARVALHO, Glória Maria Monteiro. Limites e possibilidades de interlocução entre o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 2, pp. 254-277, 2019.

PIRES, Vera; SOBRAL, Adail. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 8, n. 1, p. 205-219, 2013.

PONZIO, Augusto. *Dialogando sobre o diálogo na perspectiva bakhtiniana*. Trad. Valdemir Miotello e alunos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012a.

PONZIO, Augusto. *Introduzione*. In: VOLOSINOV, Valentin; CIRCOLO DI MICHAEL BAKHTIN. *Freud e il freudismo: studio critico*. Curadoria: Augusto Ponzio. Tradução: Luciano Ponzio. *Mimesis Edizioni*: Milano, 2012b.

PONZIO, Augusto. *No Círculo com Mikhail Bakhtin*. 2 ed. Trad. Valdemir Miotello, Hélio Pajeú, Carlos Turatti e Daniela Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016a.

PONZIO, Augusto. Pensiero e parola in Lev S. Vygotskij. *Fórum Linguístico*, v. 13, n. 4, p. 1541-1549, 2016b.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável (1920 – 1922)*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

PONZIO, Augusto. *Encontro de palavras: o outro no discurso*. Trad. Valdemir Miotello, Cleber Conde, Camila Caracelli Scherma, Ana Beatriz Diaz, Marina Haber de Figueiredo e Roberto Leiser Baronas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

PONZIO, Augusto. Apresentação. In: BAKHTIN, M. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. Trad. Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

PONZIO, Augusto. Palavra, matéria, alteridade. Trad. Nathan Bastos de Souza e Marisol Barenco de Mello. *Linguasagem*, v. 36, p. 1-20, 2020a.

PONZIO, Augusto. *Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem*. Trad. Marcus Vinicius Borges Oliveira e Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020b.

PONZIO, Luciano. *Ícone e afiguração: Bakhtin, Malevitch, Chagall*. Trad. Guido Alberto Bonomini, Cecília Maculan Adum e Vanessa Della Peruta. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

QUEIROZ, Inti Anny. O conceito de arquitetônica na teoria bakhtiniana: uma abordagem historiográfica, filosófica e dialógica. *Estudos linguísticos*, n. 46, n. 2, p. 625-640, 2017.

RIBEIRO, Kelli da Rosa⁵⁵. A complexidade do encontro de esferas discursivas: o caso da mídia e da religião na contemporaneidade. *Desenredo*, v. 13, n. 1, p. 187-211, jan./abr. 2017.

RIBEIRO, Kelli da Rosa; MOLL, Eduardo da Silva. Ideologia, autoria e responsabilidade: o sujeito na contrapalavra d'O freudismo. *Revet – Revista Virtual de Letras*, v. 12, n. 2, ago/dez, 2020.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. Funcionamento do gênero do discurso. *Bakhtiniana*, v. 1, n. 3, p. 54-67, 2010.

RICOEUR, Paul. *Escritos e conferências em torno da psicanálise (1)*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Autobiografia e (re)significação. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 119-114, abril/jun., 2020.

SCHWARCZ, Yves. Abordagem ergológica e necessidade de interfaces pluridisciplinares. Tradução de Maria da Glória Corrêa di Fanti. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, 14, p. 93-104, 2016. <http://www.revel.inf.br/files/2e5e27e69e52df1113fd2b52d2d99f39.pdf>

SCHWARTZ, Yves; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa.; BARBOSA, Vanessa Fonseca. Uma entrevista com Yves Schwartz. *LETRÔNICA*, 9 (supl.), 222-233, 2016.

SEIDEL, Verônica Franciele. Os gêneros do discurso nos escritos do Círculo de Bakhtin: em busca de um conceito. In: PASCHOAL, C. *et. al.* (org.). *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, 2020. p. 374-398.

SILVA, Carlos Alexandre Araújo Benício da Costa. *Da interpretação às construções: aspectos da evolução e limites do método freudiano de psicanálise*. 2011. 98f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SOBRAL, Adail. *A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

⁵⁵ Atualmente, a referida pesquisadora assina seus escritos sob o nome de Kelli Machado da Rosa, como indicamos na nota explicativa n. 30.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volóchinov/Medvedev*. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

TALLAFERRO, Alberto. *Curso básico de psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VYGOTSKY, Lev. Mind, Consciousness, The Unconscious (1930). In: VYGOTSKY, Lev. *The Collected Works of Lev Vygotsky*. Volume 3 – Problems of the Theory and History of Psychology. Trad. René Van Der Veer. New York: Springer Science + Business Media, LLC, 1987a. p. 109-121.

VYGOTSKY, Lev. Consciousness as a Problem for the Psychology of Development (19245). In: VYGOTSKY, Lev. *The Collected Works of Lev Vygotsky*. Volume 3 – Problems of the Theory and History of Psychology. Trad. René Van Der Veer. New York: Springer Science + Business Media, LLC, 1987b. p. 63-79.

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (1978). Trad. José Cipolla Netto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e linguagem* (1934). Trad. Jéfferson Luis Camargo. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VOLÓCHINOV⁵⁶, Valentin. *O freudismo: um esboço crítico* (1927). Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. Do outro lado do social: sobre o freudismo (1925). In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas*

⁵⁶ Sobre esta referência, consultar nota explicativa n. 2.

e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 59-108.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é língua/linguagem? (1930), In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 234-265.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção social do enunciado (1930). In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019d. p. 109-146.

YAGIU, Hailton. Reflexões sobre o enquadre no acompanhamento terapêutico. *Psychê*, n. 18, p. 91-100, 2006.

ZANDWAIS, Ana. O funcionamento da subjetividade: um contraponto entre estudos comparatistas e a filosofia da linguagem russo-soviética. *Conexão Letras*, v. 8, n. 10, p. 47-58, 2013.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZYGOURIS, Radmila. *Psicanálise e psicoterapia*. Trad. Caterina Koltai. São Paulo: Via Lettera, 2011.